FON FON
ANNO XXIII — N.º 50
Rio, 14 de Dezembro de 1929
PREÇO: 1$000

— Quando soffria um ataque de enxaqueca,

a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.

Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de

Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!

Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

"o meu unico allivio"!

Não affecta o coração nem os rins.

O conto brasileiro

O HOMEM QUE VIVIA MORTO

I

AQUELLA manhã de domingo, muito chuvosa, era insipida. Ninguem se aventurava a sahir fóra de casa, pois a cidade era monotono, aborrecido. O proprio centro, sempre cheio de gente azafamada, atarefada com os negocios, encontrava-se abandonado. Raros eram os transeuntes que passavam rapidamente, em demanda ao porto do electrico para conduzil-os ao lar. Os maridos, aborrecidos, abriam a bocca num largo bocejo e se sujeitavam a aturar as caras medonhas e os filhos traquinas.

Assim sendo, na Policia Central tambem não havia serviço. Não sei si já repararam. A intemperie tambem influe no cadastro policial. Não é necessario um demorado estudo psychologico. Entra pelos olhos de quem trabalha junto á policia. Em dias de muito calor, os assassinatos se commettem com a maior facilidade. Nessas occasiões os esposos se lembram de que a mulher é infiel; o namorado se convence de que a companheira já não o ama como antigamente; o vendeiro da esquina mette na cabeça a idéa de que o devedor precisa saldar a conta já. Uma velha e vae dahi, zaz! agarram do revolver e pum! pum!, ergue-se o panno desse grande palco que é a vida e no scenario surge um homem estendido por terra numa grande poça de sangue e o criminoso ainda empunhando a arma fumegante.

Não se riam. Esta é a realidade. Observem e depois hão de concordar commigo. O mesmo se não dá em dias frios ou quando a chuva dispensa o trabalho dos fiscalizadores da Prefeitura. Ninguem quer se tornar assassino para, durante alguns annos, comer á custa do Estado. Os proprios motoristas, sempre implacaveis, têm alguma condescendencia para com os pedestres e não os atropelam a torto e a direito. A humanidade, nessas occasiões, se irmana e junto vae dissipar o tedio em casas de tavolagem, a um cabaret ou n'um cinema, — tudo isto, porém, com socego, sem provocar disturbios nem armar graves conflictos. Os ladrões pódem agir socegados. Estão arrombando aquella porta? Deixal-os. Para que ter o trabalho de ir buscar a "Mauser" ou o "Schmith" para obrigal-os a fugir? Si ha tanto tempo para depois a policia trabalhar e prendel-os... E' preciso deixar de lado essas ninharias. E socegadamente viramos a cabeça para o outro lado do travesseiro e continuamos a dormir.

II

POIS, senhores, assim era o dia de domingo. Na Policia nada de importancia fôra registrado. Afóra um accidente no trabalho, o escrivão e seus auxiliares não tiveram que abrir inqueritos volumosos, maçadores, e encher, a tinta, folhas e folhas de papel. Os inspectores, vulgarmente conhecidos por "secretas", passeiavam de um lado para outro. Rememoravam façanhas; lembravam, entre risos e chacotas, esta ou aquella prisão de vigaristas, escrunchantes, punguistas, ou afanadores de p e n n o s a s, tudo isto no "dialecto" usado pelos malandros.

O delegado de serviço, como sempre acontece, ainda se encontrava deitado. Parece impossivel mas é verdade. Geralmente, quando se procura a "autoridade de plantão", esta não póde attender, porque se encontra sob as cobertas... Tendo confiança extrema em seus escreventes, o dr. Godinho descançava, muito embóra já quasi batessem as dez horas e tivesse ido dormir á meia noite.

Acontecia o mesmo na Assistencia. Os facultativos passeiavam, sendo imitados pelos enfermeiros. Fumavam displicentemente cigarros e charutos. A' falta de serviço, todos os semblantes irradiavam satisfação. A gente é assim mesmo (e eu tambem!): só está satisfeita quando nada tem a fazer e está ganhando dinheiro, da mesma fórma.

Na sala dos reporteres, — uma larga mesa e cinco ou seis cadeiras onde descançam os doentes que vão solicitar bilhetes para consultas na Santa Casa — a indolencia era semelhante. Um, lia os j o r n a e s da manhã; outro, muito concentrado, cabelleira revolta, compunha lyricos alexandrinos, d e d i c a d o s á noiva, em viagem; aquelle, acaloradamente, discutia com o companheiro uma collocação de pronome, acompa-

O COMMENTARIO

A ininterrupta successão de roubalheiras administrativas que se verifica quando ha governos serios e bem intencionados, como, sem favor, é o do sr. Washington Luis, deixa a opinião publica de cabellos em pé. Vêm umas atraz das outras, demonstrando que a regra quasi geral no alto funccionalismo, infelizmente, é a deshonestidade. A falta de escrupulo no manejo dos dinheiros publicos erige-se em padrão dos chefes de serviço e desmoraliza o paiz.

Desde que o actual presidente da Republica assumio o governo que se cansa de receber denuncias contra as ratazanas e de mandar agarral-as nas ratoeiras dos inqueritos rigorosos. Repartições importantes têm sido passadas pelo crivo de commissões especiaes e os escandalos rebentam como vulcões de lama: Caixa de Amortização, Inspectoria de Portos, Recebedoria, Alfandega, Imprensa Nacional.

Não será o caso de se crear um serviço especial de policia social para indagar como se geram certas fortunas nababescas da noite para o dia, em que fontes secretas vão buscar certos funccionarios o dinheiro com que ostentam luxo incompativel com suas posses? Parece que urge essa fiscalização policial.

nhando as palavras com valentes murros.

O Salvador, petulante amostra de bigodinhos e cabellos á escovinha, pertencente a um vespertino explorador de notas revolucionarias, berrou ao que estava enterrado em uma cadeira de alto espaldar, ao lado:

— Dia morto, heim? Não temos nada de sensacional... E o secretario do meu jornal ainda pediu que levasse bastante noticias!... Nada como a falta de materia para fechar a pagina. Qual! isto assim vae muito mal, vae muito mal...

— E' verdade. Mas, você póde estar certo de que amanhã teremos alguma cousa muito grave. Esta calmaria é prenuncio de crimes e desastres em quantidade. Tome nota disto porquanto difficilmente eu me engano.

O leitor já teve occasião de conversar com algum reporter? Não? Pois é uma pessôa de bastante sorte, palavra. O reporter, como é natural, é um homem egual aos outros, com uma differença: além de bisbilhoteiro, é convencido. Presumidos, julgam-se infalliveis e, ainda, eruditos como ninguem. Pobre de quem cáe na asneira de contradizel-o! Si palavras ferissem, esse herói morreria assassinado.

III

NISTO, entrava sala a dentro, em direcção ao cartorio, um homem apressado. Trazia no rosto indicio inconfundivel de quem tem assumpto sério a tratar. Os rapazes da imprensa, verdadeiros abutres, faro de cães de caça, logo pegaram no ar que iam ter serviço a valer. Por isso, dois ou tres acompanharam a esquisita figura.

— O delegado de serviço, onde está? Preciso falar-lhe urgentemente. E' necessario. Tenho muita pressa.

Socegadamente, o ordenança adeantou-se e respondeu-lhe:

— O doutor não póde attendel-o agôra.

— O'ra essa! Que maçada! Não ha ninguem que o substitua?

— Fale com esse moço. E' a mesma cousa.

Apontou-lhe um homem de bigodes e cabellos ruivos. Era o sub-delegado.

— Que quer você?

— Venho aqui para um caso importantissimo.

— Então diga lá.

— Acabo de ser assassinado! — respondeu o homem, todo afobado.

A autoridade deu um pulo da cadeira.

— Heim? Que? Você está maluco ou quer brincar commigo? Explique-se e já!

— Nem uma cousa nem outra, "seu" doutor, — affirmou, imper-

O Homem que vivia morto

(Continuação)

turbavelmente. Estou dizendo uma verdade. Si quizer verificar com seus proprios olhos, acompanhe-me.

O sub-delegado immediatamente mandou dar signal de crime e os outros se apromptaram para vêr o que se passava de extraordinario, inclusive os rapazes dos jornaes. E a caravana policial partiu, celere, rapida, cortando as ruas e sobresaltando as poucas pessôas que se encontravam nas mesmas.

IV

O homem ia indicando o caminho e, depois de duas horas de marcha, chegaram a uma moita existente nos mattos da Lapa. Lá, de facto, estava o cadaver de um rapaz, decentemente trajado, apparentando ter vinte e tres annos. Não mais. Apresentava ferimentos produzidos por bala no frontal e no hemithorax esquerdo, bem como um ferimento inciso na perna direita.

— Está ahi, doutor. Já vê que não menti. Fui ou não barbaramente assassinado? Não ha engano possivel. Quem está no chão, ensanguentado, já frio e com o corpo todo crivado de balas, sou eu!

O sub-delegado incontinenti mandou prendel-o, suppondo-o o criminoso. Deu ordens a dois inspectores para que fossem prevenir a technica-policial, bem como o delegado de Segurança Pessoal. Pouco depois, ambos compareciam ao local.

Alguns dias depois, o crime estava completamente desvendado. A victima fôra assassinada por questões de dividas, mas não pelo homem que encontrára o cadaver. Aquelle só servira para dar parte á policia do macabro achado. Elle, coitado, fôra enviado para um manicomio, onde ficou em observação.

Trabalhando num dos jornaes da tarde de São Paulo, assisti a todas estas scenas. Resolvi, achando o caso interessantissimo, proseguir na reportagem. Após algum trabalho, consegui saber o endereço da familia do pobre louco. Graças á minha persistencia, tenho em meu canhenho todas as notas precisas. Por isso, nasceu este conto.

V

JAYR de Toledo era um estudante de direito. Cursava o terceiro anno. Tinha, então, vinte annos. Um dia, sem que seus progenitores esperassem, resolveu abandonar o estudo. Interrogado sobre os motivos que o levavam a essa attitude, respondeu ao pae:

— A questão é simples. Morri hontem á tarde. Parece-me que é impossivel continuar na Faculdade. O sr. não é da mesma opinião?

O pae não era, não. Alarmado, mas ainda com muitas esperanças, disse-lhe que não gostava de brincadeiras desse jaez. O rapaz ficou encolerizado. Então, não acreditavam no que dizia? Já não affirmára que estava morto? Por si o seu enterro seria realizado ás 16 horas desse mesmo dia! Agarrou um jornal e mostrou uma noticia de fallecimento inserida na secção de chronica social.

— Olhe aqui. O nome, de facto, está trocado. A culpa, todavia, cabe ao revisor, ao paginador, ao diabo que carregue toda a prensa. São uns estupidos que nem sabem lêr! O facto é este. Não ha mais remedio, vou apodrecer sob a terra.

E alli mesmo, deante da familia enternecida, começou a descrever o que seria o seu enterro. O carro sahindo de sua residencia, com muito acompanhamento, e outro carro cheio de corôas com sentidas dedicatorias. "Ao querido filho, saudades eternas de seus inconsolaveis paes". "Ao inesquecivel Jayr, ultimo adeus dos collegas de turma"...

Depois... Depois a chegada ao cemiterio, a ultima morada de toda gente. O atropelo dos amigos para conseguirem alcançar uma alça do caixão dourado, e carregal-o solennemente para a capella. E o trajecto desta para a negra cóva já aberta? Seria uma verdadeira apotheose.

Na manhã seguinte, os jornaes estampariam os mais variados aspectos photographicos sobre o enterro, com sentidas legendas. Não adjectivos em quantidade. Não faltariam as chapas de sempre: "bondoso rapaz, era querido de todos"... "seu coração, todo ternura, conquistava verdadeiras amizades"... "prodigo, amigo da pobreza, pertencia a varias instituições de caridade"... E assim por deante.

VI

EXAMINADO por um especialista, este affirmou que Jayr era um maniaco, egual a muitos que por ahi andam, sem fazer mal aos semelhantes. Estava obsecado pela idéa da morte. Condoido da sorte do filho, o pae, lho Toledo não quiz envial-o para uma casa de saude indicada. Si toda humanidade é doida varrida... Um a mais, um a menos não faz falta nenhuma. E Jayr ficou a vagar pelas ruas da cidade.

(Conclúe na pagina ...)

Offereça...

Alegria-Esthetica-Felicidade

"O presente que segue presenteando"

Approxima-se o fim do anno. Porque não levar aos entes queridos a inspiração suprema da musica?

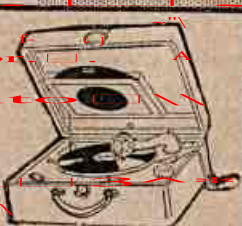
Nenhum presente é tão bem recebido e tão estimado como uma Victrola Orthophonica, um novo Radio Victor ou a nova e famosa Radio-Electrola Victor.

Cada movel Victor é um triumpho esthetico... tanto em construcção como em mão de obra. Tanto o dono de um lar modesto como o do palacete mais sumptuoso, sentirão orgulho em possuir um destes instrumentos. Visite hoje mesmo qualquer commerciante Victor de sua localidade e peça-o que lhe faça uma demonstração dos ultimos modelos que lançamos no mercado...

Sem duvida alguma V. S. encontrará um que o agrade e que poderá ser adquirido por um preço extremamente modico.

Victrola Orthophonica Modelo 4-40

Modelo 10-35

Radio Victor Modelo R-32

Modelo 2-55

Modelo 4-20

Radio-Electrola Victor Modelo RE-45

A Nova

Victrola

Orthophonica e

Radio-Electrola Victor

Distribuidores Geraes: Paul J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 253; The Dental Mafg. Co, of Brasil, rua Ouvidor, [illegible]; Vasco, Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, [illegible]; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., Ao Olivier, Ouvidor, 163; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaeffer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Bohm & C., rua Assembléa, 71; Compassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelando Salgado & C., rua S. Christovam, 211; Casa Mercedes Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvel Villela, rua 13 de Maio, 44; J. F. Mello & C., rua Marechal Floriano, 229; Carlos Wehrs & C., rua da Carioca, 47; Lino José Barbosa, Av. Rio Branco, 159.

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION—RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, N. J., E. U. da A.

O MEDO

(Algumas anecdotas interessantes sobre seus effeitos.)

NINGUEM póde dizer que não haja sentido medo alguma vez em sua vida. O homem mais corajoso do mundo deve ter passado por um transe em seu espirito, que fraquejou.

A coragem de Cesar é proverbial; entretanto, o valeroso subjugador de povos confessa ter-se deixado dominar por esse estado de animo que nos parece improprio dos grandes guerreiros.

Por esse mundo de Deus andou, em tempos, o famoso marechal de Luxemburgo semeando o panico. As armas dos homens que elle commandava não conheciam a derrota, e, no emtanto, esse arrojado combatente sentia um medo irresistivel nas vesperas das batalhas. Como homem verdadeiramente valeroso, o marechal não se envergonha confessando que no dia anterior ao das batalhas seu apparelho digestivo funccionava com certa irregularidade, peccando por excesso.

— Nesses momentos — diz — deixo que a materia faça o que entender para conservar integro o espirito no instante da acção.

O general Murat era o que se chama *um homem feroz*. Só a sua presença amedrontava o inimigo. No emtanto, em Madrid, e em consequencia do clima dessa cidade, contrahiu uma enfermidade nervosa. Durante os processos da enfermidade, se suppunha cercado de duendes e fantasmas, que o ameaçavam com grandes punhaes e tremendas navalhas, o que causava compaixão aos que o rodeavam, e algumas vezes haviam sido testemunhas de sua temeridade.

UMA TERRIVEL AVENTURA NAS TRINCHEIRAS

DURANTE a guerra européa, deram os combatentes de um e outro lado provas inequivocas de grande coragem, mas tambem se registaram scenas de panico, tanto de uma parte como de outra. O panico entre os exercitos combatentes se apresenta em geral quando as tropas não se acham em boas condições de sanidade e mais particularmente nas mal nutridas. Por isso o general Haig recommendava fazer os soldados combaterem em*quanto têm ainda no estomago sua porção de carne.*

Como já dissemos, na ultima grande guerra se verificaram innumeros episodios provocados pelo panico, ora individual, ora collectivo. Recordemos um, verdadeiramente tragico e singular. De uma trincheira franceza haviam sahido para um serviço de reconhecimento varios soldados. A' frente da patrulha ia um delles, talvez o mais corajoso. Em certo momento, o *poilu* que ia á frente, arrastando-se como os outros, se ergueu para incitar, com o exemplo, os seus companheiros para o avanço. Havia surprehendido um posto inimigo. De repente se ouviu o assobiar de uma granada. Um estilhaço desta decapitou o referido soldado. Seu corpo, sem cabeça, continuou caminhando durante alguns segundos.

Essa scena tragica produziu tal horror entre os collegas do infeliz, que dois delles enlouqueceram.

O CORONEL E O FANTASMA

EM um café provinciano de uma cidade cujo nome não vem ao caso, como não o vem tambem o do paiz, se falava, um dia, numa reunião de amigos, de certo castello abandonado onde, segundo o vulgo, havia fantasmas. Um coronel disse, então, que se comprometia a passar a noite no castello sem ligar importancia ás apparições. Alguns rapazes resolveram, então, e o combinaram entre si, pregar um susto ao coronel, e apostaram o jantar para todos si o militar cumprisse sua palavra. O coronel acceitou a aposta, mas, desconfiando de alguma trama, fez a seguinte advertencia:

— Eu passarei a noite no castello. Previno, porém, que fantasma que se aproxime de mim se expõe a ser alvo das balas do meu revolver.

Chegada a noite, o coronel foi para o castello. Sentou-se em uma cadeira, tendo á mão a arma que levava para sua defesa. Quando ficou só — pois o acompanharam varios de seus collegas que haviam feito a aposta — começou a ouvir ruidos e lamentos. De repente, no fundo da sala surgiu um fantasma (um dos jovens do café se envolvera em um véo branco e conduzia na mão uma bandeja, onde havia uma chamma funeraria). O coronel, impassivel, intimou o fantasma a não avançar, apontando-lhe seu revolver, convencido de que, si fosse um trocista, este se amedrontaria. Tal, entretanto, não se deu. O fantasma continuou avançando para o coronel. Este disparou sobre o fantasma. Sereno, o pseudo enviado do outro mundo deixou cahir a bandeja e devolveu ao coronel a capsula deflagrada, que parecia não ter feito o menor damno em seu corpo immaterial. E o coronel, que era homem de comprovada coragem, foi presa de tal medo, que no dia seguinte ingressava em um manicomio.

O ATAQUE DAS AGUIAS

INNUMEROS são os episodios em que o pavor encaneceu o cabello daquelles que o experimentaram. Recorde-se o caso de Maria Antonietta na vespera do dia de sua execução.

Em Sardenha, os camponezes são muito affeiçoados á caça de aguias. Em 1839, tres irmãos haviam descoberto um ninho dessas aves em Domus Novas. Escolheu-se á sorte aquelle que devia ir caçar as aguias. O escolhido muniu-se de um sabre e, amarrado a uma corda, se atirou, por assim dizer, a um precipicio onde estava o ninho. Este continha tres aguias pequeninas. Apoderou-se dellas e, quando ascendia, levando sua presa, surgiram de repente os paes. Defendendo-se com o sabre, conseguiu o camponez pôr em fuga seus atacantes. Mas, oh horror! quando ergueu a vista para ver si seus irmãos se encontravam no alto do precipicio, observou que a corda que o segurava estava quebrada, sustentando-se ainda por um delgado fio. Quiz gritar e não poude. Seus olhos, espantados, quasi lhe saltam das orbitas. Apesar do pavor, consegue, por fim, chegar são e salvo á beira do precipicio. Mas seu cabello, negro como o ébano, se havia tornado tão branco que seus irmãos não o reconheceram.

O HOMEM QUE SE DESFAZ

ACONTECIMENTO verdadeiramente tragico é o seguinte: ... atravessando um bosque, um aldeão foi fulminado por um raio. O corpo inanime do desgraçado ficou intacto e erguido, apoiado em uma arvore. Mais tarde passou por ali um vizinho do fulminado. Este chamou seu conterraneo. Como não obtivesse resposta, se approximou e, ao passar-lhe a mãos pelas costas, verificou, horrorizado, que aquelle homem se transformara em um volume de cinza. O medo do que viu isso foi tanto, que o fez cahir victima de uma apoplexia.

Si fossemos narrar todos os mais casos semelhantes, esta chronica não teria fim.

Vers la Joie..
parfum de grand luxe
ultima creação de Rigaud, exerce uma attracção imperiosa. A belleza encontra em Vers la Joie a emanação original e distincta que a perfuma
RIGAUD
16 rue de la Paix
paris

A MULA

GASTON GUILLOT

NO momento em que os soluços da campa vieram torturar tantos corações e molhar tantas palpebras, verifiquei, adaptado a uma chapa oscillante, de um apparelho automatico, a justeza deste velho dictado:

"Quem muito se pesa, bem se conhece. Quem bem se conhece, sabe conduzir-se".

Asseguro que me sabia conduzir bem. A agulha do quadrante indicava uma cifra, relativa ao joven que eu era: oitenta e sete kilos.

Oitenta e sete kilos!

Era um lindo peso...

A minha tola vaidade de civil estava satisfeita. Eu me glorificava das minhas faces rubicundas, dos meus hombros largos, do meu abdomen avantajado.

Esperava adquirir antes os treze kilos necessarios para attingir o numero cem. Depois, então, eu me deitaria sobre os louros colhidos. Ha ambições despoticas e crueis: a minha era tão adiposa quanto pacifica.

Observando á risca as indicações da minha caderneta militar, abandonei a multidão entre a qual eu sonhava com um doce futuro. Puz um pouco de ordem nos meus negocios privados e beijei lindas faces. Apertei mãos nervosas e desappareci, na estação d'Est, em um vagão cheio de tumulto e coberto de folhagens, vagão esse que me conduziu até Troyes, onde desci.

A caserna...

Os meus oitenta e sete kilos se dissimularam sob um amplo capote azul-escuro. Era magnifico!

Comecei a descantar o dia seguinte, quando eu deveria marchar com os meus camaradas.

Esses esbeltos caçadores martelavam o passeio com um passo rapido e subtil, um passo que desde os primeiros metros, não pude mais acompanhar.

Um quarto de hora após a partida, eu já necessitava de um binoculo para divisar ao fundo do horizonte, os ultimos elementos do batalhão.

Em summa, a campanha se annunciava muito mal para mim.

Eu experimentava as mais vivas inquietudes. Suppunha que a minha companhia iria bivacar no seio da Floresta Negra agora, que, impossibilitado pela minha corpolencia, eu não havia franqueado as cristas dos Vorges.

A 9 de agosto, na linha estrategica, um trem especial nos esperava. Fiquei satisfeito. Foi muito doloroso para mim atravessar a pé os departamentos que nos separavam da fronteira.

Ora, para ir do bairro a estação era preciso fazer uma longa caminhada da cidade até lá e desfilar, em passo cadenciado, nesse terrivel passo de caçadores, entre alas de cidadãos agrupados sobre todo o percurso. Aguentei a marcha durante alguns minutos. Depois, confessei a minha fraqueza.

Quando e arfando, abatido, lamentavel, saí das fileiras e segui o batalhão alado, a uma distancia que se aggravava de segundo em segundo.

Quando cheguei — e em que estado! — ao caes de embarque, o meu capitão, a quem havia communicado o meu desfallecimento, me envolveu com um longo olhar.

O seu exame me foi claramente desfavoravel:

— Que mula! disse desdenhosamente batendo nas botas com a ponta da sua "baguette".

Aos vinte e cinco annos, tem-se um sangue novo e ardente. Eu me preparava para salvaguardar a minha dignidade de filho de Montmartre, protestando com energia, quando a vista dos tres galões temiveis do meu censor sellou os meus labios.

Sim! Verdadeiramente, a prudencia, a disciplina e o respeito hierarchico me constrangiam a esse silencio, que os meus paes diziam ser de ouro.

De mais, não era tempo nem o local era proprio para desafrontar. O trem apitou.

Metti-me num canto do comboio, convencido de que o meu superior estimaria mais que em meu logar estivesse uma mula e eu no vagão dos animaes.

Puz-me a tocar o meu clarinete para reconquistar o meu prestigio junto aos meus camaradas.

E' preciso dizer que toco esse instrumento maravilhosamente. Executo, a grande aria de Lakmé como a do Arlésienne. Um clarinete não é muito volumoso. Enchi as minhas vinte horas de trajecto, interpretando o maior numero de trechos possivel, no qual todo o meu repertorio.

Antes de descer do trem, em qualquer localidade lorena, o meu

caporal chamou-me á parte e me disse:

— Tu fazes o zuavo aqui com a tua musica. Mas eu queria ouvir-te tocar *Sous les Ponts de Paris* quando os obuzes cairem sobre o teu pello.

Um artista digno desse nome deve adaptar-se a todas as circumstancias. Acceitei o desafio.

* * *

Dois dias mais tarde, veio o momento de exhibir-me. O momento foi muito mal escolhido. Metralhadoras começaram a cuspir, não se sabia de onde.

Sobre a companhia, agrupado n'um pequeno valle e morto de fadiga, rodava o aspero sôpro do destino.

O praguejar da Morte demonstrava que não devia cessar tão cedo...

— Escalar baioneta!

Um *frisson* me faz gelar a espinha...

Silvos sinistros rasgam o céo. Uma chuva de metralhas se abateu sobre nós. Filetes vermelhos sobre as faces brancas. Corpos que tombam surdamente.

Uma voz motejadora domina o terror do momento.

— E o teu clarinete.

Ah! sim... O clarinete... E' curioso, eu o havia esquecido. Mas quê? Um parisiense não tem senão uma palavra.

Tiro o frágil objecto da sua bainha. E começo a tocar uma valsa.

As notas crystallinas apenas se percebem naquelle cháos formidavel. Chegam aos ouvidos do capitão, que se precipita para nós:

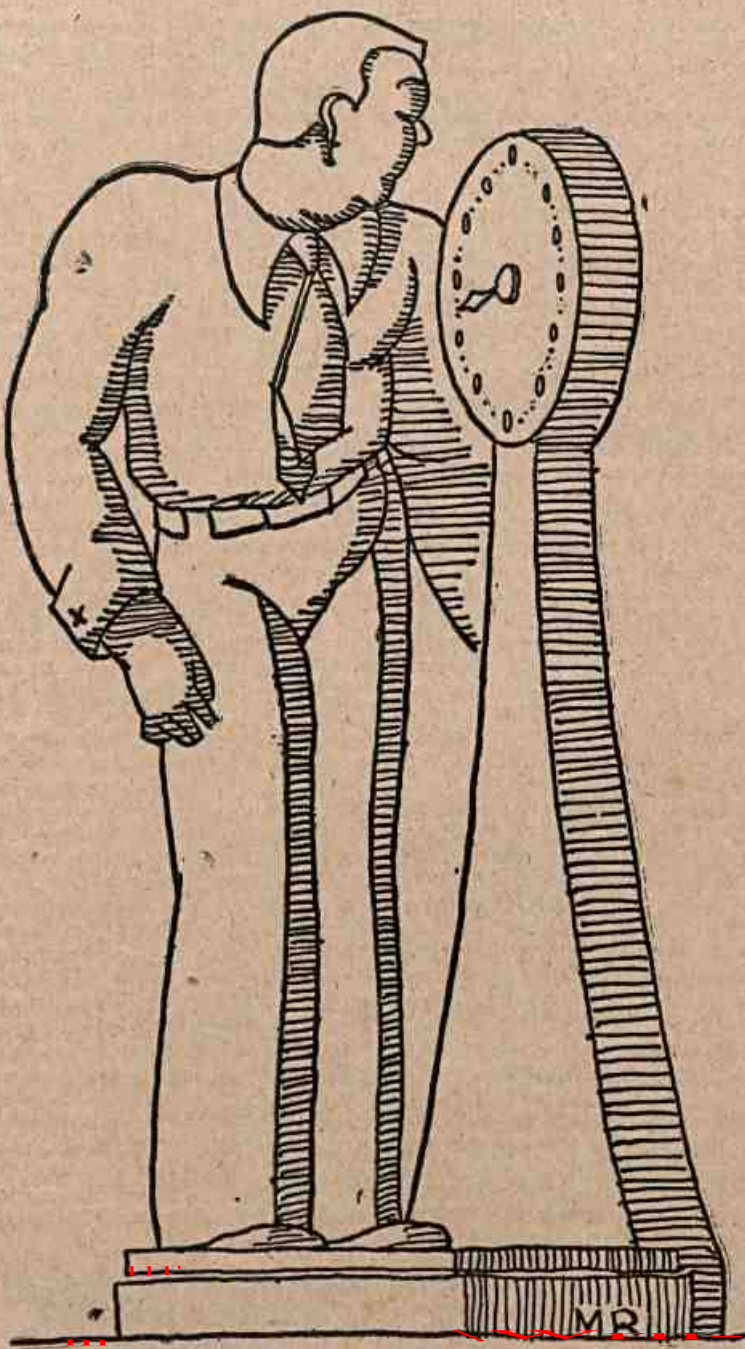
— Quem toca flauta ahi?

Tiro a minha vingança. Olho o official e, enraivecido, grito de E' a mula, meu capitão!

E eis como conquistei a reputação de soldado valente, de homem bravo. No fundo, mais de um dos meus companheiros foi baptisado heróe, que se deu, sem pensar em tal, as apparencias de coragem...

Tem a consciencia de que me ferira, daquella vez... Desejoso de reparar as coisas, elle faz blague:

— Muito bem, meu amigo! Vejo que os tratados de historia natural têm razão: a mula é um animal de sangue frio.

— E' a mula? Elle me reconhece e recorda-se de que havia dito.

(*Illustração de Marcello Roberto*)

Primeiras desillusões

De PAULO R. PAZ

CONHECI muito cedo o pesadelo de uma injustiça. Admirava minha mestra pela facil clareza com que explicava indistinctamente uma lição de moral ou o segredo da multiplicação, e nunca eu a julgaria capaz de um acto reprovavel. Assim, foi uma surpresa para mim uma recompensa que achei inferior a minhas aptidões. Mas já os poetas épicos nos ensinaram a não omittir um detalhe da relação para que a façanha heroica seja minuciosamente conhecida.

Em um concurso em que tomariam parte todos os estabelecimentos de ensino da cidade, cinco meninos, entre os quaes eu, deveriamos representar uma comedia em presença do senhor governador do Estado. Acceitei, enthusiasmado, o papel que me deram, e pedia ás pessoas de casa para que me ouvissem e me fizessem notar os erros em que incorria. O tio Pastor, homem traquejado, que vira muito theatro, e de quem se contavam as aventuras mais inverosimeis, era meu critico preferido. Collocava-se o actor deante do ensaiador e dizia seu papel da melhor maneira possivel. Os defeitos eram denunciados com serenidade: "Esse movimento de vae-e-vem não me agrada; os grandes actores são sobrios na mimica" — observava-me. "Não fales cantando — acrescentava; — tua expressão é affectada". Eu tomava nota dessas observações. Gozava da doce idade dos treze annos, em que as illusões crescem purissimas em toda a sua plenitude. De noite, antes de adormecer, ao pensar na festa proxima, julgava estar já no scenario deante da concorrencia impressionante. Até escutava os applausos que sem duvida obteria, e que eu saberia agradecer com um sobrio movimento de cabeça, á maneira dos artistas que, noites passadas, havia visto no theatro da cidade. Porque, não havia duvida que o senhor governador me chamaria para felicitar-me. O senhor governador era um personagem de barba branca, de andar repousado, de chapéo de copa alta, que eu via passar na comitiva dos dias de festa nacional, e a quem dedicava uma temerosa admiração. Quando o encontrava no meu caminho, quasi sempre acompanhado de varias pessoas, lhe dava passagem e me descobria para cumprimental-o, tal como me havia ensinado minha mãe. O senhor governador respondia com um gesto carinhoso, que enchia de jubilo meu espirito vagamente democratico de escolar. Além disso, o chefe do governo era um soldado que tomara parte em varias campanhas memoraveis para as armas nacionaes. Por seus meritos havia chegado a tenente-coronel. "Sauda-o com respeito; elle foi chefe de teu avô e é uma gloria da Patria" — dizia-me minha mãe, toda vez que o governador era thema de conversação no lar. Tal era o espectador principal deante de quem deveria eu demonstrar minhas aptidões theatraes.

* * *

MAL entrei em scena, senti logo a vertigem das alturas. Tudo havia sido preparado nos ensaios, tudo, menos o desconcerto que em meu espirito infundiu a concorrencia impaciente, que estava ali sobre mim, com seus mil olhos, espiando o mais insignificante de meus gestos. Tendo perdido já a calma necessaria, me deixei levar pela fatalidade das cousas. Em um naufragio a gente se esquece das joias para salvar a vida. Eu abandonei todas as minhas ambições de triumpho para pensar somente no momento em que tudo aquillo terminasse de qualquer maneira. Já não me importava o exito. Quasi inconscientemente, maldisse a circumstancia de haver-me imposto aquelle trabalho superior a minhas condições e do qual procuraria livrar-me de qualquer maneira. Até tive vontade de sahir correndo da scena. Mas abandonei essa idéa por monstruosa. Em um momento de lucidez, e emquanto outro collega dizia a sua parte, procurei pela sala, que me pareceu immensa, a figura do senhor governador. Um estranho torpôr se havia apoderado de mim. Falava na scena sem comprehender, como um somnambulo. Esse lamentavel estado de cousas se aggravou ainda mais com um tropeção no tapete, que esteve na imminencia de fazer-me cahir de bruços. Varios espectadores se riram. Não podia haver nada peor para mim. Eu estava aturdido. Ardia-me a cabeça. Zumbiam-me os ouvidos. Os applausos clamorosos do final não conseguiram arrancar-me ao aniquilamento em que me havia mergulhado a catastrophe. Aquillo era o infinito. Não sabia como havia começado e ignorava, em absoluto, como e quando ia terminar. Parecia-me a mim que não se havia adeantado muito, que sempre se estava no mesmo logar. Quando estalou a salva de applausos, meus collegas me empurraram detraz do panno de fundo. O supplicio havia terminado. Um suor frio corria-me na fronte. Nesse momento chegou a mestra, que me censurou cruelmente:

— Estiveste feito um burro! Não penses tomar parte em nenhuma outra festa. Tanta cousa para fazer um papelão!

Nesse momento, chegou um homem de libré, que me levou deante do senhor governador.

— Sahiram-se bem. Felicita a teus collegas em meu nome — disse-me sua excellencia.

E retirei-me, radiante de alegria.

Na manhã seguinte, se effectuou na escola uma distribuição de premios entre os alumnos que tomaram parte na festa.

Eu achava que o primeiro premio me corresponderia sem discussão. Pois si o senhor governador me havia felicitado...

Mas nunca andam de accordo as illusões com o destino.

Quando vi que me correspondia o quinto logar, senti engendrar-se em meu espirito aquillo que, em philosophia juridica, se chama a luta pelo direito. Protestei junto á mestra contra a injustiça de que era victima, injustiça que era duplamente maior, uma vez que eu havia recebido as felicitações do senhor governador.

— O governador te felicitou, não por seres o melhor, mas o menor.

Meu espirito razoavel se satisfez deante de verdade tão concludente.

E a personalidade do senhor governador ganhou meritos com esse incidente, pois vi que elle era mais bondoso do que justo. E a tal modalidade devem se ater os juizes.

Mas esta ultima illusão recebeu tambem o rude golpe da realidade. Um dia, em que entrara na casa do governador, para uma mensagem a uma de suas filhas, encontrei sua excellencia em camiseta lavando o rosto. Minha sensibilidade recebeu um choque violento. Nunca eu teria imaginado o governador lavando o rosto...

E comprehendi que a verdade é mais amiga da apparencia sensivel que da realidade material.

PRODIGIOS DE BRAVURA

EM mil e oitocentos e sessenta e sete começa a triumphar na campanha do Paraguay a cavallaria de José Joaquim de Andrade Neves, a cujos esquadrões os inimigos chamavam *caballeria hora de cuenta*.

Determina, certa vez, o grande Luiz Alves de Lima e Silva, o mais habil general brasileiro do seculo XIX, que vá Andrade Neves fazer um reconhecimento ao reducto chamado *Estabelecimento*.

Por diversos caminhos seguem os esquadrões do general gaúcho a cumprir as ordens do supremo chefe.

E que faz o bravo dos bravos? Perto do Estabelecimento, ao invés de mandar avisar o que de facto vem presenciando, resolve, de acôrdo com os seus commandados e com o auxilio da infantaria do valoroso Pinheiro Guimarães, dar combate ao inimigo.

A ordem é só fazer um reconhecimento, mas está irrequieta a gauchada; não por ostentar galhardia nem por gauchice, senão por amor da Patria; está irrequieta, não se contém, toma a offensiva e offerece combate e peleja com patriotismo, destroçando as tropas de Solano Lopez.

Depois vem o general apresentar-se a Caxias e contar-lhe o succedido.

Adverte-lhe este:

— Porém mandei fazer apenas um reconhecimento...

— Sim. Mandou vossa excellencia fazer apenas um reconhecimento; mas era opportuno o momento para o combate que previ poder realizar com grandes vantagens para a nossa gente, não obstante tivesse o inimigo de oppôr tenaz resistencia.

E insiste ainda o outro:

— Apenas um reconhecimento foi o que mandei fazer...

— E' verdade; mas diga-me: prefere vossa excellencia um reconhecimento ou uma derrota?

Sorri Caxias, de leve bate com a dextra no hombro do valente general e brada no ouvido deste, que é algum tanto surdo:

— Uma derrota!

— Então?!

Sorri Caxias de novo; de novo e de leve bate no hombro da figura imponente do heroi e põe remate á controversia:

— Está bem. Eu já estava informado de que o general e a sua gente fizeram prodigios de bravura!

H O R M I N O L Y R A

GORKY, (S. Paulo) — Ora essa! Que receio ingenuo! Basta V. Ex. ser paulista para me merecer as maiores attenções.

Não sabe que tenho grande admiração pelas suas formosas conterraneas?

Infelizmente, não posso attender o seu pedido. Gosto muito das paulistas, adoro a garoa e as glycinias de sua terra, bebo, com alegria, o café de S. Paulo; já vivi com a cabeça cheia de paulistas adoraveis — mas, francamente, não posso publicar a collaboração que me envia e que V. Ex. deu o nome significador de impressões. E sabe por que? Porque as minhas leitoras intelligentes, e, sobretudo, as moças da terra dos bandeirantes, ficariam mal *impressionadas* com as suas *Impressões*...

Quanto ao mais estou ás suas ordens...

Faço votos para que Deus lhe dê muita intelligencia, afim de que algum dia possa realisar o seu sonho dourado: ser escriptora ou mesmo escripturaria...

NORTISTA (S. Paulo) — O seu soneto não está defeituoso, sob o ponto de vista technico. Mas está fraco. E' banal, excessivamente banal. De modo que lhe não posso dar o meu beneplacito. Mande coisa melhor, e, certamente, saberei attender o seu pedido.

Quanto ao seu conterraneo, é um palerma. Além de não saber escrever, é um parlapatão quando discute. Ou melhor, não diz coisa com coisa. E si alguem lhe fôr dar trélas, naturalmente ficará no caso de se lhe poder applicar as palavras do ditado latino: "Asinus asinum fricat..." Traduza.

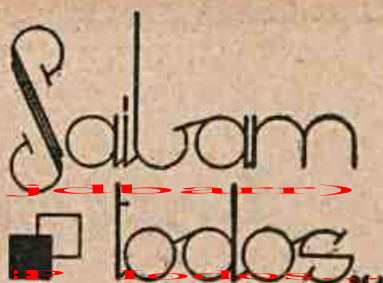
C. J. BRAGA, (Capital) — A referencia que o advogado faz ao Noé biblico está no *Velho Testamento*. O episodio é verdadeiro. Noé embriagava-se; e certa vez appareceu a seus filhos nos trajos primitivistas de Adão.

PEQUENINA PAULISTA, (São Paulo) — Ahi está! Era preciso que V. Ex. fosse uma paulista para escrever com tanta graça. Gostei da minha biographia feita em versos, pelo seu estro de humorista. Palavra d'honra como lhe achei muito humor.

Apenas devo dizer que foi injusta commigo, em affirmar na sua quadrinha:

. . . .

Em casa de Angela Vargas,
com muita arte e eloquencia,
sobre as "poetisas cariocas" —
fez brilhante conferencia.

Só as "diseuses" cariocas
são livres do seu "bisturi".

Sabem qual é o motivo?
Não digo, não! — Páro aqui.

Injustiça! Sou incapaz de fazer uma perfidia sem fundamento. Quanto ás declamadoras, nunca lhes pedi, nem sequer insinuei a idéa de dizer versos meus. Até aqui todas as homenagens que ellas me rendem, têm sido expontaneas. Já escrevi até uma chronica na secção *Evanidade* fixando a situação do poeta que é redactor de revista. Si elogiamos as declamadoras, dizem que é bajulação com o intuito de ser recitado; si criticamos, mesmo imparcialmente, affirmam que é despeito, motivado pelo esquecimento da *diseuse*. E' o caso da fabula do burro de La Fontaine.

A 3.ª edição d'O *Suave Enlevo* foi vendida á Livraria Alves. Portanto, tão disponho de um só volume. Mas se m'o enviar, com muito prazer farei a dedicatoria que me pede.

S. G. M., (S. Paulo) — Quando li a sua carta, typicamente *batatal*, lembrei-me do apologo modernista, em que o automovel vae adeante do chauffeur.

(Antigamente a allusão seria feita ao carro adeante dos bois...)

Lembrei-me de tal inversão porque o sr. ("honny soit qui mal y pense") na pobreza da sua incultura literaria e scientifica, pretendeu, como o sapateiro de Appelles, fazer ironia a proposito da citação que fiz sobre Freud. "Beati pauperes spiritu!" O sr. não comprehendeu que a psychanalyse já demonstrou que é possivel a reproducção integral de idéas e de factos, sem que haja fraude por parte do agente. E' tudo obra do sub-consciente. E como o sr., sem duvida, ignora a nova theoria do professor de Vienna, entrou a fazer espirito... triste, sobre o caso... Pobre mentalidade!

Pobre cerebro! Mas o sr. é delicioso quando, salientemente, sem se aperceber da sua mediocridade intellectual, investe, com ares de palhaço de circo Democratico: "O sr. não anda assim tão baixo no meu conceito, que precise arrimar com muletas a sua opinião..." etc.

"Beati pauperes spiritu! O automovel adeante do chauffeur! Como si eu me sentisse maior ou menor com o juizo que um jéca, alinhador de versos hediondos quizesse ou queira fazer de minha pessôa!

"Beati pauperes spiritu!"

Meu caro, o culpado da sua irreverencia sou eu mesmo. Fiz como aquelle cavalheiro que se deu ao desfructe de ir a um baile de roça enfiado na sua casaca elegante. O sr., caipira legitimo, não respeitou a minha elegante casaca — no caso é o Freud — com que appareci na festa dos seus versos mediocres, e aleijados. Está direito, poeta in[...]tavel! A uma festa de aleijados só se deve ir de roupa de brim, ou em andrajos. E a roupa de brim no caso vertente, seria, em vez de Freud, falar-lhe nesta linguagem succinta: "Seu poeta d'agua doce, a sua versalhada foi para a cesta. Os seus versos são andrajosos por tudo: pela idéa, pela roupagem, pela obscuridade do nome que assigna". Isto sim, é que eu devia ter feito. Mas noto que o sr. é esperto demais. Quer fazer nome á minha custa. Quer suscitar polemicas. Por esse motivo, me manda o seu nome por extenso — na esperança de que eu fosse discutir com o sr.; esparramando no alto do meu commentario o seu nome banal de poeta d'agua doce. Pois sim... Nesta não caio eu. O sr. só verá as iniciaes: S. G. M. (Batataes).

Depois disso, eu não posso dizer summariamente que os seus versos foram para a cesta. Podia parecer injustiça ou parti pris. E eu não posso ter prevenção com um anonymo poeta do interior.

Para que se julgue o poeta que é o sr., aqui vão os seus disticos:

TORTURA DA ILLUSÃO

Querer dentro de um sonho, é andar [...]
[cheio de [...]
Que nunca surgirão na gloria de [...]

E' ir-se pelo espaço e um turbilhão
[de estrellas
Semear... semear... e não poder [tê-las

E' subir os degráos da escada de [...]
E cacos encontrar ás feridas de [...]

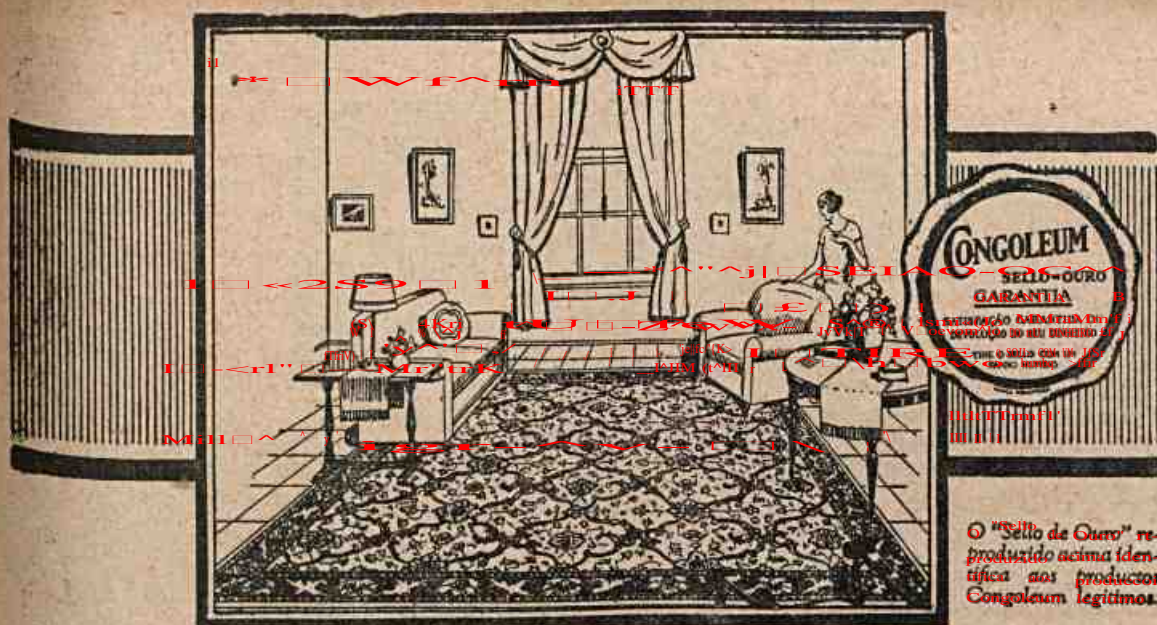
E' ter a consciência atroz do proprio
[nada
E comtudo viver uma historia [de fada

Cegando-se de luz pra treva [completa
— Alma turva de louco, em [...] [poeta

*
* *

A illusão tortura, a esperança [...]
Na triste previsão de fundo [...]

Nada disfarça em nós o amor [...]
Se esta nos chegou a ser comprehen[...]

Depois de cada sonho abandonado [...]
O que andámos vivendo á luz do pen[...]

O "Sello de Ouro" reproduzido acima identifica aos productos Congoleum legitimos.

Agora todos podem ter um lar attrahente e confortavel!

E isto sem um sensivel dispendio de dinheiro, pois os famosos Tapetes Artisticos Congoleum Sello de Ouro—indispensaveis em todo o lar moderno—estão ao alcance de todas as bolsas.

Para provar a superioridade destes inegualaveis tapetes basta mencionar que, no paiz onde mais tapetes se usam—nos Estados Unidos da America—ha muito maior numero de Tapetes Artisticos Congoleum Sello de Ouro em uso do que qualquer outro.

As fabricas do Congoleum são as maiores do mundo. Dahi, o reduzido custo da sua fabricação e o modico preço por que é vendido.

Lindos desenhos para cada quarto

Os padrões do Congoleum são sempre creações especiaes—recentissimas—dos mais celebres desenhistas de tapeçarias de Paris, Londres e Nova York. As suas côres são uma verdadeira maravilha.

Com um Tapete Artistico Congoleum Sello de Ouro no chão, ser-lhe-á facilissimo ter o soalho sempre limpo e sanitario.

Limpa-se o Congoleum num instante, com um simples panno molhado em agua—nada de poeira e trabalho fatigante! O Congoleum adapta-se ao soalho sem ser pregado de forma alguma.

Note os preços baixos

2m75 x 4m58	210$000	
2m75 x 3m20	155$000	
2m29 x 2m75	111$000	
0m92 x 1m83	30$000	
2m75 x 3m66	173$000	
2m75 x 2m75	133$000	
1m83 x 2m75	87$000	
0m92 x 1m37	22$500	
0m46 x 0m92	7$500	

Nos Estados, os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

Outras Formas de Congoleum

O Congoleum Sello de Ouro vem tambem em peças de 1m83 e 2m75 de largura. Ha tambem *Passadeiras* e *Guarnições* Congoleum com encantadores desenhos.

TAPETES ARTISTICOS CONGOLEUM *Sello de Ouro*

A venda em todas as bôas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Co. of Delaware

Caixa Postal 1605
Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12
São Paulo

Mande-nos este "coupon" com o seu nome e endereço e lhe enviaremos um Folheto Colorido, com reproducções dos bellissimos padrões destes famosos tapetes.

GRATIS—Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware, Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro

Nome ______________________

Rua e No. ______________________

Cidade e Estado ______________ ESCREVA CLARAMENTE

Não chega a ser desvrogo e é mais
[do que ruim:
A realidade vem, se fixa e nos na-
[milio.

* * *

Feliz do que passou no mundo, indif-
[ferente,
Levado pela sorte, assim, tranquilla-
mente,

Sem saber do prazer e sem saber da
[dôr-
Sem velar dentro d'alma uma pro-
[messa em flôr,

Nem mil vezes morrer em cada sonho
[vão,
Que siga o curto vôo azul de uma
[illusão.

Poderá algum poeta ser mais rococó, mas asuatico?

Seja feliz com a sua musa, seu *S. G. M.*

BLOSCO SOLÉR, (S. Paulo) — E' com um certo atrazo que accuso o recebimento do seu poema "Saudades da vida". Mas nunca é tarde para dizer uma palavra amavel e de justiça a um poeta de estro seguro como o sr.

No seu livro ha muitas bellezas. E' bem um jardim onde tudo é suave: o canto dos repuxos, a attitude das estatuas, a elegancia das arvores ornamentaes, a doçura dos lagos tristes, o perfume dos cravos e a melancolia dos poentes ou dos luares que se derrama sobre elle.

E' verdade que no meio desse jardim de maravilhas, um jardim de Semiramis, ha certas hervas más: são poucas felizmente. De um peccado o sr. está redimido: não ha artificialismos irritantes e grotescos no seu poema. Tudo nelle é sincero e expontaneo. De modo que o sr. pode gabar-se de ter feito um livro de pura poesia. E o que é mais curioso: o sr. encontrou um rythmo bom que se adapta á expressão dos seus sentimentos mais complexos.

Aqui está esta legenda, que é um primor de concisão, de fórma e emotivismo:

AMOR TYRANNO

O amôr,
como um punhal,
penetrou na minha alma...
E a minha alma sangrou de dôr!
— Ferindo bem ou mal
fére mais que um punhal
a desdita do amôr!

Parabens, presado confrade.

PSYCHÉ, (Capital). — A sua graphologia? Dolorosa interrogação. Que lhe devo dizer?

V. Ex. é uma creatura paradoxal. E' amiga do methodo, em relação a certas coisas, mas é desordenada de espirito. E' tumultuaria, irrequieta, nervosa. A sua cabeça está cheia de sonhos, de uto-

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

pias, de coisas que só existem na imaginação.

E' um tanto extravagante nos seus gostos e preferencias, apezar do forte e claro equilibrio do seu raciocinio. Dahi a sua inclinação para o philosophismo. A sua maior preoccupação é subir, vencer, triumphar; e disso parece estar convencida. Por seu gosto, abraça mil affazeres e se embriaga com a luta que enceta com a sua vida — muitas vezes por sport.

E' vaidosa, mas apparentemente simples, displicente, despreoccupada de si. E' irrequieta, agitada, vibrante, enthusiasta. Orgulhosa, está sempre contente comsigo mesma. Em summa: é uma creatura complicada, porque não pode ser facilmente definida. E' pouco affectiva, ou quasi nada. V. Ex. é incapaz de amar alguem com devoção; como tambem não é capaz de um sacrificio por outrem. E' ousada e independente nas suas idéas. E apezar de tanta contradicção não é uma egoista. E' synthetica nos seus actos e nas suas idéas e fria para o amor. E' violenta.

Agora uma nota a parte: V. Ex. não me deu o seu nome verdadeiro mas o pseudonymo de *Psyché*. Em rigor, não devia attender o seu pedido. Mas quero ser-lhe util, avisando-a de que a lesão de que soffre está adeantada. Tome cuidado com ella.

Acaso quererá perguntar-me qual seja essa lesão?

Quanto ao mais, bôas festas.

FELIPA DE LENCASTRE, (Hespanha). — Muito bem. Uma carta de Sevilha. Não sei si V. Ex. é moça ou velha, feia ou bonita. Mas o seu pensamento é encantador. Dahi dessa terra de sonho e maravilha, que o pincel dos Morillos immortalisou, e onde as rosas são mais lindas que em todos os jardins, porque têm o prestigio das legendas, que não morrem; dahi dessa Sevilha cheia de sol, de chales e de touros, de tradições e poesia, V. Ex. não me esqueceu. Num gesto de captivante gentileza, adivinhando o meu enthusiasmo patriotico, V. Ex. me envia uma serie de postaes, e, entre estes, o do pavilhão brasileiro na exposição de Sevilha. Sinceramente, é com certa emoção que leio as suas palavras: "Sevilha, outubro, 1929 — Yves — Desta terra encantadora onde o bello existe em toda parte, eu, instinctivamente me lembrei de você para lhe mandar estas vistas que talvez queira guardar como recuerdo de *Felipa de Lencastre*."

Acertou. Que as guardarei com profundo carinho. E medindo bem a belleza do seu gesto amavel, eu a imagino feliz, ahi nesse recanto de maravilhosos attractivos, e francamente, tenho inveja de não estar em sua situação...

Eh bien! dans ce pays où je ne
[puis te suivre,
Je te demande, ô toi qui seule m'as
[fait vivre
Et vas m'abandonner,
De penser quelque fois, sans haute
[ni colère,
Au logis indigent, si triste, où la
[lumière
Une heure a frissoné...

Porque esses versos me vêem á recordação, quando penso em V. Ex.? Por que me sinto lyrico, si o que nos une é uma simples affinidade espiritual?

Bem. Queira acceitar os meus votos de boas festas e felizes entradas no anno de 1930. Como fugir a essa chapa, si Papae Noel já vêm por ahi?

BRUNO MARTINO, (?). — Recebi o seu telegramma, mas surprehendeu-me que o sr. ignorasse este detalhe: nenhum jornal devolve originaes. Principalmente o *Fon-Fon*, que não pede collaborações a quem quer que seja. Que culpa temos nós que nos peçam publicação de trabalhos que não estão dentro do nosso programma?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Graphologia — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2. — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 14-12-929

Data da consulta..............

Nome do consulente..............

....

Será possivel que ainda fiquemos na obrigação e no cuidado de guardar, carinhosamente, esses originaes impugnados, para attender ao primeiro pedido de devolução?

Nesse caso, essa collaboração, que não é solicitada, seria, para nós, uma bôa prebenda, se não fosse um presente, não de Natal, que são raros, mas... de grego...

SPLEEN, (S. Paulo). — Ora essa! Conheço bem a theoria, ou melhor a arte de Lavater. Mas, meu caro, si já vivo abarbado com a graphologia, como é que ainda me vou metter em camisa de onze varas?

Respondendo á sua consulta, devo dizer que não sou um physiognomista; sou antes um amador. No emtanto, si o sr. me enviar os traços physionomicos da tal moça, eu lhe direi mais ou menos o seu caracter. Mas, para isso é imprescindivel que me envie todos os detalhes do rosto da joven com precisão. Eis a relação de detalhes:

Cabellos são louros, sedosos, castanhos, negros, espessos, etc. Testa: si larga, alta, estreita, recta, si ha depressão, etc. Palpebras: bem arqueadas. Si as pestanas são ralas ou não; a côr, si são grandes ou pequenas. Cilios: si são espessos ou não; juntos ou separados. Faces: salientes, gordas ou não. Sobrancelhas: são espessas, rectas, recurvas, compridas, finas, grossas? Olhos: a cor, o tamanho; si olha fixamente ou foge com o olhar, quando a encaram. Nariz: todos os detalhes: comprido, curto, redondo, adunco, recto, arrebitado, revirado (como o de bull-dog) narinas dilatadas ou não; fechadas; nariz ponteagudo, grosso ou alto, fino na extremidade; si faz reentrancia na raiz da espinha (pau do nariz), etc. Bocca: grande, pequena, regular, etc. Labios: grossos, finos, salientes, o superior ou o inferior); si a bocca fecha bem ou não, etc. Sorriso: é forçado ou natural? Dentes: grossos, grandes, pequenos, miudos? Excedem os la-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

bios? Voz: alta ou baixa; doce ou aspera, cantante ou não; lenta ou apressada. Nuca: a sua fórma. Orelhas: tamanho, forma, espessura, côr, etc. Riso: franco ou não? Queixo: ponteagudo ou reentrante? Largo ou estreito? Anguloso ou redondo? Saliente; regular, ao nivel do rosto, recto, perpendicular, gordo, magro? Emfim, mande todos os detalhes da physionomia da pessoa. E vamos ver si, dadas as devidas restricções, que só num exame pessoal dispensaria, lhe posso dizer o caracter da garôta por quem está apaixonado.

Mas veja bem como faz as suas observações. Qualquer erro, modificará o resultado do etsudo physiognomico.

VANESSA, (S. Paulo) — Tenha paciencia. Não posso dizer o que revela a sua graphia porque o resultado não é nada agradavel.

Agradeço os elogios que me faz.

OLHOS COR DE BRONZE (Pernambuco) — Antes de tudo: devo lembrar-lhe que amo o meu berço natal com o affecto de um verdadeiro filho expatriado... por força do Destino.

Agora, a sua carta côr de telha fabricada nas olarias de Jaboatão:

"Carissimo Yves — O meu desejo é que esta missiva ao chegar-te ás mãos te encontre de bôa saude e de bom... humor.

Escrevi-te já uma vez, pedindo-te para fazeres o estudo da minha letra; respondeste-me ser impossivel porque, Yves? Dize-me, por favor, porque. Garanto-te que não passar-te-hei uma descompustura, nem mesmo intimamente.

Sabes que estou muito triste porque só estudas a letra das paulistas?

Quando pretendes dar um passeio por aqui? Com certeza gostas mais do Rio que de Recife, mas não te condemno por isso, porque o Rio é incomparavelmente melhor que Pernambuco.

Rogo-te de joelhos que faças o estudo da minha letra, ao menos para mostrares aos teus queridos conterraneos que ainda te lembras delles e de Recife.

Confesso-me desde já summamente agradecida e peço-te que contes com a eterna gratidão e reconhecimento de

P. S. — Rogo-te a bondade de responderes para "Olhos côr de bronze".

Yves, é exacto que amas uma paulista de olhos côr de bronze. Si é verdade, pelo amor que lhe dedicas, estuda a minha letra, porque eu tambem tenho os olhos côr de bronze, apesar de não ser paulista."

Resposta:

1.º — Não faço o exame de sua letra por que seria forçado a dizer... Digo ou não digo? A graphologia affirma que V. Ex. é hypocrita: a sua calligraphia se inclina para a esquerda de quem escreve. E' signal de insinceridade e fingimento. Mas cuidado! Não vá dizer tal coisa a ninguem; 2.º — V. Ex. me pergunta quando irei ao Recife. Jura que posso "contar com sua eterna gratidão e reconhecimento..." Ora, só me decidirei a ir a Pernambuco, si V. Ex. me hospedar ahi na sua bella chacara de Casa Amarella. E' essa a gratidão e o reconhecimento que espero de V. Ex.... Está bem? Mas que susto? Estou brincando...

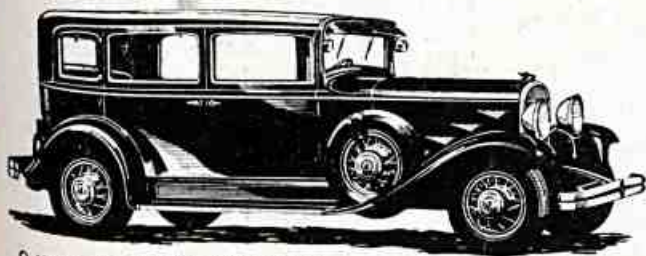
Si eu fôr ao Recife não irei comer os seus patos e perús. Não tenha medo... 3.º — V. Ex. deseja saber si é verdade que amo uns "olhos côr de bronze..." Ora essa! A gente ama é a mulher e não só os olhos... E depois diga que sou sophista, que sou habil em torcer o sentido das coisas...

Bôas festas, sim? Ah, ia esquecendo: ahi, no Recife, ainda se fazem aquelles famosos pastoris? E. V. Excia. já dançou de pastorinha, no cordão azul ou côr de rosa, enfeitada de laçarotes e lamés?

O NOVO CHRYSLER "77"

É NOVO EM TUDO

NO FUNCCIONAMENTO ... NO GOVERNO ... NO LUXO E NA BELLEZA

Até ha pouco tempo todos os automoveis eram basicamente iguaes. Hoje, não ha um só que póssa comparar-se ao Chrysler "77." Com a sua apparição começa uma nova era de desenvolvimento automobilistico que faz o motorismo assumir um aspecto muito mais efficaz.

O NOVO SEDAN ROYAL CHRYSLER "77"

CARACTERISTICOS DO CHRYSLER "77"

CARROSSERIAS ARCHITECTONICAS: — Baseadas num novo principio que elimina o barulho e rangidos, do typo dreadnought, de solidez e segurança a toda a prova; pára-brizas em melhor angulo que abate todo o reflexo offuscante.

SYSTEMA SYNCHRONIZADO DE FORÇA: — Construído numa só unidade, desde o radiador até ao eixo trazeiro; maior flexibilidade, maciez, economia e duração prolongada.

MUDANÇA SUAVE E RAPIDA: — Dá novo prazer ao motorismo; torna a mudança de velocidade o que ha de mais simples até mesmo para inexperientes noviços; desenvolve mais força; procede-se á mudança como sempre, sendo porém muito mais fácil e rapida do que costumava ser e não produz o menor ruído.

CARBURADOR DE TIRAGEM PARA BAIXO: — Nao é apenas um tubo múltiplo á gravidade, com melhorias, mas um novo meio de supprir o combustível; carborização completa; força sem arranco; maior distancia por unidade de combustão; funccionamento rápido. Bomba mechanica de tamanho extra para a alimentação.

MAIORES MOTORES: — Maior carreira de embolo; maior força em Cavallo Vapor; economia na torção e no funccionamento; veio motor contrabalançado em sete mancaes; embolos com pontes altamente ventiladas; lubrificação por pressão completa; filtro de oleo.

MAIS ESPAÇOSO: — As carrosserias têm 3 pollegadas mais de largura; de 3 a 5 pollegadas mais de comprimento, conforme o estylo; maior espaço á frente; assento dianteiro ajustavel para maior commodidade das pernas.

MAIOR BELLEZA: — Symetria dynamica, com friso de chromo; janellas em arco com architraves de chromo. Grande variedade de côres com estofamento harmonico.

MAIOR LUXO INTERIOR: — Novo typo de coxins para os assentos; estofamento de luxo para as almofadas; trabalhos de metal executados por Cartièr, joalheiros de fama universal.

MAIOR COMMODIDADE NA MARCHA: — Mólas "paraflex," pára-choques de borracha, do typo chaminé, armação com tirantes de espessura extra e dupla rampa; novos amortizadores hydraulicos.

MAIOR FACILIDADE NA DIRECÇÃO: — Freios hydraulicos Chrysler de baixa pressão, de expansão interna á prova das intempéries, ajustados ás 4 rodas; volante da direcção da espessura do dedo, de punho seguro de aço reforçado; governo facil de engrenagem deslisante; engrenagem de direcção positiva, do typo de alavanca e pratos de câme.

Guie V. S. um delles para verificar por si proprio o valor da inimitável contribuição feita em prol do aperfeiçoamento e da realização do ideal moderno para a individualização do transporte.

CHRYSLER

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Em Stock

MOTORES MARITIMOS

"Chrysler Imperial"

DISTRIBUIDORES:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

Avenida Rio Branco, 247 — Telephone Central 1744

MIGALHA

(LENDA INGLEZA)

ERA tão pequena, que, quando nasceu e foi apresentada, no *moysés* de sêda e bordados, a parentes e amigos, estes, vendo aquelle pedacinho de carne suave e rosada, exclamaram:

— Isso é uma menina? Mas, meu Deus, parece uma migalha!

E Migalha para aqui, Migalha para alli, a principio como pilheria, depois formalmente, só ficou o nome de Maria Isabel na fé do baptismo, e para todo mundo aquella encantadora pequena ficou sendo a Migalha, terna e deliciosa, que nasceu quando se abriram as rosas.

A fada Primavera, sorridente, foi a primeira a se acercar do berço e alli depositar seus dons

Raios de sol, brisas perfumadas, gottas de orvalho, gorgeai de rouxinóes, subtil polvilho de ouro desprendido das azas das mariposas...

— Assim será tua alma — disse a fada, inclinando-se para beijar a fronte de Migalha, que dormia docemente.

Mas, ao endireitar-se, viu, com espanto, Melusina, a fada fatal, que chegava tambem, para depositar sua oferenda: amargura, odio, rancores...

— Oh! — implorou a fada Primavera — perdão para ella! E' tão frágil, tão meúda, que só o presentimento da dor póde matal-a. Guarda teus dotes para aquelle que possa resistir aos mesmos. Tem piedade e afasta-te deste berço. Que queres em troca do que te peço?

Melusina sorriu, e respondeu:

— Seja. E' a primeira vez que me pedes alguma cousa, e eu quero attender-te. Migalha ficará livre de todos os meus dons, e sua alma conterá os teus. Apenas te peço que me dês as gottas de orvalho que a ella destinavas.

— São tuas — disse a fada Primavera, com immensa alegria. — Com que poderei recompensar tua generosidade?

Melusina tornou a sorrir, e, envolvendo em seu manto os terriveis presentes, olhou um instante para Migalha, com ar triumphal, e desappareceu.

. . . .

OS pequenos e delicados pés aprenderam a deslisar pela terra. Os olhos abriram-se ás cousas do mundo. A bocca começou a modular doces palavras. A alma se abriu como uma flor maravilhosa. E Migalha, sempre meúda e frágil, atravessava a vida como uma princezinha de lenda.

Polvilho de ouro havia em seus cabellos, luz de sol em suas pupillas, harmonioso trinar de aves canoras em sua garganta, petalas de rosa em suas faces...

Todos os dons da fada Primavera haviam florescido em seu corpo e em sua alma.

Mas, á medida que o tempo decorria, e evoluia o espirito para maiores alturas, começou Migalha a empallidecer, a declinar como lampadas sem azeite, a murchar como uma flor privada de agua, e uma tarde cálida e serena adormeceu em seu berço para só despertar no céo.

Transida de dor, a fada Primavera soluçava sem consolo junto ao ninho vazio, ainda quente, quando uma voz, a de Melusina, a fez estremecer. Dizia ella:

A FELICIDADE DA MULHER EM SUA CASA DEPENDE DE ..

...CONFORTO

A CASA para offerecer conforto á mulher — para dar prazer durante todas as estações, deve estar protegida das condições do tempo.

Para esta protecção, existe o Celotex, a unica madeira isolante feita das mais fortes e longas fibras do bagaço da canna de assucar.

Celotex é hoje indicado pelas esposas desejosas de conforto, aos seus maridos, não só para conforto do seu lar como tambem por ser economico e prestar-se a qualquer acabamento.

Residencia á Rua Marechal Pires Ferreira No. 47 — Laranjeiras — Rio de Janeiro, que encontra-se ao abrigo do calor e do frio. Está protegida com Celotex.

CELOTEX
INSULATING LUMBER

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

SÃO PAULO
RUA FLOR DE ABREU, 130-A

RECIFE
RUA BOM JESUS, 237

PORTO ALEGRE
RUA CAP. MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

O COMPROMISSO

QUANDO eu tinha apenas doze annos, meus paes decidiram que eu devia casar-me com Bertha Martedot, e eu acolhi essa resolução com indifferença. Estava ainda tão longe para mim á época em que teria que contrahir nupcias!

Passaram-se muitos annos. Terminei meus estudos e fiz meus serviços militares, sem que voltasse a me lembrar de tal compromisso. Até que, uma manhã, — dois annos depois que meus paes haviam morrido — recebi uma carta do senhor Martedot, na qual, além de recordar-me o compromisso contrahido, me induzia a cumpril-o o mais rapidamente possivel.

Que fariam os senhores em meu logar? Ora, simplesmente, o que fiz, ou seja transportar-me á capital do Estado em que residia minha futura esposa

— Talvez seja bonita — pensei. — E si, afinal de contas hei de acabar casando-me, mais vale que seja com esta, que tem um bom dote.

O senhor Martedot estava á minha espera, na estação, e, mal me viu, veiu ao meu encontro, exclamando:

— Meu filho!

Era um homem de aspecto sereno, que emmoldurava seu rosto numa barba grisalha. Suas primeiras palavras foram estas:

— Fico satisfeito que sejas homem de palavra. Bertha e tu estão noivos ha muito tempo e não ha necessidade de prolongar mais essa situação. Determinei, por conseguinte, que vos caseis dentro de quinze dias.

Estas palavras me fizeram estremecer. Mas quando verdadeiramente estremeci foi ao apresentar-me áquella que dentro em pouco havia de ser minha esposa. Era de uma fealdade tão horrivel, que immediatamente vi que não seria capaz de casar-me com Bertha.

Fiquei para jantar em sua casa, e esse jantar — no qual tive que corresponder ás attenções que os Martedot me dispensaram — foi para mim um supplicio espantoso. Mas não tão espantoso como o esforço que tive de realizar ao chegar á sobremesa, quando o chefe da familia, levantando sua taça, gritou:

— Brindo á vossa eterna felicidade! Abraço-vos!

Ao recolher-me aos meus aposentos, comecei a martelar minha cabeça, procurando um meio que me permittisse sahir honradamente do compromisso em que me havia mettido. E, além do suicidio, não me occorreu sinão um, que puz em pratica immediatamente.

Assim foi que, á meia noite, comecei a pedir soccorro a grandes gritos, fingindo as convulsões de um ataque nervoso e deitando, pela bocca, grande quantidade de espuma, proveniente de um pedaço de sabão que tive o cuidado de metter nella.

— Chamem um medico! — gritei.

E quando este se achava á minha cabeceira, lhe expliquei:

— Perdôe, doutor, mas.... tudo isto não passa de uma comedia. Vim da minha terra com intenção de casar-me com a senhorita Martedot, a quem não conhecia pessoalmente. E não me sinto sufficientemente heróe para fazel-o. Rogo-lhe, assim, que diga ao pae dessa moça que eu estou gravemente enfermo, e desse modo me terá salvo do compromisso. Eu saberei recompensal-o.

O medico pensou um pouco, vacillou, mas, afinal, me respondeu:

— Bem. Não ha inconveniente nisto.

E, sahindo de meu aposento, declarou ao pae de minha noiva:

— Esse rapaz é um epileptico incuravel.

— Então.... acha o doutor que não devo casar minha filha com elle?

— De modo algum!

Duas horas depois, eu sahia daquella casa completamente livre de meu compromisso.

E, como o medico tinha uma filha muito bonita, resolvi casar com ella, em signal de agradecimento.

ROGER REGIS.

— Fazes bem em choral-a, pois só tu foste a causa de sua morte.

— Eu? — exclamou a fada Primavera, horrorizada.

— Sim, tu. Temerosa de meus dons, cedeste-me o melhor dos teus, julgando que, sem elle, a vida era possivel. Pobre menina! A que doloroso supplicio a con-

MIGALHA — (conclusão)

demnaste! Adeus! Si novamente nos encontrarmos junto a um berço, não me impedirás de acercar-me delle. Tua dor e teus remorsos te terão ensinado que ha para os mortaes algo melhor, algo maior que o ouro, que a luz, que os alegres gorgeios e a brisa embalsamada

. . . .

Melusina, ao tirar da alma de Migalha as gottas de orvalho, havia levado comsigo o dom precioso das lagrimas.

H. RATSI.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — SECRETARIO: Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

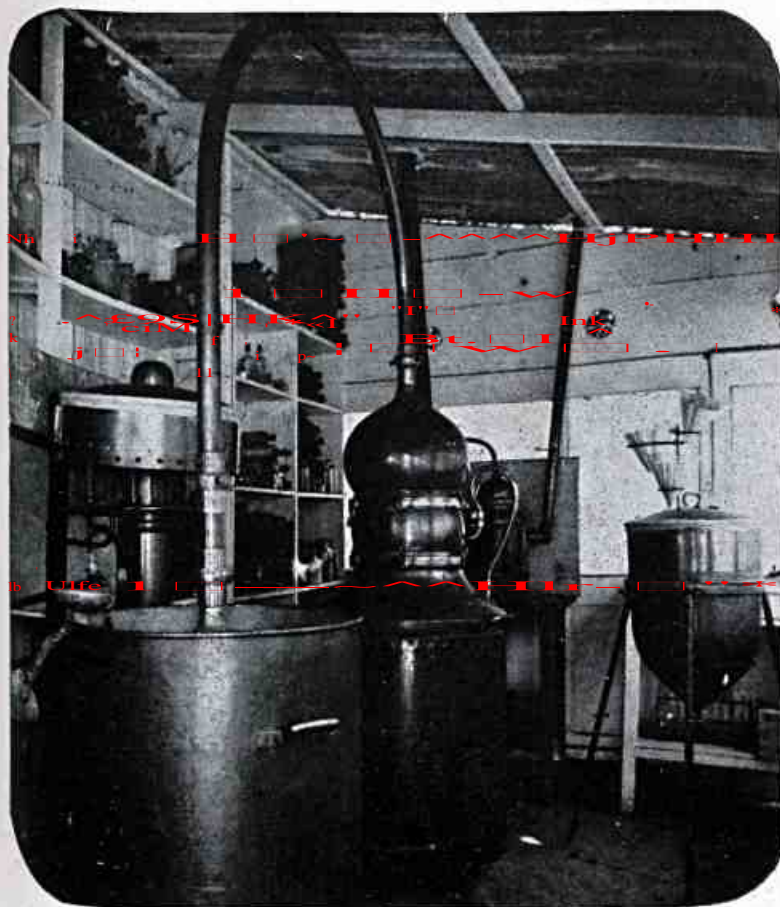
TELEPHONES: DIRECTOR: C. 0377 ADMINISTRAÇÃO: C. 4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

A DORET

Aspectos do laboratorio de perfumarias A. DORET, á rua Barão de Mesquita, 110. Em doze annos de existencia, os productos da perfumaria A. DORET conquistaram um nome que difficilmente poderá ser alcançado pelos seus concorrentes, até mesmo os estrangeiros, pois que, apesar da guerra que todos fazem aos seus productos, está chegando o dia em que as perfumarias brasileiras A. DORET serão como a industria de calçados nacionaes, reconhecidamente superior a qualquer outra. Os apreciadores dos bons perfumes e que conhecem as aguas de colonia, loções e perfumes A. DORET ficam sempre fieis a esta marca. Experimentar uma vez é convencer-se da superioridade dos productos A. DORET. Exijam sempre dos vossos fornecedores os incomparaveis productos A. DORET.

A Nuvem Tragica

De MARGOT GUEZÚRAGA

O velho casal havia ficado só. Seus quatro filhos, dois homens e duas mulheres, desde pela manhã tinham seguido para o povoado, onde se celebravam as tradiccionaes romarias hespanholas.

De sorte que só estavam na quinta Jesús Junqueiro e Maria Sanchis.

Findava janeiro. Os grandes calores haviam posto na poeirenta e sombria folhagem das arvores que rodeavam a horta grandes manchas amarellas. Os heliothropios espinhosos que floresciam junto aos barrancos ostentavam ramilhetes de minusculas estrellinhas brancas que despediam um intenso perfume de flores maceradas.

Maria Sanchis estendeu a branca toalha sobre as rústicas taboas de pinho, cravadas nas quatro estacas enterradas no chão da sala modesta.

O almoço foi servido em silencio.

De quando em quando, Jesus Junqueiro fixava os olhos cansados na immovel margarida do velho moinho...

— Queira Deus que tenhamos um aguaceiro!... — murmurou Maria.

Junqueiro olhou sua mulher. E disse:

— Deus te ouça!

E tirando de seu velho casaco de fazendeiro tabaco e papel, se poz a fazer um cigarro.

Quando tinha dado algumas fumaçadas, e o ultimo copo de vinho se esvaziou em tres goles, elle falou:

— Esta quinta parece um paraiso. Eu fico a contemplal-a no amanhecer, e em cada folha brilha uma gottinha de orvalho que parece uma perola. Os sulcos, onde tanto temos semeado, despedem o intenso perfume da terra fecunda. Esta quinta é um paraiso a toda hora. Para mim, não ha festa mais grata que esta que contemplam meus pobres olhos, cansados e triste de tanto lutar contra o resplandor da planura e escolher as sementes á luz vacillante destes pobres candis gaúchos...

Maria Sanchis escutava em silencio quasi religioso a conversa de seu marido, que, quando falava de terras, arvores e plantas ,parecia não ter fim.

Como si naquelle momento uma recordação longinqua a transportasse para fóra dali, ella exclamou:

— A horta de nossa querida aldeia! Aquella, sim, que era uma horta!

— Chia-te, mulher! — interrompeu Jesus, em tom brusco. — Pois eu te digo que quero e esta muito mais do que áquella. Aqui lutamos com a aridez destas barbaras planicies que aprisionam seu thesouro com mysteriosa avidez.

Junqueiro volveu o olhar para a horta, onde só se conseguiam ver os grandes mirasóes que offereciam aos passaros a gostosa semente, e exclamou, com os olhos humedecidos de ternura:

— Como não hei de querer a esta quinta, si a recebi virgem, e nella puz o melhor de minha juventude, de minhas ansias e de minhas forças para que fosse fecunda?! Antes que a chuva cahisse sobre o primeiro sulco, foi o suor de minha fronte que cahiu sobre a semente atirada por minha mão... Só Deus sabe o que custa conseguir uma quinta em pleno coração do Pampa!...

Pouco a pouco, a franja se tornou mais sombria, e os raios do s l brilhavam debilmente, despedindo um resplandor amarellento e triste. Maria Sanchis e Jesus Junqueiro se interrogaram com o olhar:

— Parece que vae chover — disseram a um tempo.

E fixando os olhos na immovel margarida do moinho, Junqueiro acrescentou:

— Oh, bôa falta nos faz! Si continuassemos com esta secca, não sei em que iriam dar todas as nossas esperanças...

Dito isso, e com a perspectiva de um proximo aguaceiro, o casal resolveu dormir algumas horas de sésta.

Maria Sanchis manifestou alguns temores ao se lembrar que seus filhos estavam ausentes, conformando-se só o melhor que poude, já que seu marido pouca importancia dava a esses pormenores.

O somno ia já invadindo os membros e penetrando nos dominios da subconsciencia, quando pancadas isoladas, como grossos pingos de chuva, despertavam a alma do zinco... Marido e mulher cochicharam algumas palavras de jubilo; e quando aquellas pancadas se succederam umas após outras, até formar o monótono cahir da chuva sobre o sonóro telhado, elles se entregaram ao mais profundo somno...

Maria Sanchis foi a primeira em saltar da cama. Pelas aberturas da janella se filtravam os raios obliquos do sol. Queria dizer, então, que já havia cessado a tormenta?

Atraz della, Junqueiro deixou a cama. Era hora já de contemplar a quinta sob os beneficios do recente aguaceiro!

Maria abriu a janella. Olhou com assombro em diversas direcções e abafou um grito que era, a um tempo, de terror e de angustia. Que havia occorrido?

Ambos se precipitaram para fóra. O pateo estava cheio de lagartas. As que não havia podido incorporar-se á tragica nuvem que se recostava quasi no horizonte, eram bocados de patos, pavões e gallinhas que faziam um esplendido festim...

Das arvores não restavam sinão galhos despidos e negros troncos. A horta fóra devorada totalmente. Jesus Junqueiro e Maria Sanchis permaneciam um junto do outro, com os semblantes desfigurados pela desesperança e pela angustia.

O que custára tantos esforços e tantos mezes de paciente labor, havia sido devorado em menos de duas horas por aquella tragica nuvem, que foi apenas ficção naquelle quente meio dia pampeano.

Desolação na terra e nas almas, sob a tragica nuvem que velava os resplandores do sol poente. Melancolica em uma e outra... Jesus Junqueiro inclinou lentamente sua canosa cabeça sobre a cabeça de Maria Sanchis, e chorou pela primeira vez como deante de uma noiva morta...

RETIFICAÇÃO

Na referencia feita aos novos productos fabricados pelo conceituado *Instituto Physioplastico* de Americo & Cia., á rua 7 de Setembro 95-1.º andar, retificamos o seguinte: São elles: Pó de Arroz *Daménic*, Creme para embellesar *Daménic*, Creme para massagem *Daménic*, Loção Antiseptica *Daménic*, Balsamo epidermico *Daménic*, Loção Adstringente *Daménic*.

Distribuidores Geraes

BYINGTON & Co.

RUA GENERAL CAMARA, 65 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE — RECIFE

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIII

NUMERO 50

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1929

ORA, o que valemos nós os escriptores, que escrevemos para um publico que não lê?!... Valemos sempre alguma coisa, mais do que os homens que vivem aferrados ás cifras, empanturrados com o dinheiro.

Nós temos uma janella aberta á nossa frente, por onde respiramos o perfume das flores, descobrindo no sonho o encanto de viver.

Os que não são nossos irmãos de ideaes passam a vida de olhos fixos na fechadura do cofre, atormentados pelo terror de que o dinheiro se escôe pelo orificio...

Estes, morrem e o dinheiro fica em muitas mãos.

Nós, os literatos (supremo escarneo!) tambem passamos pela vida. Porém, muitas vezes deixamos nas estantes das bibliothecas um nome.

Não é muito, bem sei...

Aliás, os que escrevem desejam pouco.

Forjaz de Sampaio já o disse numa synthese precisa:

"Qual é, afinal, a ansia do homem de letras? A gloria. Ser conhecido. Que o seu nome seja falado, que os seus livros se imprimam e depois de impressos se vendam. Saber que lá em baixo a multidão convulsionada egoista roubou um instante ao seu repouso, descansou um pouco na peleja para o lêr. Saber que ella murmura, conhece e discute o seu nome.

Saber que o fructo das suas noites de trabalho será lido por milhões de olhos, recitado por milhares de bôcas, guardado por centenas de almas. Para isso vive e por isso luta. E' essa a unica grilheta que o prende á vida."

No anno findo, riscando em todas as direcções o sul do meu paiz, experimentei a grata sensação do contacto com um publico que sabia da minha existencia, que discutia os meus pobres livros.

Nunca deixei de estar acompanhado de *velhos conhecidos* que pela primeira vez eu via, nunca me faltou o carinho de braços amigos.

E, lá nos pampas gauchos, nas fronteiras longinquas da Argentina, em terras de Missões, um episodio inesquecivel marcou os dias da minha excursão.

Um encontro com uma rapariga forte, de lindos olhos e sorriso encantador, o acaso feliz de topar a gente um lar singelo, simples, na curva de uma estrada!

O céo de nuvens baixas pesava, e o vento navalhante augmentava em velocidade como prenuncio do *minuano*.

Era necessario descansar o motor do automovel e os viajantes ansiavam tambem repousar o corpo depois de legoas vertiginosamente percorridas.

Os da caravana foram cerimoniosamente recebidos, porém, ao ser annunciado o meu nome, uma jovial expansão encheu de alegria a pequena sala.

E a menina quasi moça, de olhos de velludo, macios, quentes, acolheu-me como a um irmão, indagando pelos meus companheiros de *Fon-Fon*, que eram os seus amigos das horas silenciosas destinadas á leitura.

Mas, no decorrer da palestra, fez-me uma pergunta ingenua:

Quando entrava eu para a Academia...

Sorrindo, respondi que nunca me havia occorrido tal idéa, nem credenciaes possuia para forçar as portas da Immortalidade.

Ella, então, replicou, animando-me, pois que eu fazia parte de uma revista de academicos: João do Norte, Hermes Fontes...

Fiz-lhe vêr o engano, pois Hermes Fontes não era academico; porém, ella teimou, insistiu, que o equivoco era meu.

Ahi está!

Hermes Fontes, para todos quantos adoram a arte do verso, ha muito que é academico, *immortal* pela eleição unanime das creaturas sensiveis ás emoções da Poesia.

Entretanto, a Academia de Letras ainda agora não o quiz acolher em seu seio, poeta dos maiores, como já recusára abrir as suas portas a Martins Fontes, o genio irmão de Bilac.

A minha doce amiga dos pampas gauchos naturalmente vae ficar escandalizada ao ter a certeza de que, na realidade, Hermes Fontes é academico tão sómente porque nós o elegemos, pelo coração, pois o cenaculo das letras está ainda para elle fechado.

Ao lado da immortalidade official existe, porém, uma outra que depende tão sómente da graça dos nossos leitores, para os quaes vivemos nesta ansia de inebriar o mundo, cultivando e espargindo a Belleza.

Que melhor gloria?

A FESTA DAS SOMBRINHAS

A Festa das Sombrinhas constitue uma praxe annual instituida pelo Praia Club.

A linda praia de Copacabana marca, de maneira elegante, o inicio official do Verão, povoando-se de silhuetas encantadoras, a d o r a v e i s *maillots*, numa exhibição de carnes queimadas pelo ardor dos raios solares, carnes que tambem queimam os nossos olhos numa apotheose ao peccado.

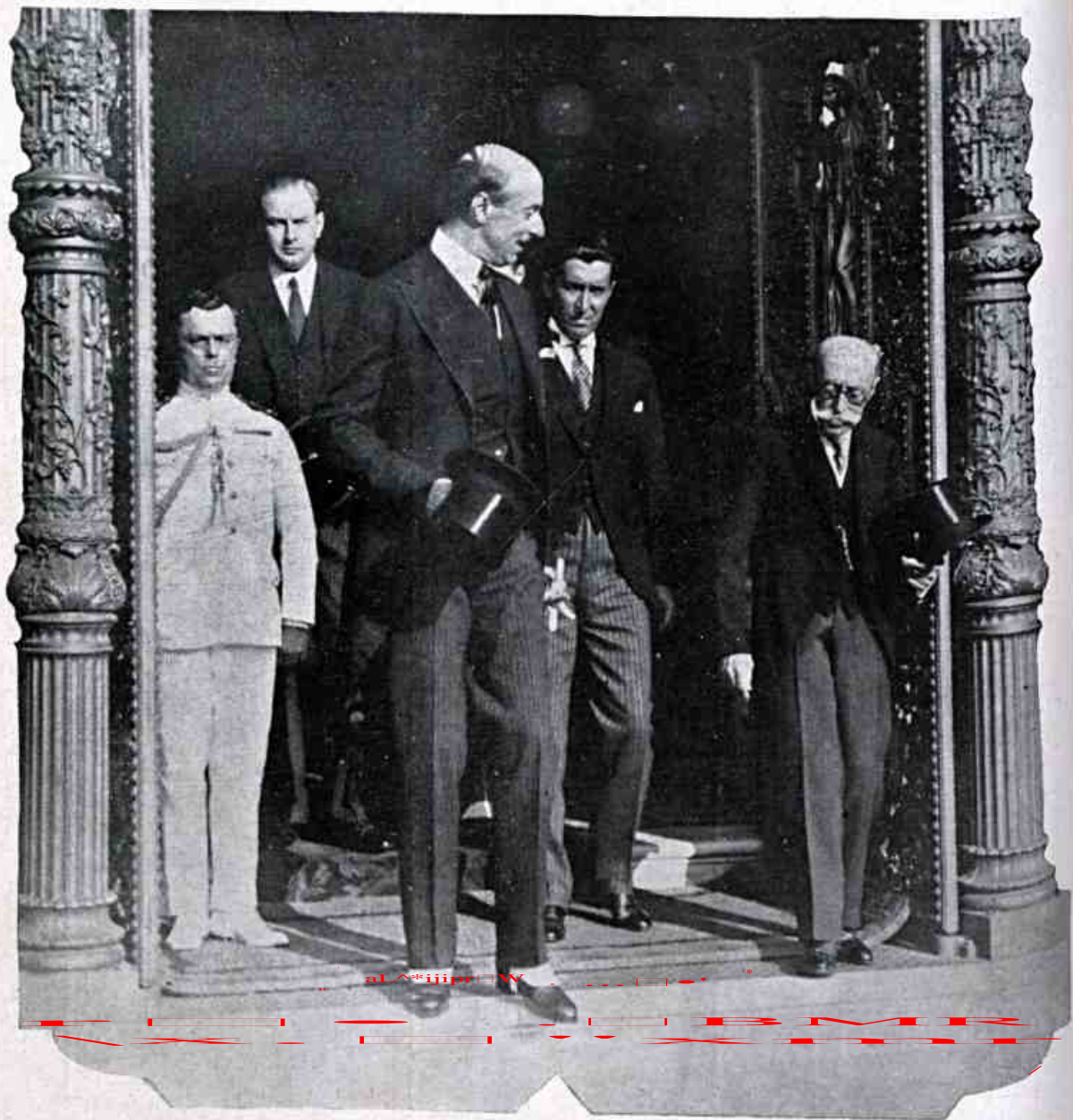
As sombrinhas são o pretexto...

Jogadas sobre as espaduas n ú a s, manejadas com requintes de graça pelos d e d o s fuselados que terminam em unhas côr de r o s a, brilhantes, bem t r a t a d a s, as sombrinhas são, apenas, o motivo para reunir, em ramalhete vivo, os botões que se entreabrem para o missal do Amor.

As sombrinhas passam, mas, quasi não são notadas pelos nossos olhares.

Entretanto, ao portadoras das sombrinhas são marcadas p e l o s olhos cheios de cubiça, olhos que pesquizam as almas, olhos que rasgam os *maillots* para adivinhar Venus passeando sobre as areias fulvas de Copacabana, mergulhando o corpo de espuma nas aguas claras do mar...

Estonteante poema de belleza imaginado pelos esthetas dirigentes do Praia Club, poema que deverá ser repetido para quebrar a monotonia dos habitos burguezes da cidade.

MARION.

O sr. George de Bripenberg, primeiro enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Finlandia junto ao governo brasileiro, ao deixar o palacio do Cattete, depois de apresentar as suas credenciaes ao sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, que o recebeu em audiencia especial. S. ex. está acompanhado do primeiro secretario e addido á legação da Finlandia, respectivamente, srs. Toroten Oskar Vahervuori e Risto Sohlman.

Inaugurou-se, há dias, com a presença do prefeito Antonio Prado Junior, do embaixador Mora y Araújo, do representante do presidente Washington Luis, do director da Instrucção Publica Municipal e outras autoridades, o grande edificio em que foi recentemente installada a Escola Argentina, á rua 24 de Maio. A cerimonia decorreu solemne e teve a nota alacre das crianças que alli se reuniram para festejar tão expressivo acontecimento.

As crianças alumnas da Escola Argentina em interessantes exercicios de gymnastica, no pateo interno daquelle estabelecimento.

FILIGRANAS

Falava-se de jogo. As opiniões da roda dos amigos dividiam-se. Umas o condemnavam sem remissão. Outras o explicavam. Algumas julgavam-no mesmo necessario. Houve até um dos presentes que o elogiou.

— Não vou a esse ponto, disse eu. Entretanto, reconheço que nenhuma paixão é mais fundamental, mais arraigada ao homem. Os antigos germanos jogavam, depois de perder tudo, a propria liberdade individual.

E Lacordaire reconheceu que, resistindo ao processo reformador dos seculos, o jogo demonstrou ser mais forte do que a civilização...

FILIGRANAS

A visão de Santo Anselmo, em extase, foi um rio fetido e immundo, verdadeiro esgoto que rolava arrastando homens e mulheres. Esse rio era o mundo, e suas victimas os que nelle pretendem ser felizes e que dessa propria immundice vivem...

Nunca, jamais, em tempo algum houve satyra maior contra a humanidade. Nenhuma pagina em prosa ou verso, nenhuma caricatura equivale á visão terrivel do santo...

Outro aspecto da festiva inauguração da Escola Argentina.

É VANIDADE...

Em Louvor das Estrellas

FAZ muito tempo que estou aqui, deante desta janella aberta sobre o jardim de um lindo trecho de céo, que se embranquece da poeira de estrellas do carreiro de S. Thiago...

Machinalmente, os meus olhos se levantaram para a esphera celeste. Olhei o firmamento com esse olhar que não vê — com essa abstracção de quem sonha... Só depois foi que me apercebi de que tinha sob o meu olhar distrahido o encanto maravilhoso das estrellas...

E, então, eu, que estava distrahido seguindo o curso dos meus sonhos impossiveis, fiquei ainda mais distrahido, a contar os planetas, os astros luminosos e os tristes.

Pouco a pouco — eu, que não sou versado em astronomia — comecei a meditar sobre o motivo por que se deram nomes ás estrellas... E que nomes tão deselegantes!

• • •

Para só falar das constellações austraes, — vejamos que nomes exquisitos: o Grande Cão, o Pequeno Cão, o Procyon, Centauro, a estrella Canopo e a Magalhães... Ridiculos.

Canopo! Que nome horrivel para uma estrella!

Como é que se deu a uma coisa tão poetica, tão bella? Era melhor que as deixassem sem outro nome que não fosse o que ellas têm: estrellas.

• • •

Bem razão tinha Augusto Comte, que desprezava as sciencias inuteis. O fundador do Positivismo, nesse ponto era intransigente. Não queria, por exemplo, que se devassasse o segredo do céo. Para que telescopios? Para ver as estrellas que estavam escondidas, no seio das nebulosas, e dar-lhes nomes detestaveis? Bastavam os planetas que se viam a olho nú...

E' verdade que Anatole France se insurgiu contra essa doutrina, e o mestre da ironia piedosa chegou mesmo a zombar do cultuador de Clotilde de Vaux, que chamou á Terra de — "Grand-Fetiche". Mas eu creio que Augusto Comte é quem estava com a razão...

Olhando as estrellas, — mesmo sem lhes conhecer a nomenclatura — sempre temos ensejo de nos emocionar... Ha tantas lendas, tantas fantasias, tantas bellezas candidas bordadas em torno desses "lirios do céo", como as chamou Jean Moréas...

• • •

Mlle. Maria Amélia Lins Lopes, uma figurinha galante da sociedade carioca.

(Photo Annunciato)

As estrellas! Ellas têm qualquer coisa dos sonhos lindos que sonhámos na mocidade e não vimos, não podemos vêr realizados.

O tempo vae passando... E, apesar do passado, do remoto passado, continuamos a vêr, na imaginação, o esplendor dos sonhos bellos que se apagaram...

A sciencia nos affirma que ha astros mortos no espaço, cuja luz ainda caminha ao encontro da Terra, que segue o seu destino immutavel, no seu gyro pelo abysmo infinito.

A distancia que delles nos separa só pode ser concebida si se attentar em que a luz dos astros mortos, fragmentados pelas espheras sideraes, só muitos seculos depois é que chegará até nós.

• • •

Tudo isso pode ser méra hypothese. Pode ser méra fantasia de poeta. Mas é tão lindo que não vale a pena quebrar o seu mysterioso encanto, com outras hypotheses menos poeticas, á maneira de Einstein...

Não sondemos o céo! Não lhes tentemos desvendar o mysterio! Ouçamos Augusto Comte.

E, como o poeta — Gaston Figueira — eu, que fiquei a olhar o céo maravilhado, pela janella aberta sobre o jardim, — murmuro o seu melancolico nocturno, em louvor das estrellas...

"...........................*Las estrellas*
se posan en la humeda quietud de la cisterna.
Hasta en mis venas siento el fulgor emotivo
del silencio, infinito éxtasis de lo infinito...
Y en la etírea pagoda de esta noche hierática,
nu incensario arde fervidamente: mi alma.

TEDIO — Estou aqui a olhar o relogio e a ver os minutos fugirem, pelo bico de aço dos ponteiros.

Os ponteiros dos relogios são dois dedos ironicos do Destino.

Com esses dedos, elle ordena mais que todos os imperadores do mundo — porque dá ordens aos proprios imperadores.

Como não entendemos bem a linguagem do Destino — acontece que trocamos sempre uma hora pela outra. Dahi os nossos insuccessos na vida. Dahi as nossas queixas contra a nossa sorte. O Destino arruma tudo ao nosso geito; nós é que não sabemos vêr as coisas que elle arruma...

Philosophia? Pode ser. Todos

— «Elles» esperam que façamos um pequeno sorriso.
E a de gravata:
— Pois sim...

— E' a hora disto, é a hora daquillo; é a hora da alegria (tão rara!) é a hora da tristeza; é a hora da dor, do prazer, da velhice ou da morte!

Ah, si nós soubessemos aproveital-as!

nós somos mais ou menos philosophos. Philosophar é ainda o melhor consolo desta vida. Por isso eu gosto dos philosophos. Por isso eu leio homens como Omar Khayyam, cuja sabedoria nos é sempre util.

"Não procures a felicidade" — diz elle. A vida é tão breve quanto um suspiro". E não é uma verdade?

Esperemos pela vontade do Destino. Procuremos descobrir entre as horas — eguaes no quadrante do relogio — aquella que nos indica a alegria, o prazer, a felicidade.

Si esta hora não soar? — perguntar-me-ão. Soará, digo eu. Soará com a morte, soará paradoxalmente, com o silencio da grande sombra eterna, que nos ha de envolver — mas soará.

De resto, a felicidade é multiforme. Os seus aspectos variam. Porque não ha nada mais relativo do que ella.

Positivamente, a felicidade do enfermo não é a do pharmaceutico. O primeiro quer saude para viver: o segundo quer a enfermidade do primeiro, para que elle, o homem das tisanas, possa prosperar e viver.

Sei que este commentario está muito xaroposo. Está mesmo com sabor de pharmacia.

Mas eu tinha que escrever este topico; e, como hoje não me sinto alegre, nem feliz, — ha felicidade até nas proprias lagrimas — feri este assumpto xarope.

Desculpem, sim?

CHARLA — Não sei si os senhores se dão ao agradavel sport de estudar almas femininas... E' uma diversão como outra qualquer. Mas o estudo é trabalhoso. Por isso, eu não creio que os senhores se dêem a esse *sport*, que aliás só desenvolve o espirito. Bem mais preferivel é jogar foot-ball, tennis, ou qualquer outro *sport*.

Mas é que o *sport* de fazer psychologia feminina tem certas surprezas que são mesmo fulminantes: ou alegram, como um premio de loteria, ou desolam e decepcionam como um bilhete branco.

A's vezes, temos a impressão de que a senhorita X..., uma loura recatada, de olhos "bleus très clairs", é um modelo de virtudes; e outra, a morena Z... de olhos negros, é justamente o inverso.

Engano. E esse engano é tanto mais acceitavel, quanto é certo que a alma de uma mulher, no dizer do grande Etienne Rey, é feita das almas de todas as outras mulheres.

Mas os homens sempre descobrem um meio de revelar os mysterios, os secretos, os arcanos mais profundos que nos rodeiam. (Excepto o da Santissima Trindade.) E é assim, que hoje a physiognomonia tudo esclareceu, a respeito dessa coisa volavel, fugidia, indefinivel e indevassavel, que é a alma feminina.

Ha muito tempo venho fazendo estudos physiognomicos; mas só agora me julgo habilitado a descrever uma alma de Eva, pelas suas caracteristicas physionomicas.

Vejamos, por exemplo, o que dizem os olhos. Mas só os olhos, que são, no dizer dos arabes, o centro das existencias...

Os olhos azues muito claros annunciam uma tendencia para a fraqueza. Si conservam esse tom, sem os attenuar, elles traduzem bondade; si, ao contrario, — sob o imperio de uma emoção — o azul se torna escuro, é signal de que a pessôa é colerica. Os olhos azues, muito escuros, denunciam profundeza de idéas e uma natureza idealista. Os verdes presagiam traição, perfidia, etc. Os pardos indicam espirito ponderado e doçura. Os côr de cinza, alegria e fineza de espirito. Os olhos claros revelam natureza enigmatica. Quem os possue são geralmente pessôas vividas e de facil comprehensão.

Não se fala nos negros. Mas creio que elles traduzem leviandade, malicia, crueldade, etc.

OS HOMENS... AS MULHERES...

— Dr. Yves — Você hoje está muito pensativo. Em que medita?

— Em nada.

— Não é possivel. Quando não pensamos em nada, é por que sonhamos.

— Então um sonho para você não é nada? E dois?

— Dois, respondeu Marialva, é nada duas vezes: dois zéros...

— Ah, — fiz eu, perfidamente. Dois zeros á procura de um algarismo: 1, 2, 3, 4, 5, 6... Quem saberia?

E Marialva, sorrindo, encabulada:

— Que significa isso?

— Ora, a minha mathematica é facil. A equação é esta: dois zeros á procura de um algarismo. Quando o encontra, o resultado é sempre este: 1 mais 00 egual a 100... contos etc. Si o sonho é egual a zéro, não vejo razão para que você não pense nisso...

— Chi! Que horror! Que coisa prosaica! Você só pensa em dinheiro... coisa material...

— Ora, — respondi, a verdade é que, "pas d'argent, pas d'amour..."

— Que materialidade a sua! Lembre-se do que escreveu Theophile Gautier: "L'amour ne peut offrir que lui-même et qui en veut tirer autre chose n'est pas digne d'être aimé..."

E Marialva, com a sua mocidade radiosa, morena e fresca, como certas figuras de Van Loo perfumada, irrequieta, vivida, os olhos grandes e redondos, fez uma pirueta na sala, e, batendo com a mãosita fechada na palma da outra, repisou:

— Ahi está! Bem feito! Quero ver o que é que responde agora ao conceito de Gautier.

Ergui os olhos para os della e franzi os labios num sorriso de ironia. Retruquei:

— Você é ingenua, Marialva. E' uma tolinha, sabe? Não conhece aquillo que não seja o proprio amor, é prova de que não é digno delle. Em outras palavras: si você só vê no amor o interesse, é signal de que não pode ser amado. E' o que sustenta o grande poeta francez...

Repeti:

— Tolinha, que você é, Marialva. Gautier escreveu aquillo,

— Oh! você não imagina o que foi aquelle baile...
E a que sorri:
— Conta, conta...

a vida... Não sabe observar as coisas do coração...

E ella, com o mesmo jogo, — batendo a mãosita fechada na palma da mão:

— Não disfarce. Que diz o Gautier? Si você pretende tirar do amor numa época em que não havia automovel e "bungalow". Hoje a theoria é outra...

E ella, sem encontrar argumento, ficou a olhar-me, fixamente, com os seus olhos negros e grandes, que só pediam beijos...

A DESPEDIDA

FOI tão amarga a nossa despedida. Tão amarga e tão differente das outras despedidas... Ainda vejo os seus olhos tristes vertendo nos meus aquelle desespero rutilante da hora dolorosa. E ainda sinto na alma aquelle angustiado lampejo que me promettia tanta cousa... Aquelle lampejo em que você poz, minha amiga, todo o deslumbramento de seu coração desolado.

Mas, a separação impunha-se. Impunha-se aquella despedida amargurada e melancolica que veiu tão cêdo interromper o nosso romance sem peccado. O nosso grande amor precisava de um sacrificio dessa ordem. Nós acceitámos esse sacrificio. Fizemos ainda mais: provocámol-o. O mundo não nos podia ver juntos. Nem o mundo, nem os homens.

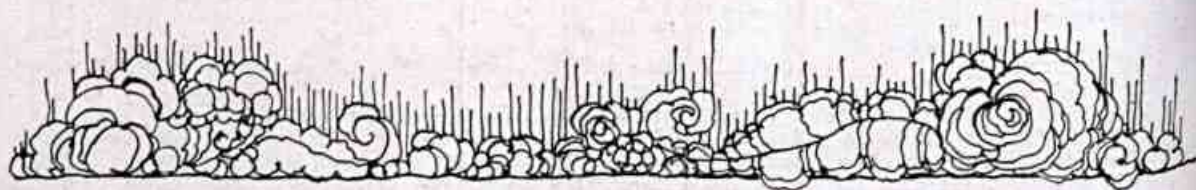
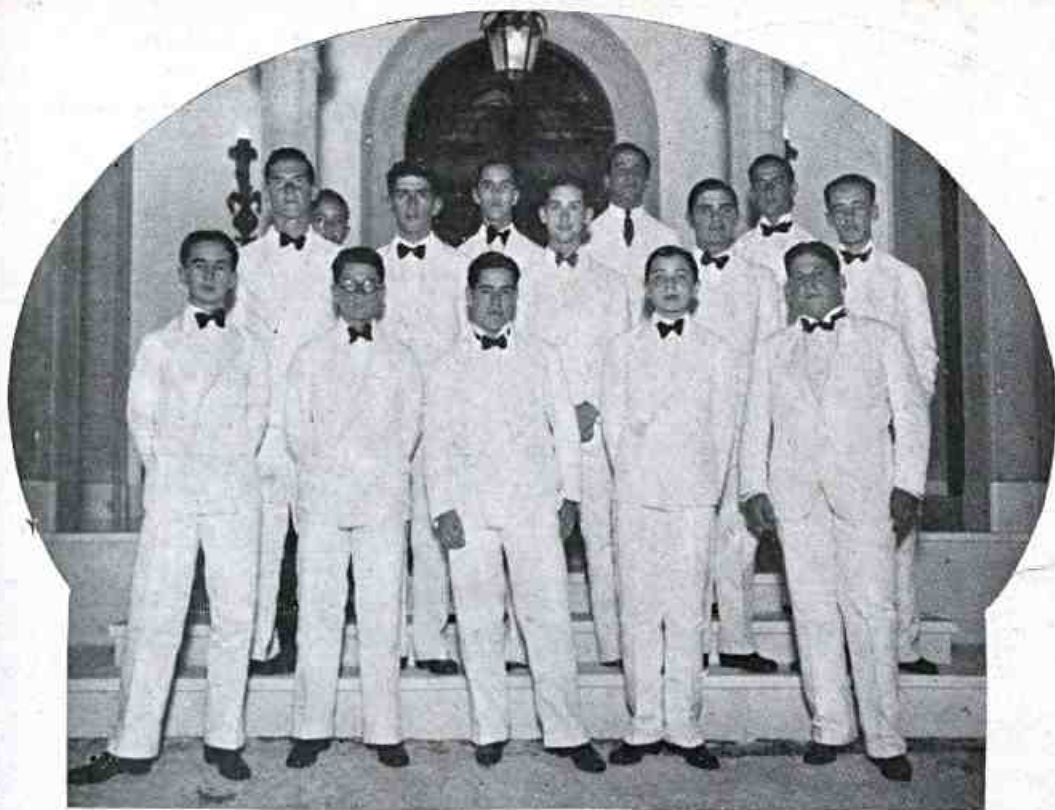
E tivemos que satisfazer ao capricho do mundo e dos homens. Nossa força — a força espiritual do nosso amor — não devia descer a uma luta com a material inveja humana. Para que? Nós sabemos que nos amamos. Sabemos que existe um élo inquebrantavel unindo os nossos anseios, as nossas aspirações, os nossos sonhos, as nossas esperanças, as nossas inquietudes — unindo toda a nossa vida. Sabemos que esse precipicio intransponivel que o destino collocou entre os nossos corpos não impedirá que os nossos pensamentos se encontrem. Sabemos que haveremos de ser, um dia, um do outro. O amor nunca morre. E tem azas. E póde levar de coração a coração a suavissima essencia da felicidade.

A despedida de agora não importa na despedida do nosso affecto. Nós havemos de nos querer sempre como nos quizemos até hoje. Havemos de nos amar no silencio infinito da separação.

O amor nunca morre. O amor é eterno. Nós dois atravessaremos a vida sentindo o perfume longinquo da ventura. O destino errou quando nos poz tão tarde em frente um do outro.

Você vae pelo seu caminho. Eu vou pelo meu. Mas vamos ambos atraz da mesma illusão. Ambos atraz da mesma chiméra que nos foge. Ambos insatisfeitos. Sentindo a mesma angustia n'alma, o mesmo aperto no coração. Vendo a mesma paizagem desolada. Chorando a mesma saudade.

Vamos pela vida apparentemente separados, mas verdadeiramente unidos. Unidos pelo amor e para o amor.

A nossa despedida foi, apenas, o disfarce humano de uma aproximação que ha de viver emquanto a morte não vier parar o rythmo dos nossos corações...

Tendo terminado, este anno, brilhantemente, o curso gymnasial, os jovens Ary Sérgio da Silva e Antonio Sérgio da Silva Netto, filhos do nosso estimado chefe e amigo, sr. Sergio Silva, director de FON-FON, reuniram, no palacete da residencia de seus paes, á rua Sá Ferreira, n. 131, em Copacabana, os seus collegas de turma, para um jantar de regozijo por tão grato motivo. Essa festa, cordial e expressiva, realizou-se na noite do dia 3 do corrente e decorreu com essa alegria sã da mocidade, num ambiente de intimidade e affecto. Offerecendo o agape aos seus collegas, falou, «au dessert», por si e por seu mano, o joven Ary Sérgio da Silva, que fez um retrospecto da vida gymnasial, lembrando aos collegas que, no novo rumo que todos iam tomar, não deviam esquecer os cinco annos do curso, vividos na mesma camaradagem que os reunia ali, naquelle jantar do coração. A photographia acima foi tomada após esse agape, e nella apparecem, além dos jovens amphitriões, os demais convivas.

O joven Mario Catta-Preta, que concluiu o curso de humanidades juntamente com os jovens Ary Sérgio da Silva e Antonio Sérgio da Silva Netto, offereceu, também por esse motivo, em sua residencia, á rua Paysandú, um almoço aos seus collegas de turma, que tiveram, assim, mais um pretexto para se reunir neste fim de anno que assignala o termino de seus estudos gymnasiaes.

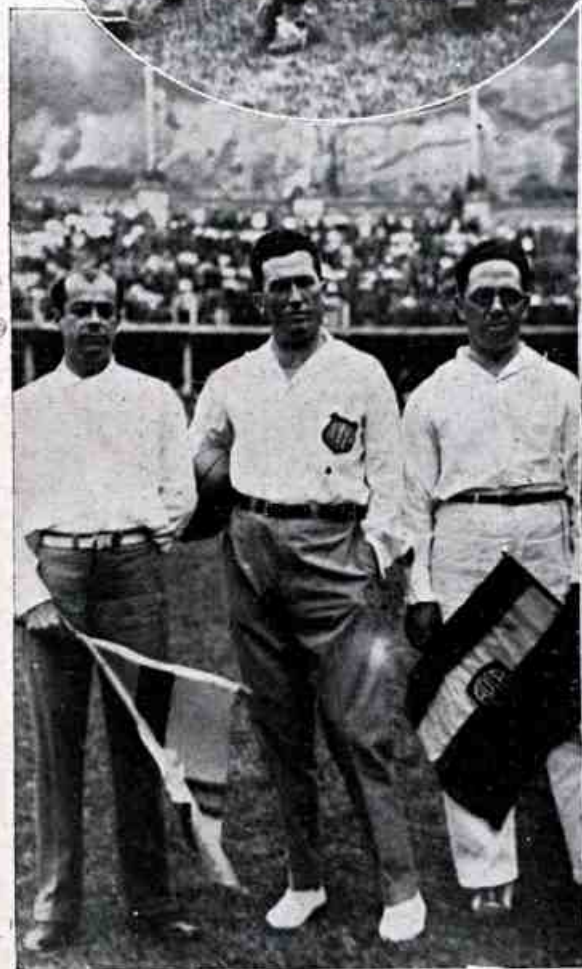
SAXA

O piedoso batel dos teus olhos, querida,
me salvou do furor da procella bravia.
Bem valeu naufragar para ter tal guarida
e para receber premio tal de alegria.

Ventura assim compensa o mal peor da vida
e transforma em rosal a região mais sombria.
Fulge mais bella a terra e a estrada mais florida
se teu beijo conforta a minha bocca fria.

E's toda minha: eu sorvo o divinal clarão
do teu febril affecto, e o limpido fulgor
das festas musicaes que ha por teu coração.

Sou todo teu. E todo o bem eu te offereço:
acolhe a maravilha ardente deste amor
e o meigo resplendar da gratidão que eu teço.

PEDRO CONTI.

A cidade vibrou, domingo passado, no stadium do Fluminense F. C., ao desenvolvimento do sensacional «match» entre cariocas e paulistas, empenhados na disputa do 7.º Campeonato Brasileiro de Football. O encontro dos «teams» disputantes, no gramado da rua Guanabara, offereceu á enorme assistencia, que se comprimia no amplo stadium do Fluminense, lances de intensa sensação, terminando, por fim, a pugna com a victoria do conjuncto paulistano.

Tres empolgantes phases do jogo de domingo passado, entre cariocas e paulistas: uma defesa de Joel, o «keeper» carioca; um ataque da linha carioca; outra defesa de Joel.

COISAS

Não ha esperanças de que os politicos da nossa terra readquiram a calma e a serenidade perdidas, ao iniciar a discussão do problema da successão presidencial.

Quem assiste ás sessões do Parlamento, sae com a alma constrangida deante do triste espectaculo de uns discursadores de meia tigela, sem eloquencia nem attitudes impressionantes, que occupam a tribuna não para agitar as questões de interesse da collectividade, mas para gastar palavras, enleando, enredando, explorando assumptos ligados á politiquice de campanario.

E a mentalidade do politico de porta de pharmacia, das villas da provincia, que dá expansão á lingua, como si estivesse a fallar para o coronel chefe do directorio politico, para o vigario, o fiscal da Municipalidade e ao encarregado da limpeza publica, personagens de um mundo estreito que nós bem conhecemos.

Nada de interesse nacional, nada que diga respeito aos problemas vitaes do paiz, nenhum assumpto elevado e digno é trazido para a tribuna do Parlamento, pois, o sentimento da Patria parece ter sido banido do peito, da consciência daquelles que se transformaram em simples ganhadores do subsidio dessa fonte inesgotavel que é o Thesouro.

E, para augmentar a confusão, as gazetas de escandalo abrem columnas com titulos berrantes, animando a desordem, levando ao estrangeiro a impressão de que isto é uma choldra.

Piedade, Senhor!...

TRUNFO.

Num recanto intimo de salão, após o jantar. Jorge, trinta e cinco annos, expressão viva do termo: insinuante. Mercêdes, em torno da idade de Balzac: seria pouco delicado fixar qualquer algarismo sobre aquella belleza de mulher em plena apotheose.

MERCÊDES — Na verdade, Lúcia não é bonita, e não sabe arranjar-se; desagrada á primeira vista, mas é tão bôa, tão dedicada... Vocês, homens, são muito injustos, e olham somente a apparencia.

JORGE — Não ha injustiça nessa contingencia da vida, minha amiga. Nós todos, homens ou mulheres, só olhamos a apparencia, porque apenas ella nos é desvendada.

MERCÊDES — As qualidades moraes tambem se patenteiam.

JORGE — Com o tempo. Só com o tempo. Em prazo curto, creia, ainda mais seguro é o aspecto physico. Esse, ao menos, não engana. A creatura pode transformar em palavras de doçura o fel de inveja que lhe vae n'alma, porém não consegue endireitar seus olhos vesgos. Já vê você que não é tão leviano quanto o parece aquelle que se deixa levar pela sympathia ou antipathia espontanea.

MERCÊDES — Mas essa doutrina é cruel e equivale á condemnação irremediavel dos que têm a infelicidade de nascer feios.

JORGE — Irremediavel, não: elles poderão vencer, porém lentamente. Porquanto, sympathia e antipathia á primeira vista não são nem podem ser irreductiveis. Mas, é claro que precisamos de um só minuto para vermos que alguem é bonito, e nos é necessario um anno para percebermos que alguem é bom.

MERCÊDES (sorrindo) — Desgraçada gente feia! Não é de admirar que se entregue á inveja... (Pensativa) principalmente a mulher. Parece-me, na verdade, que a mulher feia e bôa é sempre quasi santa. E' tão natural que se revolte...

JORGE — Si o fizer, erra. A vida me dá a impressão de um jogo de pocker. Temos em mão cinco cartas: corpo, sentimento, intelligencia, posição e dinheiro. Ganhar o jogo é ser feliz... o quanto se pode ser neste mundo.

MERCÊDES — Então você acha que o destino depende exclusivamente da sorte?

JORGE — Não disse isso. Ha jogos só de azar, como a roleta. Outros apenas de calculo, como o xadrez. O destino humano pertence á categoria dos mixtos, como o pocker... Depende muito da sorte, um pouco da habilidade individual.

MERCÊDES (divertida) — Um paradoxo, dos muitos que você costuma defender.

JORGE — Uma comparação muito exacta. E sinão, veja: no meio do jogo podemos mudar algumas cartas, mas nem sempre essa troca é favoravel. Ha jogadores prudentes, incapazes de desmanchar sua modesta trincazinha para arriscar um problematico «flesh». Outros tentam e sae-lhes um «street flesh».

MERCÊDES — E o «royal street flesh»?

JORGE — E' todo um naipe de ouro na sequencia de um amor feliz.

MERCÊDES — Um industrial poeta. Sua resposta é typica. E onde ficam a bondade, as qualidades moraes de que falavamos ha pouco?

JORGE — Representam uma bôa parte. E por isso mesmo aquelles que receberam cartas ruins não devem jogar fóra essa unica bôa: a do sentimento. E repare como em todos os pormenores a comparação é justa; a sorte depende muito da combinação das cartas. Podem ser graudas, azes, rei, valete, dama, e não formarem sinão um triste par que uma trinca de noves pode vencer. Assim tambem, nem sempre fortuna, belleza, talento podem dizer-se bôas cartas.

MERCÊDES — E o trunfo, a seu ver, qual é?

JORGE — A psychologia. Conhecer a alma alheia. Pelo menos para o homem.

MERCÊDES (sorrindo) — Para conquistar as mulheres, não é? Pirata!

JORGE (olhando-a profundamente) — Para conquistar todas as mulheres, afim de nos consolar de não possuirmos a única que amamos.

MERCÊDES (disfarçando, um pouco nervosa) — São quasi dez horas. Roberto disse que não demorava... e até agora! Não lhe parece que é bem triste ser esposa de um medico?

JORGE — Talvez... Para a mulher carinhosa e alegre, que não gosta de estar só, pode ser uma carta ruim... Depende della... trocal-a.

MERCÊDES (inquieta) — Nem sempre! (Irônica, cedendo á attracção da conversa galante). Você tem o trunfo a que se refere, não?

JORGE — Quizera tel-o, apenas...

MERCÊDES (pensativa) — Como lhe parece deve um homem proceder com a mulher que pretende fascinar? Ousando ou implorando?

JORGE — Contradizendo.

MERCÊDES — Como?

JORGE — Sim. Agindo em contradição com a personalidade da mulher. Muitos homens não comprehendem isso e optam por uma das duas attitudes sem restricção. Falham a metade das vezes.

MERCÊDES — Vamos... explique essa estrategia.

JORGE — Cartas na mesa?... Não é da regra do pocker... Emfim... O homem deve ousar com a mulher que lhe parece digna de respeito... e implorar ás outras...

MERCÊDES — Mas isso é absurdo!

JORGE — Não tanto. O homem que pretende vencer uma mulher precisa convencel-a de que a ama loucamente. O hypnotismo da paixão é contagioso. Ora, o amor, geralmente, nos faz agir em contraste com o bom senso. Respeitar uma mulher casada e respeitavel, qualquer um o faz. Perder a cabeça a ponto de desrespeital-a, é a excepção, o inesperado que subjuga. Tratar rudemente a creatura que se suppõe fácil, é banal. Querel-a tanto a ponto de se tornar timido ante ella, eis o extraordinário, que envaidece e desarma. Comprehendeu?

MERCÊDES — Admirável! E' bom que eu conheça todos esses truccs.

JORGE — Por que? Supponho que minha amiga não admitte um só instante que eu seja capaz de usal-os contra ella...

MERCÊDES (entre surprehendida e faceira) — Porque?!

JORGE — Primeiro, porque nunca lhe dei o direito de duvidar...

MERCÊDES — De sua amizade?

JORGE — De minha intelligencia. Quem usa a franqueza com que a trato, não pensa em combate. Em segundo logar, porque a sinceridade não calcula.

(Um silencio... Elle fica a olhal-a profundamente, emquanto ella desvia o olhar pensativo. Com toda sua franqueza, o homem insinuante não confessára que, além da possibilidade de surprehender a mulher severa e a de envaidecer a mulher fácil, ainda elle conhecia uma terceira: a de commover a mulher sentimental.)

Promovida pelas instituições portuguezas desta capital, realizou-se, sabbado ultimo, no Gabinete Portuguez de Leitura, solenne sessão civica de suffragio e veneração á memoria do saudoso e grande estadista luso, dr. Antonio José d'Almeida. Nesta pagina fixamos alguns flagrantes dessa commovedora cerimonia de patriotismo e de saudade.

POEMAS EM PROSA

Si eu fosse uma roseira, meu amor, subiria por tua janella emoldurando-a.

E todos os dias, quando viesses colher a mais bella e perfumada das minhas rosas, eu te roçaria a fronte amorosamente, devagarinho...

E tu julgarias que era o vento, e não saberias que era o meu carinho.

Quando aspirasses o perfume da rosa mais bella das minhas rosas, ella te roçaria os labios, deixando nelles um gosto de primavera...

E tu julgarias que era a frescura do orvalho, e não saberias que era o meu beijo.

Depois, meu amor, tu a porias na jarra de tua mesa, e sahirias.

E á noite, quando voltasses, havias de encontrar a pobre rosa desfolhada sobre a mesa, e julgarias que era o vento, e não saberias que era a minha saudade...

— Ah, si soubesses!... fui tão punido! A minha vida tem sido uma longa e dolorosa agonia.

Trago o inferno dentro d'alma.

Só tu me podes saciar, só tu me pódes dar conforto, doçura, paz...

Eu tenho tanta sêde!"

Poisando-lhe, lentamente, as mãos sobre a fronte, ella murmurou: "Sim, eu te amo ainda... e te perdôo".

Vem!

Não hesites e ama-me! Ama-me, alma querida!

O amor opéra milagres: e eu te quero tanto, tanto, minha louca divina! Poisa a cabeça sobre o meu coração; eu te adormecerei acariciando-te os cabellos e contando-te historias lindas...

Que importa o frio e que importa a miséria, si possuimos um thesouro immenso de amor?

Vem! Eu te aquecerei em meus braços e encher-te-ei a bocca de beijos... Si faltar á tuas mãos geladas a tepidez de duas luvas, terão ellas o ninho quente de minhas mãos...

E em vez de collares de perolas, terás collares de beijos...

Vem! Eu te amo e te quero minha. Tu serás rica, rica da minha ternura, rica da minha paixão.

O' minha linda amada, eu te amo, tu me amas, que esperas mais?

Confundamos as nossas vidas, façamos de nossos dois corações um só!"

— "O amor é um destino, e ninguem póde fugir ao seu destino.

Não ha amor sem soffrimento, eu o sei. Mas não importa, seguir-te-ei na dor e na alegria: serei a tua sombra... O meu carinho é teu e é tua a minha vida; eu farei de tua felicidade a minha felicidade, de tua dor a minha dor. Amar é ir, infinitamente alegre, mãos estendidas para o sacrificio.

REGINA RIZZETI.

MONJA

Quando te evoco e te bemdigo
Em minha Soledade,
Pelas
Horas silenciosas
Da noite, sorrindo de piedade
E aureolada de estreitas
E de rosas,
Desces o teu manso olhar
Para suavizar,
A minha dôr de poeta e de mendigo.

Quando me abysmo
Sobre a immácula desventura
De tua vida singular,
Ouço rezas de amor e de doçura
Que vêm do mysticismo
Do teu olhar.

Pela tristeza sem par
Da noite calma,
Acordam-me languidas surdinas
De rezas divinas,
E vejo que és tu, irmã linda das rosas,
Que em horas silenciosas
E ao mysticismo do luar,
Andas cantando
E suavizando
A saudade de minh'alma.

Soffro como um Deus, e a todo instante
Minha amada Monja,
Para que vivas distante
De minha crença e minha saudade,
Eu sorverei por tua castidade
E em heras silenciosas,
O vinagre e o fel da esponja
De todas as dores dolorosas;
Eu soffrerei sem clamor
A ironia da corôa de espinhos;
Eu serei teu amante sem amor
E orphão de todos os carinhos.

BENEDICTO
LOPES

Lampejo

Chegou dezembro, o mez de Papae Noel, o mez claro e alegre da petizada cheia de illusões. Eu já não sou criança. Ha muito que transpuz a fronteira da infancia. Estou quasi velho. Mas ainda acredito em Papae Noel e tenho as minhas illusões de sonhador. Meu Papae Noel não é aquelle velhinho generoso, de barbas longas, que enche de brinquedos os sapatinhos infantis. Meu Papae Noel é uma criança que não usa roupa, e que nunca envelhece, e que anda sempre armada de uma seta aggressiva. Uma criança que se chama Cupido. Um pequenino deus arbitrario: o deus do Amor.

E' elle que eu espero este Natal. Espero-o com o presente que passei o anno a pedir-lhe: o régio presente do seu coração, ó minha fada de olhos côr de ouro...

Não tenho sapatos pequeninos, mas tenho uma grande fé no meu Papae Noel...

• • •

Berilo Neves.

A COSTELLA DE ADÃO

O successo que Berilo Neves alcançou com o seu livro de contos, "A Costella de Adão", não é desses que se costuma assignalar por mera cortezia literaria, em certas noticias bibliographicas: foi um successo legitimo, inevitavel, decorrente do valor intrinseco da sua obra. Berilo Neves é uma personalidade curiosa, como intellectual, pois nelle se manifestam todas as qualidades apreciaveis de um verdadeiro homem de letras. Jornalista, manejando a chronica com a maestria de um prestidigitador da palavra, elle consegue ser um conteur admiravel, da escola scientifica de Wells, de Swift e Julio Verne, modelando os seus themas originaes dentro dos lavôres de um estylo vivo e fagulhante, — algumas vezes, e outras cheio de graça e harmonia. Berilo Neves é um espirito singular, — para ser fixado num estudo amplo e não em uma nota. Por isso, diremos, aqui, apenas do exito de livraria do seu volume de contos, que acaba de entrar na sua 2.ª edição.

Promovido pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, realizou-se, domingo, o segundo almoço annual dos juristas, commemorativo do «Dia da Justiça». Foi um agape de confraternização de todos os cultores do direito, porque nelle tomaram parte, não só advogados, mas tambem magistrados, professores, representantes do Ministerio Publico, etc.

O HOMEM QUE MATAVA POR BONDADE

CONTO DE MARIE LOUISE LAVAL

Um jantar de medicos. A' fumaça dos charutos e dos cigarros fallava-se sobre psychiatria. Assumpto grave e complexo. E o dr. Meslian-Roye, medico assistente dos Asylos, que nada ainda havia dito, sacudindo a cinza do charuto que tinha entre os dedos, tomou a palavra.

— Tenho a certeza, hoje, de que os mais bellos sentimentos de altruismo se encontram, tambem, entre os peores inimigos da sociedade — os assassinos.

Houve, ao redor da mesa, dez protestos simultaneos. Mas sabia-se que o joven mestre gostava de jogar com os paradoxos, e como se estivesse na hora das "historias", pediram-lhe todos uma que, sem demora, justificasse aquella audaciosa hypothese.

E o dr. Meslian-Roye começou:

— Sabem os senhores que vivi quatro annos numa pequena cidade americana, nas fronteiras do Mexico. Foi ahi que se passou o que vão ouvir, e ahi é que cheguei á firme convicção de que se póde matar por philanthropia, por amor daquelle que se mata.

— Crime passional? — perguntou alguem.

— Não, de nenhum modo. Isso seria banal. Escutem, agora: devem lembrar-se os senhores que, em certo tempo, os anarchistas proclamavam que só jogavam suas bombas animados por um irresistivel sentimento de bondade. E Bourdeau escreveu: esses eram... assassinos philanthropos, como os regicidas. E' uma aberração innominavel, mas é um facto. Esses revoltados agiam na supposição de que trabalhavam pela felicidade da humanidade futura. Antes delles, Staaps quiz immolar Napoleão em bem da paz do mundo. Carlota Corday não era cruel, nem tambem Jacques Clement. E Harry Burdekin, de quem vou fallar, parece-me, porém, muito acima de todos os outros, pela morbida concepção que, em nome de seu generoso coração, elle fazia do seu dever de fraternidade.

Por diversas razões calarei o nome da cidade, a que chamarei Clark-City. Além de meu serviço no hospital, clinicava tambem ahi. Uma noite, estava eu a jantar, em casa, quando tocam a campainha. E me dizem: "Miss Eva Barn foi apunhalada no seu leito!" Eva Barn! Trinta annos. Tuberculosa. Eu era seu medico. Soube, depois, que um desconhecido, tendo entrado e sahido pela janella — a mulher morava no pavimento terreo — déra o golpe. Ella era pobre. Nada a roubar. O mysterioso caso produziu enorme sensação na cidade. Nenhuma pista, nenhum indicio para orientar as pesquizas. O jornal local e a opinião perderam-se em conjecturas.

No dia seguinte, á noite, outro drama que, desta vez, põe em sobresalto Clark-City. Um septuagenario, William Thornton, impotente, a quem varias vezes ouvi vociferar contra sua sorte — quando ia á casa de commodos em que morava, tratar uma lavadeira cardiaca — foi encontrado assassinado na sua poltrona, no 3º andar do edificio, emquanto sua criada sahiu um instante para fazer umas compras. Foi a mesma mão, quero dizer foi obra do mesmo braço assassino. A policia, toda a policia agita-se e se põe em trabalho: nada, porém, se descobre. Passam-se oito dias, quando, bruscamente, um vento de terror se espalha na cidade: uma após outra, quasi á mesma hora, duas creanças — cujos nomes já esqueci — são estranguladas num arrabalde. Uma com oito annos, mal de Pott; outra, seis annos, febre typhoide. O monstro, porque decididamente foi o mesmo individuo quem fez tudo isso, agiu com uma habilidade espantosa. E' pena que não o tenham prendido. Como uma sombra introduziu-se numa e noutra casa, por uma porta entreaberta e matou tão precipitadamente, que as pessoas da familia, numa sala vizinha, não deram pela sua entrada, nem pela sua fuga, depois.

Senhores, fui o primeiro a pensar que se tratava de um louco. Fui mesmo á repartição da policia, onde expuz minha opinião. Não a tomaram em consideração, ou não me comprehenderam.

Era preciso o genio de um Edgard Poe para descrever em que ambiente de tragedia a cidade apavorada começou a respirar. Nas suas casas todo mundo se armava. No mesmo dia, mais dois homens eram prostrados a tiros de revolver, á entrada de uma casa, pelo simples motivo de serem um pouco mal encarados e, logo, tidos como suspeitos. Ao cahir da noite, todas as casas eram fechadas a trés chaves. Soldados patrulhavam por toda parte. Os transeuntes afastavam-se o mais possivel uns dos outros. Familias abandonavam a localidade...

Mas a commoção foi formidavel, attingiu ao panico, quando, uma noite, os *placards* luminosos da fachada da *Clark-City Tribune*, annunciaram: "9 horas da manhã, 17, Luisian Street; Mrs. A. F. Bennett, assassinada em sua cosinha. — 12 horas, 141, Seng Avenue, capitão Brown, decapitado em seu quarto. — 3 horas: reverendo Emil Helmer, apunhalado no templo de Buffalo Place. — 5 horas: dr. Otto Wierling, 63, Tower Toad, estrangulado em seu gabinete."

Eu continuava a sustentar minha opinião de que se tratava de um louco. De uma rapida pesquiza que fiz conclui que essas quatro ultimas victimas eram uma viuva, que dizia, a todo momento, que ia suicidar-se, porque a vida lhe era insupportavel; um antigo marinheiro cégo e que incessantemente se queixava de seu infortunio; um religioso que se arrastava apoiado em duas muletas, e um velho collega nosso que toda a cidade sabia ser canceroso. Afastei-me do jornal mais convencido ainda de que o autor de todos esses crimes mysteriosos só poderia ser um maniaco. Tinha razão. Antes do meu jantar, dirijo-me á rua 65, para visitar uma velha cozinheira, Nellie Stulter que soffre de uma phlebite, que me inquieta. Já tinha ido vêl-a durante o dia. Ella vive só, porque é pouco sociavel. Annunciei minha visita. Ella não tem medo dos assassinos, porque me disse, uma vez: "Minha porta estará sempre aberta, doutor." Subo. Transponho a porta do quarto. Inclino-me sobre o leito. A mulher está morta. Embolia. Disponho-me a chamar os vizinhos daquelle andar. Alguem sóbe. Não sei que instincto me faz recuar para um canto do quarto que uma vela mal illuminava. Conservo-me na sombra. Alguem entra. Um homem com um punhal na mão. Elle se approxima, debruça-se sobre o rosto da mulher, eleva o braço para desferir o golpe, muda de idéa e murmura: "Inutil".

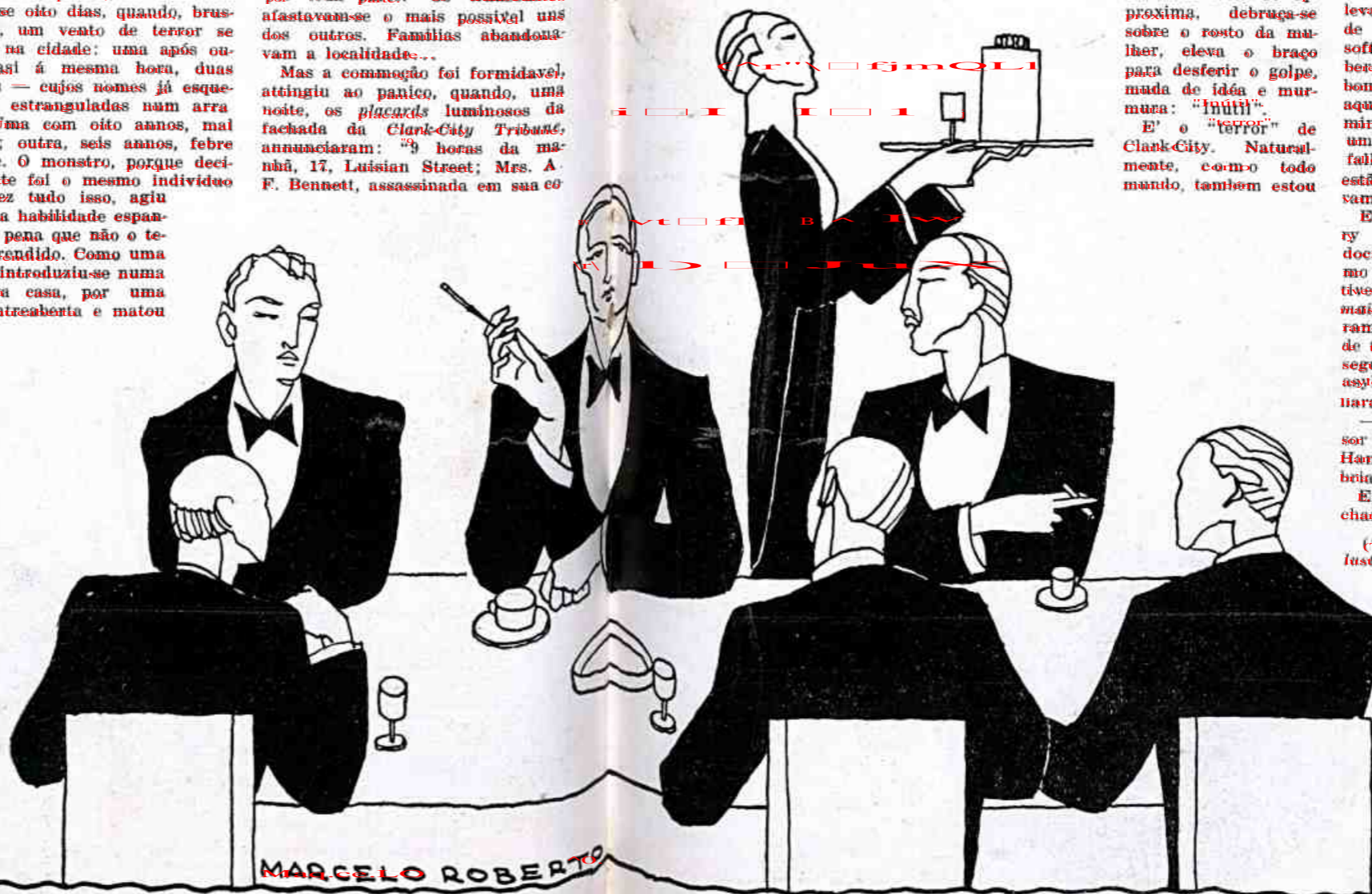
E' o "terror" de Clark-City. Naturalmente, como todo mundo, tambem estou armado. Appareço, já á porta, enfrentado-o de revolver em punho. Vou gritar. Elle falla, então, brandamente. "Fui pegado. Perdão. Sempre agi para fazer o bem. Entrego-me. Por que, porém, interromper minha obra? Isso é cruel. Eu teria morto todos os moribundos, todos os incuraveis. Sim... fui eu... eu! Eu lhes era util. E foi por bondade que assim sempre agi... Para que deixar viverem os que soffrem, os que não se curarão nunca? Matar é um acto de humanidade. Todos elles, ao expirar, agradeciam-me. Ha muitos outros na cidade. Deixae-me livre. Sêde generoso por amor delles."

E citava nomes, endereços: "Amanhã iria ali e ali. Livral-os-ia de seus males. Não me comprehendeis, ainda? Deixae-me, pois, evadir-me. Tendes um coração. Sois um coração. Elles soffriam, soffriam muito, os infelizes. A morte, a bôa morte eu levava a todos! Matava por amor de meu proximo. Não posso ver soffrer! Entendei-me? Ou não sabereis distinguir um sentimento bom de um sentimento mau? Para aquella a morte chegou antes de mim. Ella comprehendeu. Tive um trabalho inutil. Emquanto vos fallo, ha outros muitos outros que estão soffrendo... que me esperam..."

Elevei a voz. Chega gente. Harry Burdekin deixou-se prender, docilmente. Estava admirado, pasmo de que a morte, desta vez, o tivesse antecedido, *tivesse sido mais clemente do que elle*. Levaram-no e elle se foi, envergonhado de ter vindo *muito tarde*. No anno seguinte, elle se enforcava no asylo de alienados onde o internaram.

— Curioso! — disse um professor da Faculdade. Lombroso e Hamon teriam gostado desta sombria historia.

E, novamente, accenderam-se os charutos apagados...

(*Traducção de Eloias Lopes. Illustração de Marcello Roberto*).

O Instituto Profissional Orsina da Fonseca inaugurou, solennemente, a primeiro do corrente, a exposição de trabalhos do anno lectivo de 1929. Damos aqui tres aspectos dessa solennidade, vendo-se a directora e professoras do Instituto, um grupo dos convidados e a secção de desenho da exposição.

FON-FON

e o seu numero de NATAL

Uma surpresa aos nossos leitores

As nossas edições de Natal já constituem uma tradição de luxo, elegancia e bom gosto, a par da primorosa confecção literaria.

Todos os annos, FON-FON festeja a grande data do nascimento do Senhor reunindo em suas paginas as pennas mais brilhantes da nova geração literaria, homenageando deste modo os seus innumeros leitores.

Seguindo esta praxe, grata para nós, que procuramos manter os fóros de FON-FON, como a revista da elite brasileira, temos o prazer de annunciar o apparecimento do nosso numero de Natal, deste anno, que representa um esforço magnifico da nossa Empresa, no sentido de corresponder ao crescente favor publico, que esgota as nossas edições.

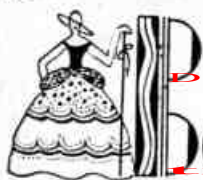
A parte material, confeccionada a côres, illustrada por artistas de merito, attesta brilhantemente a capacidade das nossas officinas.

A parte literaria constitue uma verdadeira surpresa, pois FON-FON reúne em suas paginas os nomes mais expressivos da vanguarda das letras.

Da nossa redacção, João do Norte firma a chronica O Pastor dos Pastores e Gustavo Barroso, que é o mesmo, o conto A telephonada da Morte; Hermes Fontes e Bastos Portella, as poesias Romantismo e Idealidade; Martins Capistrano e Mario Poppe subscrevem contos de actualidade.

Uma encantadora legião de espiritos femininos contribue para o successo do nosso numero de Natal, bastando citar a pagina Natal! Natal nos corações das mães!... de Petite-Source, nossa fascinante companheira de redacção; seguida dos trabalhos Evolução, de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça; O retrato, versos, de Henriqueta Lisboa; Oração de um sapato de gente grande, versos, de Maria Eugenia Celso; Divagando, chronica, de Iracema Guimarães Villela; Meu noivo, chronica, de Amélia de Freitas Bevilaqua; Luar Amazonico, versos, de Eneida de Moraes; Entre-Acto, conto, de Mercedes Dantas; Fantasia, de Magdala da Gama Oliveira; A casa sinistra, chronica, da Suzanna de Alencar Guimarães; Abelhas doiradas, chronica, de Sylvia Moncorvo; As mãos do Vento, versos, de Leonor Posada; Uma alma de mulher, conto, de Iveta Ribeiro; Considerações inuteis sobre a Arte verdadeira, chronica, de Helena de Irajá; Os rios, versos, de Maria Sabina; A placa de brilhantes, conto, de Laurita Lacerda Dias; O surto do progresso feminino, chronica, de Maria R. Campos, e A vida-balão no ar... chronica, de Esther Ferreira Vianna.

Entre os trabalhos feitos especialmente para FON-FON, e firmados por escriptores de merito, já consagrados, podemos citar: Natal, soneto, de Aloysio de Castro; Uma carta, conto, de Berilo Neves; Poeira, pensamentos, de C. da Veiga Lima; Dois poemas em prosa, de Povina Cavalcanti; Ausência, soneto, de Olegario Marianno; Num livro de pensamentos da Amélia, quando menina, chronica, de Clovis Bevilaqua; Belleza e Arte, chronica, de Beni Carvalho; A bruxa na vidraça, chronica, de Horacio Cartier; Sacrificio, poema em prosa, de Lucio de Moraes; Retrato de uma collegial rindo, poesia, de Murillo Araujo; Sensibilidade, poesia, de Osorio Dutra; Gallo, chronica, de Edvard Carmillo; Da mulher, fantasia, de Hernani de Irajá; Fulanita, conto, de Amarylio de Albuquerque, e Christo nasceu, poesia, de Oliveira e Silva.

Essa primorosa edição do FON-FON que, fóra de seu texto, publica ainda farta e escolhida collaboração — contos de autores nacionaes e estrangeiros, versos, variedades, etc. — apresenta-se caprichosamente illustrada pelos conhecidos artistas Manoel Constantino, Marcelo Roberto e Renato Palmeira, e custa apenas 2$000 o exemplar em todo o Brasil.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

As flores deste balcão vão entrar em "liquidação" de fim de anno e, com ellas, a nesga da terra humilde e desconhecida do coração que as fecundou e fez medrar para, depois, desabrocharem e enfeitarem modestamente o parque solitario, cortado de alamedas sombrias e de relvados ensoleirados, de minha alma.

Fim de anno. Natal, que ahi vem, a inquietar, desde já, os olhos sempre cheios de desejos dos pequeninos, dos que aguardam ansiosos, a vinda miraculosa de Papae Noel, a distribuir, farta e generosamente, brinquedos e surpresas de toda ordem pelos sapatinhos esquecidos á beira da lareira domestica.

Quantas cabecinhas loiras e quantas outras, com seus lindos cabellos escuros, não estarão a esta hora a pensar no "presente" do bom velhinho de longas barbas brancas, côr de prata, que todo fim de anno, pelo Natal, põe em alvoroço o coração das nossas crianças?

Quantas, porém, não irão encontrar vazio seu sapatinho e quantas sequer o sapatinho não terão para collocar á beira do fogão caseiro?

Pobresinhas!

Minha alma, enternecida, e cheia de vós — oh pequeninos humildes e desamparados — faz distillar nas fontes de meus olhos a agua purificada da bondade e do carinho com que vou regar para vós, e só para vós, conservando-as frescas e fragrantes, as ultimas flores dos jardins suspensos de meu coração, neste fim de anno.

E, despetalando-as, uma a uma, sobre as vossas cabecinhas, elevo tambem para Papae Noel a supplica mais fervorosa, a pedir-lhe que não vos esqueça — que, antes de percorrer os palacios e as casas ricas, penetre nos vossos lares sem conforto e, muita vez, sem pão...

Se eu fosse Papae Noel como saberia encher de encanto vossos olhinhos deslumbrados, e de alegria vossos corações, e de festa vossos lares esquecidos e tristes!

Nada mais, porém, vos posso offerecer e dar do que as modestas flores do meu balcão, do meu jardim de sentimento e de bondade. E tambem é vossa a abençoada nesga de terra de meu coração, onde ellas, agora, em alvoroço, pendem de seus caules, na sua ansia de derramar sobre as vossas cabecinhas a unção floral e mystica de seus calices cheios de ternura e de carinho.

E' pouco — oh pequeninos, oh pobres e desamparadas crianças — o que vos posso dar. Mas é tudo o que possúo; é toda a minha riqueza...

A senhorita Jacy de Bacellar, talentosa violinista patricia, possuidora de uma alma rica em sensibilidade, é uma artista que empolga, quando vibra no seu violino um «nocturno» de Chopin, ou quando ostenta o rythmo bizarro de uma symphonia hespanhola, de Lalô... Jacy é uma das glorias da nova geração musical do Brasil.

SORRINDO

Uma phrase de Nietzsche — "com a bocca mente-se, mas atravez dos gestos que se descobre-se a verdade" — despertou em mim a tua lembrança.

E' possivel que isso te espante, porque, de certo, não comprehenderás que relação poderá existir entre o que escreveu o irreverente pensador allemão e este éco de tua recordação — e quem sabe se de tua saudade? — que veio acordar dentro de meu coração a maior disillusão de minha vida: a que me trouxe a inquietação de teus labios tre-

gos e mentirosos de mulher.

Bocca de mulher... não sei por que Deus não lhe deu uma forma especial, de expressão dubitativa, capaz de melhor nos prevenir quando ella entilla o mel de suas palavras falsas e blandiciosas!

Palavras de mulher... harmonioso carrilhão de mentiras que sôam tão doce, tão suavemente, ás vezes, não sei por que Deus não lhes deu tambem um entono especial, de falsête, capaz de nos permittir adivinhar seu verdadeiro significado?

E tu, com teu arzinho de pureza e de innocencia, com teus olhos ungidos de santidade, mentiste-me tanto, durante tanto tempo, que, hoje, ainda hoje, não comprehendo como me deixei illudir assim...

Para que, porém, recordar? Palavras, leva-os o vento e, mais pelos teus gestos, do que pelo que me dizias, deveria eu ter procurado comprehender-te.

Até as féras, porém, gostam da musica, que as fascina. E tuas palavras eram divina e diabolicamente musicadas...

Para que recordar?

E com esta outra phrase de Nietzsche, despeço-me de ti, da tua recordação, da tua saudade: "Não foi o me teres mentido e sim o já não poder crêr em ti o que tão profundamente me commoveu".

PETIT BLEU

Evocar o passado e trazer para o presente a origem de muitos dos nossos sentimentos actuaes. Para outros, é voltar a um tempo desapparecido: recordar é viver... São esses dois estados de alma que a senhora Nini Rocha Miranda, com sua voz cheia de tão delicadas e suaves inflexões, vae despertar no theatro Casino, na proxima quarta-feira, com a retrospectiva da «Valsa e da cançoneta franceza através de um seculo». Os acompanhamentos estão a cargo do conhecido pianista Mario Azevedo. Pela sua originalidade, promette completo exito o recital de canto da senhora Nini Rocha Miranda.

— E tua pagina para o numero de Natal?

— Não a trouxe, ainda hoje. Mais logo vou ver se a escrevo. Sinto-me tão cansado, tão pouco disposto para este exhaustivo trabalho mental de todo dia!... Estou surmenagé e tambem blasé, meu caro...

— Vê se escreves qualquer cousa. Está ficando tão bonito, o numero de Natal! Será pena que entre todos que trabalham no FON-FON só o teu nome não se represente nessa edição especial, de luxo mesmo, e que está, realmente, ficando linda, linda!...

Fallando-me assim, o meu companheiro, secretario de FON-FON e "pae" da edição de Natal, parece estar com a bocca cheia de "marron glacé".

E, ha dias, muitos dias, venho eu a lhe repetir que "mais tarde", "mais logo", "amanhã" escreverei qualquer cousa, sem o ter feito até agora, sem já poder fazê-lo porque já está "fechada" a edição de Natal.

— Que pena! — digo a fallar para mim proprio

Este anno... Este final de anno. Tão triste tambem que me correu o anno!

Não: foi melhor não escrever para o numero de Natal. Vou aguardar o novo anno. Então, sim: escreverei paginas e mais paginas, todo o FON-FON, durante todo o anno...

Quem escreve é como quem namora para... casar. Só se sente cheio de enthusiasmo e capaz de grandes proezas emquanto vae dizendo que vae escrever, ou que vae casar. A inspiração mantem-se exaltada e fecunda, emquanto a gente não a passa para o papel e do papel para a publicidade.

E' o mesmo o estado de espirito de quem está noivo, na espectativa do casamento, que é a coisa mais deliciosa da vida emquanto não passa para o "papel", para a publicidade dos cartorios e das sachristias...

Pois não é?

Mas, francamente, já estou arrependido. Está tão lindo, de facto, o FON-FON de Natal!...

CASA VAZIA...

Casa vasia — Rodovalho Neves.
Casa vazia,
cheia de poesia;
que, em fórma simples e palavras breves,
o autor poz pensamentos
fundos, e ageis e longos sentimentos,
piedade, nostalgia,
devaneio, saudade,
poesia
— Emoção, commoção, sinceridade.
Casa vazia,
cheia de poesia...
Casa vazia, coração repleto
— toda a philosophia
da magoa e da ironia,
mas, tambem, toda graça que irradia
da pureza e do affecto.

Rodovalho viveu, soffreu. E' poeta.
Puro e immaculo (é Neves). Rodovalho,
nos mundos interiores que interpreta,
põe um pouco de orvalho
de lagrimas sentidas
e outro tanto de affecto
(casa vazia, coração repleto)
do luminoso affecto
da sua vida para as outras vidas

E a poesia que sáe de sua lavra,
é uma lingua de passaros e de anjos
(não faz de Phydias nem de Praxistéles)
não rebusca palavra,
nem esconde o seu culto a um Augusto dos Anjos
e a Cecilia Meirelles...

Santa Cecilia da poesia nova,
sorriso de extase, emoção de orvalho.
Santa Cecilia,
musa subtil, de coração á prova,
tem um poeta irmão em Rodovalho,
Rodovalho Neves,
oriundo dessa mystica familia
de sonhadores e de soffredores,
que, em longos sonhos e palavras breves,
fazem das proprias chagas novas flores
e das intimas lavas, novas neves...

Casa vazia,
coração repleto.
Casa ermada de luz, sem companhia,
coração transbordante de poesia,
poesia cheia de alma e alma cheia de affecto.

No Recife, ha doze annos (eu me valho
dessa recordação, nem sei por que!)
meu caro Rodovalho,
que ingenuo e bom menino era você!

Hoje que a vida o encheu de soffrimento,
de desdem e ironia,
você abre-nos a alma — quem diria? —
é uma casa vazia...
Vazia, não: cheia de sentimento,
aureolada de luz e de talento,
Casa de sonho, casa de poesia...

Por ter sido recentemente acclamado presidente do Club dos Bandeirantes do Brasil, o dr. José Marianno Filho recebeu, ha dias, uma homenagem de associados daquelle club, que lhe offereceram um almoço, durante o qual se fizeram ouvir vários oradores.

GLYCINIAS

Nesta tarde de chuva, a tua lembrança me traz a saudade melancolica de um distante crepusculo em que tu e eu — protagonistas venturosos de um lindo e suave romance — olhavamos a cinza gottejante da hora molhada. Era em dezembro tambem.

Da nossa janella alta nós viamos a cidade desolada sob o aguaceiro de verão. Passavam automoveis lá em baixo, naquella rua que tu conheces e que tantas vezes nos viu juntos. A chuva cahia, como agora. Uma chuva que nós desejavamos fosse infinita, porque era a doce protectora do nosso amor...

Relembrando essa tarde deliciosa, numa tarde igual, de melancolia e de chuva, eu sinto não poder revivel-a como posso reccordal-a... emquanto chove e eu me lembro de ti...

O circulo de Paes e Professores e alumnos do Grupo Escolar Homem de Mello, por occasião da solennidade inaugural da exposição dos trabalhos escolares, vendo-se ao centro, além de outros, a directora do grupo, d. Adelia Godoy, e o professor Frederico Eyer.

O destino daquelle cigarro de fumo louro que tinha um leve sabor de opio... Daquelle cigarro que se extinguiu resignadamente, num sacrificio silencioso, devagar, sómente para apagar um pensamento melancolico que se estava insinuando no espirito de quem o sugou tão avidamente... Cinza e fumaça...

Si fossemos reparar no destino de todas as coisas que os nossos sentidos possúem e gozam, só pelo simples e ephemero prazer de possuil-as e gozal-as, talvez comprehendessemos melhor a contingencia sentimental da vida que vivemos... E a vida talvez fosse mais bella.

Um cigarro que se fuma e que os nossos dedos atiram violentamente ás pedras do calçamento, tem, muitas vezes, um destino mais elevado do que certas almas humanas... Porque ha almas que parece não têm destino, tal a ausencia de belleza e de significação sentimental que ha em todos os seus gestos e attitudes.

A tristeza de uma ponta de cigarro... Alguem já a sentiu. Si não me engano foi João do Rio. Só certos espiritos como o seu podem interpretar a belleza dessas coisas apparentemente sem belleza... Coisas longinquas para certa gente que não ama pelo espirito, não sabe amar para entendel-as... Coisas que para outros têm o mesmo mysterio, o mesmo encanto luminoso daquellas estrellas que conversavam com o excelso Bilac. (E seria demais exigir que toda a gente que fuma andasse buscando comprehender a tristeza humilde dos restos de cigarros que deixa pelo chão...)

E', pois, natural que pouca gente repare na pobre ponta de cigarro que atira á rua e que nos fica olhando com a sua pupilla de fogo, numa quietude expectante. Como si estivesse com saudade dos labios que a beijaram até consumil-a, esgotal-a, dos dedos que a apertaram numa caricia que era antes uma tortura... E ainda nos está olhando, quando deixa escapar um fio de fumaça que se move no ar suggerindo um gesto lento de adeus. Depois, apaga-se como uma palpebra que se fecha... E nesse instante derradeiro o cigarro nos dá tudo que lhe resta: um gesto azul de fumaça, um olhar mortiço de chamma que se apaga... Como certas mulheres que amamos. Mulheres á margem de cujas vidas nos detemos um momento. Pedimos-lhes muito e temos tudo o que pedimos. E depois de amados, saciados, passamos. Ellas ficam. Mas si um dia olharmos para traz, veremos que ellas não nos esqueceram. Veremos um gesto e um olhar. Talvez as unicas coisas que lhes restam. Tudo quanto nesse momento nos podem dar...

PERYLLO Doliveira é um brilhante nome literario do norte. E' parahybano e é jornalista militante em sua terra. Nasceu sobre o Borburema, em Araruna, municipio da Parahyba do Norte.

Tem dois livros publicados: "Canções que a vida me ensinou", apparecido em 1925, e que o poeta argentino Horacio Nani acaba de traduzir para o castelhano, e "Caminho cheio de sol", edição de 1928, que mereceu lisonjeiras referencias da critica. São ambos de versos. Peryllo Doliveira é poeta, e dos mais interessantes que possuimos.

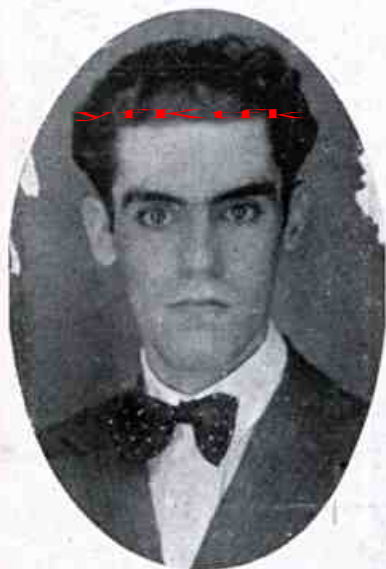
"A voz triste da terra" e "Epigraphes para um destino" são dois outros volumes de poesias que elle nos promette para breve.

Como prosador, Peryllo Doliveira tem prompto, mas ainda inedito, um livro de chronicas: "Arco-Iris".

Peryllo Doliveira escreveu especialmente para FON-FON esta pagina scintillante, em que fixa um aspecto banal da vida.

Foi solennemente inaugurada, sabbado ultimo, a Alfandega de Nictheroy, de recente creação. Ao acto inaugural, que teve a presença do exmo. sr. dr. Manoel Duarte, presidente do Estado do Rio, compareceram, tambem, os srs. ministros da Fazenda e da Viação, drs. Oliveira Botelho e Victor Konder; secretarios de Estado do governo fluminense, representantes do Congresso Nacional e numerosas pessoas de destaque nos meios politicos e sociaes daquella e desta capital. Na mesma occasião realizou-se, tambem, o acto da entrega do cáes do porto de Nictheroy á Companhia Brasileira de Portos. As gravuras que illustram esta pagina focalizam dois aspectos da solennidade.

LANTERNAS DE PAPEL

VIDA INTERIOR

Horacio Alves Mendes, autor do bello trabalho «Esboço Critico do Romantismo Brasileiro», these do concurso para professor cathedratico de litteratura da Escola Normal.

VIDA interior! Consolo de maguas. Manancial da força. Base de resignação. Vida interior! Tu és a rocha viva duma alma, o refugio sem par do caracter, a fonte inesgotavel da resistencia moral. Para ti, foi, sem duvida, feita por Jorge Schidle esta paraphrase de Edmundo Rostand:

Cae el fortin al golpe de la metra
[lla fiera,
pero el Santuario, en ruinas, tiene
[vida immortal:
por cupula se mira la celestial es-
[fera
y sirvente las grietas de pila bau-
[tismal.

* * *

A mulher é louca como o vento e luminosa como o sol. Dahi as ondas de sensações que desperta e a loucura que transmitte aos desejos ardentes dos homens. E' todo o instincto primitivo das forças da natureza que borbulha nas curvas lascivas do seu corpo. Ella é, por isso, todo o mal e todo o bem. Guardae a vossa vida interior bem guardada para nella vos abroquelardes contra a mulher...

Um grande poeta francez cantou um dia as amargas desillusões de sua vida; mas terminou mostrando que o seu remedio fôra um coração feminino:

...Vous avez en bouquet reuni tous
[mes rêves
et vous me les avez rendus en sou
[riant...

O professor Andréa Torre, uma das grandes figuras da Italia dos nossos dias, acaba de ser eleito senador do Reino, numa justa homenagem ao seu merito de estadista e intellectual. Ex-ministro da Instrucção Publica, jornalista notavel, antigo presidente da Associação de Imprensa Italiana, o professor Andréa Torre nos visitou por occasião da Conferencia Inter-Parlamentar do Commercio, na qual tomou parte como representante de seu paiz. A photographia que ora publicamos, devemol-a á gentileza do sr. Luiz Segreto, que foi um dos grandes collaboradores do professor Torre, nas suas primeiras lutas eleitoraes.

* * *

Mãos femininas, ao contrario, têm espalhado ao vento os meus. E só o poder da minha vida interior delles tem conseguido conservar algum perfume...

Em face da vida que grulha e se movimenta, ás vezes fico deslumbrado como o pequeno Kim de Kipling á beira da povoada estrada de Calcuttá. Mas, si me volto para dentro de mim mesmo, é ainda maior o meu deslumbramento. Dentro de mim ha muito mais o que ver...

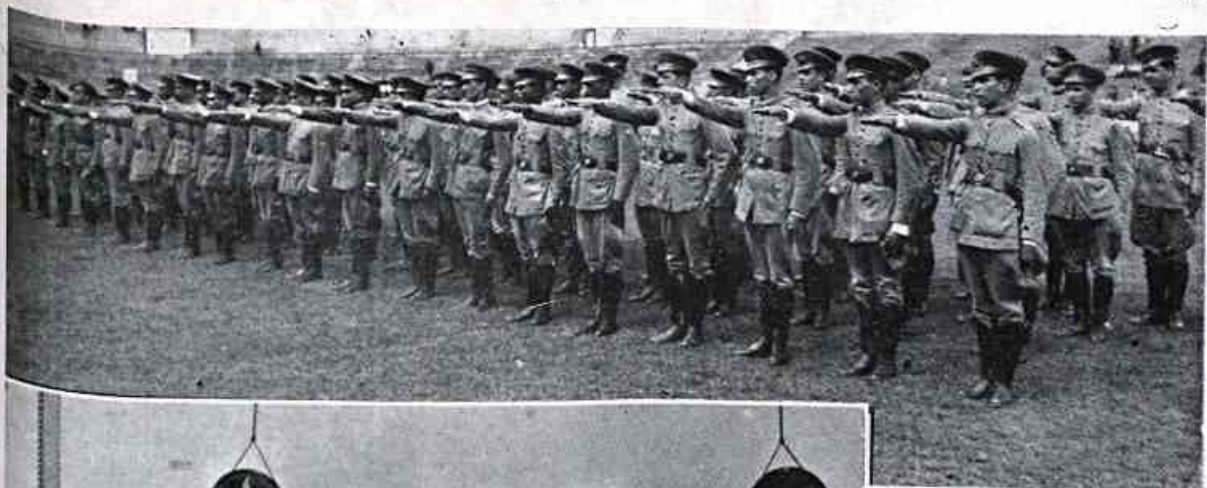
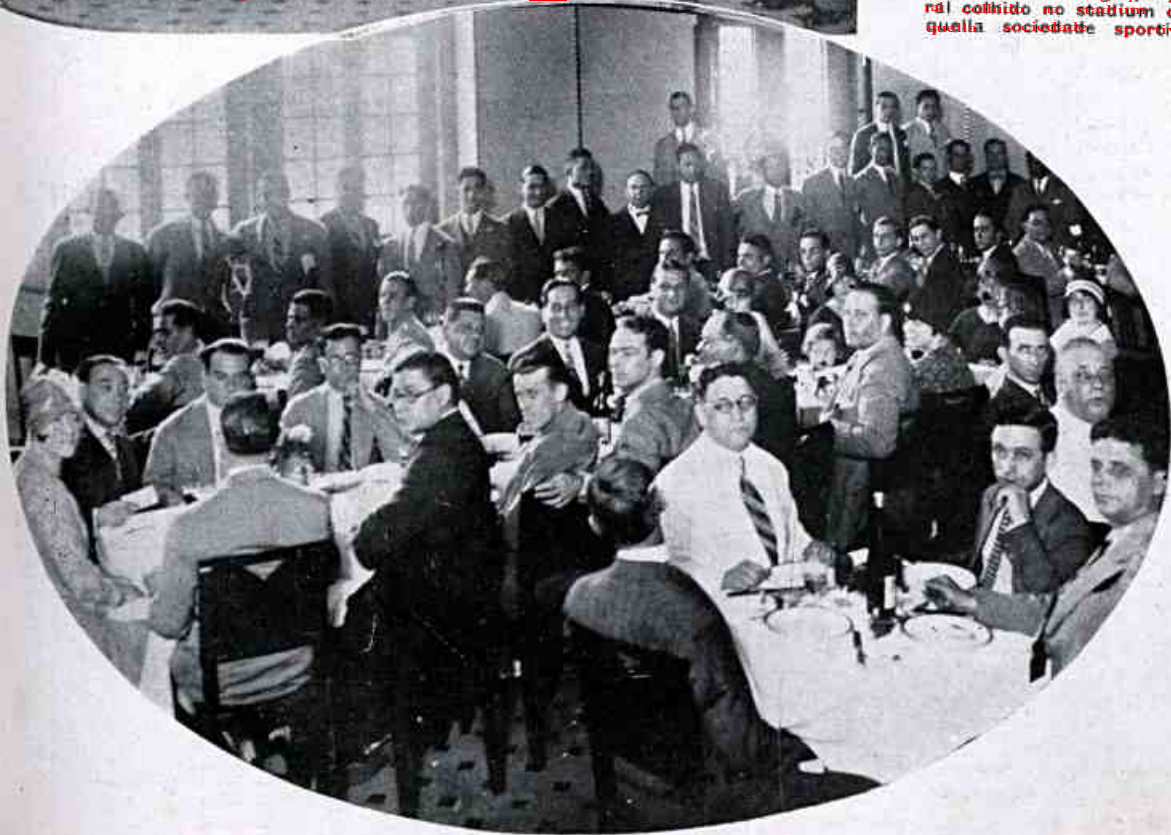
* * *

Mergulhar na leitura é a melhor coisa para todos quantos se sintam fatigados da eterna illusão da Roda das Coisas, como os thibetanos denominam a vida. Porque com um livro na mão nós nos communicamos com outros espiritos sem sahir de dentro de nós mesmos.

* * *

Somente as grandes almas, os heróes e os santos, podem ter uma vida interior intensa, pois ella exige para seu amplo desenvolvimento a condemnação total das exterioridades e das exteriorizações.

CLAUDIO FRANÇA.

O nosso confrade de imprensa e apreciado escriptor Walfrêdo Machado, que recebeu carinhosa homenagem dos seus amigos e admiradores, por occasião da passagem de seu anniversario, a 9 do corrente.

O Club de Regatas Vasco da Gama prestou, domingo ultimo, significativas e carinhosas homenagens a seus associados que, este anno, conquistaram os campeonatos cariocas de mar e terra, offerecendo-lhes um almoço ao ar livre, no stadium de S. Januario. A' tarde, realizou-se, tambem ali, a cerimonia do Juramento á Bandeira pela Escola de Instrucção Militar n. 307, do «Vasco da Gama», e entrega das respectivas cadernetas aos reservistas. Danças e outros numeros emprestaram grande attractivo e enthusiasmo ao festival do C. R. Vasco da Gama, em homenagem a seus campeões. Estampamos nesta pagina aspectos do almoço e do juramento á Bandeira, bem como o flagrante de um grupo geral colhido no stadium daquella sociedade sportiva.

VOCÊ anda triste, Bemvinda. E até já não sente você mesma. Vive a procurar o seu "eu" e não o encontra, evidentemente.

E' lamentavel a sua situação. O seu marido... Ahi está a raiz do seu desapontamento...

Eu imagino tudo. Mas não lhe acho razão.

Você exige muito do seu pobre amado. Elle é mais moço do que você. Possúe uma intelligencia bem differente da sua intelligencia.

Vocês ambos são espiritos dispares que se estimam, mas não se coordenam.

Fallo-lhe com sinceridade. Quasi com rudeza. Não se revolte nunca em face de uma lealdade profunda. Se, ás vezes, a verdade limpida fere-nos o nosso amor proprio, sempre nos faz revelações admiraveis. Porque a lisonja é uma inimiga terrifica do nosso aperfeiçoamento.

Contribue para todos os desastres do equilibrio da personalidade.

Faz a vida balôfa dos seres que não resistem ao sopro da mais ligeira rajada.

Por isso, eu me sinto feliz quando encontro no meu caminho uma voz acerba que me advente dos perigos da minha pretenção, e de todos os meus instinctos descabidos.

Escute as coisas verdadeiras que lhe fallo, Bemvinda.

A sua felicidade depende de você mesma. Ha uma sentença muito velha, que nós repetimos incessantemente: cada um constróe a sua propria sorte e de accordo com os seus meritos. Mas, deixemos os conceitos ancestraes e passemos ao seu caso, que me interessa.

Não se amofine tanto com os cilicios do ciume.

Lembre-se que a liberdade ainda é o grande postulado dos povos e das instituições.

Liberte-se e liberte o seu marido.

Fujam os dois do grilhão infernal que os prende.

Não me conformo com o seu atrazo.

Você, uma creatura culta, viajadissima, muito ciosa da sua belleza, dos seus talentos, não deve reincidir nesse amofinamento.

Seja dadivosa.

Abra um parenthese de serenidade nesse capitulo vermelho de lutas e ciumes estereis.

Lembre-se do que você ainda vale em belleza, em amor.

E o seu espelho?

Que lhe diz esse amigo incomparavel?

Não lhe revela os seus feiticeiros encantos?

Passou a reflectir, mentirosamente, a sua carrancuda physionomia dos seus momentos de odio?

Até os espelhos, hoje, são perfidos, Bemvinda...

E os maridos, mesmo os peiores, sempre têm algum prestimo.

O seu, por exemplo, lhe tem servido para apressar o seu envelhecer.

Sei que você está actualmente sendo beneficiada pela sciencia de Madame Campos — a mestra generosa da esthetica feminina.

E, agora ainda mais, confia na sua seducção, invencivel seducção que se tem erguido a todas as provas... Mas, eu lamento, profundamente, o seu infeliz amado.

Lamento-o, mesmo sentindo que elle soffre da fartura do amor.

Além de tudo, esse seu poeta tem um "beguin" conhecido por creaturas cheirosas, de pelle achocolatada...

Quando a Aracy não se havia tornado ainda a senhora Fa[illegible]los e a Josephina não era sabida aqui a esposa honesta do Conde Pepino, o seu amado vivia sempre com a alma presa aos sambas da linda "estrella" e o coração em suspiros de esperança pela chegada da "Venus de Ebano"...

Não sei agora como se comportam as illusões de amor do seu marido, depois desses dois infaustos acontecimentos que acabo de relatar.

Sei apenas que não lhe assenta a você a attitude cruel de carrasco.

Mude de proceder.

Volte a ser aquella mesma Bemvinda que você nunca deixou de ser. A alchimista fascinadora de todas as desgraças e de todos os desesperos.

Acredite-se amada na fórma bem comprehendida de uma illusão.

E saiba que a illusão no amor será sempre, o unico liame que prende á vida este sentimento tão grave e tão banal como a mesma vida.

No Theatro Municipal de Nictheroy, promovido pela União dos Moços Catholicos do Collegio Brasil, realizou-se, a 27 de Novembro ultimo, brilhante festival litero-musical, no qual o dr. Gustavo Barroso, membro da Academia de Letras e redactor-chefe de FON-FON, fez notavel conferencia sobre «Deus e Patria». A sessão foi presidida pelo exmo. d. José Pereira Alves, bispo de Nictheroy, tendo saudado áquelle escriptor, em brilhante oração, o revmo. conego João de Barros Uchôa, figura de grande relevo e prestigio no clero fluminense. O variado programma do festival foi desempenhado com geral agrado. A gravura acima representa um grupo de pessoas presentes á sessão, vendo-se, no medalhão, o conego João Uchôa, assistente ecclesiastico da União dos Moços Catholicos.

SOMBRA

Linda, tu ias pela tua estrada;
triste, eu seguia pelo meu caminho.
Tu, num vôo; eu, num passo lento e grave.

Mas houve o encontro numa encruzilhada
e nunca mais eu quiz andar sozinho,
que uma jornada a dois é mais suave.

Hoje que tudo ao derredor me assombra,
eu hei de ser assim em teu caminho
como uma espécie de segunda sombra.

CARLOS PAURILIO

Enlace Nair Antunes Festas-Moacyr de Gouvêa Lins.

Enlace Melania Saldanha da Gama-Francisco Dias da Cruz Netto.

TREPAÇÕES

PUXA! Com aquelle cidadão nem as creadinhas escapam. Quer dizer, apesar do seu ar grave de esculapio, elle não respeita caras... E' cara... dura.

Homem moderno, elle comprehendeu que não se faz fortuna com trabalho. De resto, quando isso acontece, a fortuna chega sempre tão tarde, que o melhor é mesmo não esperar por ella.

O esculapio descobriu que a moça era feia e madura, mas dona de alguns milhões. Entrou a *flirtar* com a "joven" senhorita e, dentro em pouco, era noivo como qualquer "chasseur de dote"...

Seu doutor passou a frequentar a casa da noiva. A casa da noiva é chic.

Piano, radio, tapetes, lindo parque, creados, automoveis...

Entre os creados ha uma creadinha que é mesmo um peccado ambulante a tentar as almas frageis...

E vae dahi, o nosso esculapio, não resistindo á tentação, um bello dia, atracou a creadinha, "á sombra fagueira" de uma enorme mangueira do parque... Alguem, indiscretamente, levou tudo ao conhecimento da "patrôa".

O resto é facil de imaginar: rompimento, expulsão da creadinha, choro, agua de flor de laranja, etc...

Ager, filho do sr. Braz Grimaldi, de São Manoel.

OS trabalhos da Camara estão virtualmente terminados, e o illustre parêdro, dentro em breve, deverá rumar com destino á sua pacata provincia, não para descansar, mas para tratar da reeleição.

Oito mezes, cada anno, com duzentos mil réis garantidos, deliciando-se com os attractivos da Capital Federal, não é coisa que se renuncie por vontade propria.

A provincia, com os seus honestos costumes, presa ao bucolismo das horas interminaveis de *dolce farniente*, só póde ser, hoje, tolerada com muito sacrificio pelo deputado, que ainda não justificou o motivo da sua presença na Camara, porem que, em compensação, já firmou reputação em certa róda bohemia da cidade.

Zelia Maria, filhinha do casal Alvaro Martins-Orlinda Duarte Ribeiro Martins, de Jequié, Bahia.

E si o nosso heróe não *cavar* a reeleição ambicionada, teremos de registar um caso de sensação lá para os eleitores provincianos, pois é bem possivel que certa dama tenha força bastante para afastal-o de vez do torrão natal, e fazel-o habitante da terra carioca.

Mauricio, filhinho do dr. Alvaro Palmeira.

A estação petropolitana está prejudicada para *madame*, neste verão.

Hedda, filha do inspector escolar fluminense professor José Antonio Maia Vinagre.

Ella não poderá subir para gozar as deliciosas noites da linda cidade serrana ouvindo o poetico marulhar das aguas mansas do Piabanha...

A razão é simples.

As villegiaturas de repouso, de *madame*, custam um dinheiro louco e quem *marcha* para as despesas está em sérios apertos financeiros.

Parece que desastres commerciaes de vulto impedem o respeitavel cidadão, de sustentar, no momento, duas familias, isto é, a propria e a postiça...

E a costella postiça é justamente a mais exigente, a que sente calor e póde ares de Petropolis, todos os annos.

A outra é modesta e conformada, tão conformada que não apparece lá pelo alto da serra, na cidade das hortensias, para exhibições elegantes.

Ora, que tristeza, que "azar" madame sentir-se privada de mostrar as suas *toilettes* aos olhos curiosos dos *habitués* da praça D. Affonso!...

Um aspecto da cerimonia inaugural da Assistencia Publica da cidade de Mogy das Cruzes, no Estado de S. Paulo, adquirida por subscripção publica, e sob o patrocinio de uma commissão composta pelos srs. drs. Alvaro Prado, Leopoldo Costa, capitão J. Mello Freire e José Fontes, que apparecem na photographia ao lado das autoridades locaes e outras pessoas gradas.

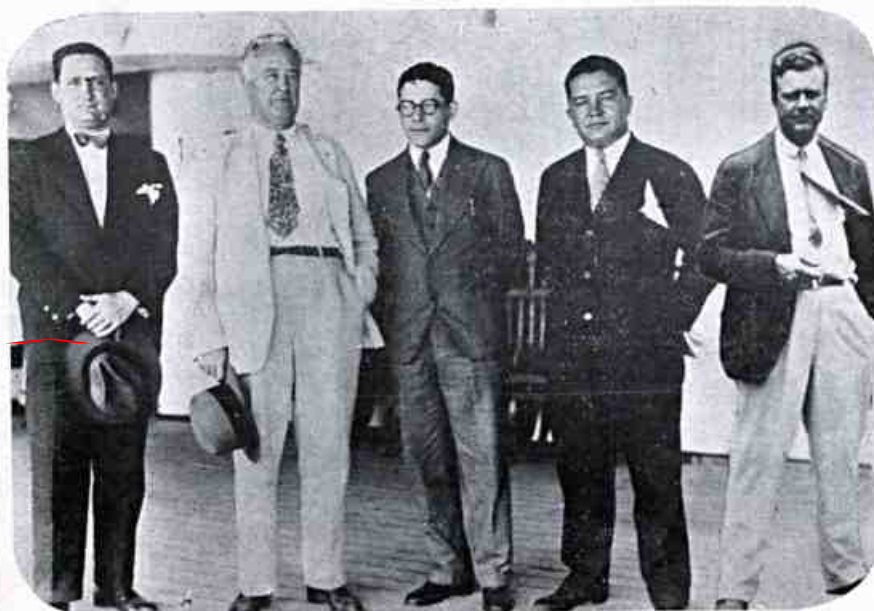
FILIGRANAS

Ella passou por mim na grande rua ensolada. E era linda como uma rainha de conto de fadas.

Todos os homens paravam e voltavam o rosto a seguir-lhe o porte magestoso, o passo altivo, o voluptuoso e lento ondular das curvas.

Eu me detive tambem; mas, com um sorriso nos labios, recordei a palavra de S. Gregorio de Nazianza: "Si a tua belleza é uma rêde armada aos homens como a um bando de passaros, que acontecerá?"

O santo absteve-se de explicar o que aconteceria; mas nós todos sabemos...

Foram inaugurados, a 6 do corrente, os novos melhoramentos da Escola Rivadavia Corrêa. Na mesma occasião, realizou-se a solennidade da abertura da exposição dos trabalhos executados, no corrente anno lectivo, pelos alumnos daquelle estabelecimento de ensino Profissional.

O sr. K. L. Keats, da Chrysler Export Corporation, em companhia de alguns amigos, ao embarcar para os Estados Unidos.

— E' assim que devo estar: aos pés do meu senhor...

E tu, numa caricia envolvente, fizeste-me sentar...

Tomei entre as minhas a tua mão e puz-me a dizer tudo quanto meu coração adivinhou...

Fechaste um momento as minhas mãos nas tuas...

Emotivo silencio... Extranho carinho...

Meu amor, despertei! Foi o meu sonho desta noite...

Tanto sonho bom! Tanto devaneio lindo! Tanta illusão querida! E... tu sempre o mesmo: indifferente e esquivo...

Baroneza de Branceion

Um aspecto da exposição dos premios da Tombola do Abrigo Thereza de Jesus, no largo da Carioca.

* * *

SONHO

Fui bater á tua porta... Recebeste-me sorrindo... e enlaçaste-me a cintura com lento carinho...

Afastei a tua mão carinhosa e amada, num gesto impulsivo, quasi inconsciente, mas decisivo. Sorriste. E, tomando-me o braço, levaste-me ao salão. Sobre um grande tapete te sentaste e me estendeste a mão para que a tua "zingara" te lêsse a "buena-dicha"...

Ajoelhei a teus pés... Protestaste... Sussurrei:

Grupo tomado no Palace Hotel, antes do almoço que o sr. H. E. Metcalf ali offereceu, ha dias, ao gerente, sub-gerente e encarregados de secções da Internacional Machinery Co.

PAINEL DE AZULEJOS

A PHILOSOPHIA DOS CANTADORES

O *folk-lore nordestino está na moda. O theatro, o jornal, o gramophone e mesmo o cinema tomaram conta delle. Mas sómente mostram aos civilizados ou pseudo-civilizados das grandes cidades do littoral o exotismo do compasso de suas musicas e a ingenuidade de suas cantigas primitivas, caracteristicos muito proprios para prender a attenção das multidões futeis e dos espiritos superficiaes.*

Entretanto, na poesia sertaneja ha um fundo curioso e original de critica e de philosophia que se não deve e não póde desprezar.

Entre os grandes troveiros do sertão, Agostinho Nunes da Costa cantou:

"Que importa a Pedro ou a Paulo,
seja eu rico ou seja nobre,
que, vivendo como pobre,
ande a pé ou a cavallo?
A mim não me dá abalo
toda a grandeza da lua!
Cante e grite pela rua
quem na paixão se abraza:
que eu como na minha casa,
cada qual coma na sua..."

Nicandro Nunes da Costa affirmou:

"...preso nem para comer dôce,
quem quizer vá experimentar.
Si o dôce tiver assucar,
na bôca ha de amargar..."

Ugolino Nunes da Costa sentenciou:

"O que o homem tem fabricado
merece ser applaudido;
porém estou convencido
que, por seu pouco saber,
de Deus póde o homem ser
filho e discipulo querido."

Silvino Pirauá lembrou a lição do Ecclesiastes:

"Tudo quanto se divisa
neste cruento torrão,
as arvores, a criação,
tudo emfim se finaliza,
até mesmo a propria brisa,
soprando a terra escarpada,
com força descompassada
se transformando em tufão,
deita páu, rola no chão
e tudo vem a ser nada."

O grande Leandro Gomes de Barros recordou o pessimismo schopenhaueriano:

"O pobre nasce em um prologo,
cria-se sempre lutando,
aprende quasi correndo
e morre ainda esperando..."

João Melchiades fez ironia:

"...mora o valor no dinheiro,
o metro na medição,
o orgulho na riqueza,
na pobreza a humilhação."

Não é de todo desprezivel — bem se vê — a philosophia natural dos cantadores matutos. Por muito menos, Maricá conquistou a celebridade...

D. JAYME.

Promovido pela Commissão Organizadora do 3.° Congresso Odontologico Latino-Americano, realizou-se, no dia 8 do corrente, no Hotel Corcovado, nas Paineiras, lauto banquete em homenagem ao sr. Luiz Hermany Filho, por motivo de sua brilhante e efficiente actuação como presidente da Exposição Internacional de Artigos Dentarios, muito contribuindo para o maior exito do certamen. A gravura acima representa um grupo de elementos de destaque na nossa sociedade que tomaram parte no banquete, durante o qual se trocaram brindes muito cordiaes.

Duas lendas do Oriente

De EMIN ARSLAN

O sabio cultivador

NUM entardecer, o rei da Persia, Casaroes, sahiu a passeio pelos arredores de Teheram, e, tendo visto um velho agricultor, de barba longa e branca como a neve, que emmoldurava sua cara enrugada occupado em plantar dáteis (é sabido que estas arvores levam vinte annos para dar fructos), o soberano parou deante do ancião e lhe perguntou:

— Acaso esperas viver para comer fructos destes dáteis, estando já no fim do caminho da vida?

— Oh, magestade! — respondeu-lhe o velho. — Os que nos precederam plantaram e nós comemos. Plantaremos, por nossa vez, e os que nos succederem comerão.

— Zeh! (1) — exclamou Casaroes, admirando a resposta feliz do velho, e o gratificou com mil denares.

(1) *Exclamação oriental.*

O velho agradeceu effusivamente ao rei, e acrescentou, com doce sorriso:

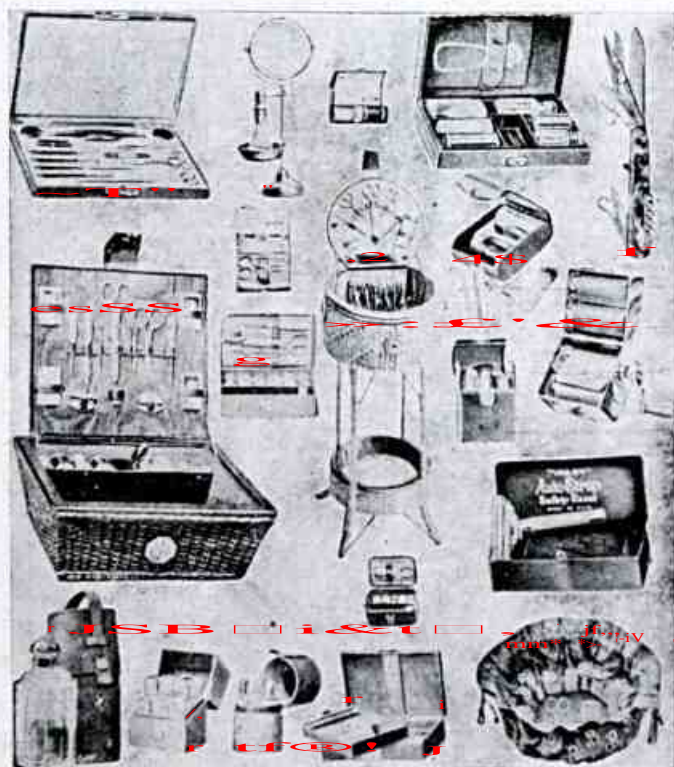
— E' a primeira vez que os dáteis dão rapidamente fructos tão deliciosos.

Seduzido pela réplica, Casaroes ordenou que entregassem ao velho agricultor outros mil denares. E o ancião disse:

— O mais extraordinario é que estes dáteis deram fructos duas vezes seguidas.

No auge do contentamento, Casaroes o gratificou com outros mil denares, fazendo votos para que sua longa vida terminasse em paz e felicidade.

Peor a emenda do que o soneto...

QUANDO o senhor Viviani, ex-primeiro ministro de França, visitou a Argentina, depois da guerra mundial, sendo eu, uma noite, seu vizinho de que, num jantar intimo, ouvi do illustre estadista a declaração seguinte:

CASA YORK

inaugurou, sumptuosamente, os seus grandes e luxuosos armazens.

Parte das pessoas que compareceram ao acto inaugural. — Em cima: Dando ingresso ao publico

DUAS LENDAS DO ORIENTE

(CONCLUSÃO)

— Que de todas as lendas do Oriente que conhecia (o senhor Viviani havia nascido na Argelia), achava que a que nos chamamos "Peor a emenda do que o soneto" é uma das mais engenhosas e divertidas.

E' obvio dizer que tal declaração da parte do eminente homem de estado despertou a curiosidade dos commensaes e sobretudo do bello sexo presente.

Com effeito, essa lenda é muito popular e muito divulgada em todo o Oriente.

Eil-a aqui:

Contam que o famoso e grande califa Harun-al-Rachid perguntou, um dia aseu poeta e bufão Abu Nawas, si era capaz de commetter uma falta cuja desculpa fosse peor e muito mais grave do que o proprio acto, promettendo gratifical-o generosamente em tal caso.

Abu Nawas deixou passar algum tempo, e um anoitecer, sabendo que o califa Harun-al-Rachid ia passar por uma ponte meio escura, se foi occultar detraz de uma columna, e quando o califa passou, elle o beliscou fortemente na perna...

Ante esse gesto tão confiado, insolente e inaudito, Harun-al-Rachid, com os olhos chammejantes de raiva, se voltou, e, com grande surpresa, viu Abu Nawas de joelhos, exclamando:

— Peço-lhe mil desculpas, magestade. Pensei que fosse a rainha.

Ao ouvir tal desculpa, peor e ainda mais grave do que a falta, Rachid, fóra de si, de colera e de indignação, mandou chamar o verdugo. Então Abu Nawas se levantou e disse:

— Perdão, magestade; mas espero o premio promettido e não o verdugo.

E recordou-lhe seu pedido anterior.

Harun-al-Rachid deu bôas gargalhadas da lembrança de seu bufão e, cumprindo sua promessa, o gratificou generosamente.

VARINHA DE CONDÃO

VESTIDOS SINGELOS — Eis o verão com o ouro rutilante do sol abrazador e a concava amethista do firmamento sem uma nuvem.

As praias se vão encher da alegria de banhistas e passeantes em busca da frescura da briza marinha.

Para essas longas estadias sobre a areia alva e morna, e tambem para as horas de repouzo em casa, todas minhas amiguinhas estão por certo cuidando de fazer graciosos vestidos bem singelos e frescos.

Serão de linho, voile ou cretone. Lembrei-me de lhes offerecer esta pagina onde encontrarão por certo alguns modelos que lhes agrade.

O vestido do quadro no centro da pagina, é de cretonne estampada. É enfeitada com casas de marimbondos nos hombros e na saia. Uns franzidos em carreiras bem proximas podem substituir as casas de marimbondos. A saia, assim como a gola terminada em laço e as cavas são beiradas por barra de tecido liso, da côr dominante no estampado. Este modelo tambem po-

(Fig. 1)

de ser executado com tecido liso, beirado de fazenda em tom que combine.

Em cima, as duas moças sentadas, a da esquerda traz um vestido de linho e seda listado. A bluza recorta-se em bicos arredondados frizados de fazenda na côr das listas. O mesmo frizo termina a saia e circunda as mangas. A' direita vestido de voile estampado de flores miudas, a saia é armada com preguinhas sob a bluza recortada em bicos. Gola fichu beirada por uma barra de tecido liso, na côr do fundo do voile.

No quadro á esquerda vestido de cretonne, muito simples, decotado em quadrado, com saia armada em pregas fundas despontada até meia altura. Cinto liso. Ao lado, vestido de cretonne florido, sem cintura. A saia armada em machos prende na bluza com bicos arredondados. Decote em bico. Mangas curtas, simples.

No quadro á direita, vestido de voile liso beirado por um ponto largo de festonê duplo na gola, simples nas mangas. A bluza termina em fundos recortes em ponta sobre a saia armada com dois grupos de pregas na frente.

Vestido de voile estampado. Decote em ponta beirado de vieze liso. Bluza recortada em bicos sobre a saia em pregas. Cinto liso atado na frente. Babados terminando as mangas curtas.

NOVIDADES PARISIENSES — Para os vestidos de noite, uma ampla mantilha de lamê tendo tres pontas, é posta sobre um vestido singelo de crepe setim. Atraz prende-a grande cabouchon de pedras e na frente as duas pontas recahem negligentemente. (fig. 2).

Uma gola, muito nova e original, é de lingerie em dois tons, nuançados ou harmoniosos, sobre um vestido de côr lisa. Com o tecido do vestido debrua-se a gola cujo feitio em tres pontas é gracioso e imprevisto (figura 3).

(Fig. 2)

DOCES PARA O NATAL — Natal e Anno Bom vêm proximo e todas as donas de casa já se preoccupam com os doces que farão para essas datas de alegria e festejos em familia. Por certo se hão de interessar por estas duas receitas singelas e de facil execução.

Pudim de Amendoas: 1 ½ chicara de aveia Quaker, 4 chicaras de leite a ferver, ¾ de chicara de assucar, 1 colher de chá de sal, 2 gemmas de ovos, 2 claras de ovos, 1 chicara de amendoas com a pellicula removida, ½ chicara de passas de uvas.

Põe-se aveia, assucar e sal no leite fervente agita-se e deixa-se cozinhar por meia hora em Banho-Maria. Batem-se as gemmas de ovos com amendoas e passas, despejam-se no leite e deixa-se cozinhar durante 1 minuto. Tira-se do fogo e mistura-se com as claras bem batidas. Vae dentro de um molde de pudim untado com manteiga. Serve-se frio com fructa amassada ou cortada em pequenas fatias ou creme, ou nata de leite.

Pão de ló. Meio kilo de assucar, 24 ovos, 250 gr. de farinha fina, cinco colheres de maizena. Bate-se tudo, muito bem batido, até ficar grossa a massa. Untam-se formas grandes com manteiga e põe-se a massa, que vae ao forno até cozer bem.

CINDERELA

O CARTEIRO

GABRIEL LAUTREC

TOM Joe vacillou muito antes de acceitar o emprego de carteiro. Preferia ser telephonista, mas o sexo não lho permittia. Teve, assim, que acceitar o logar que se lhe offerecia. Reflectindo, acabou persuadindo-se de que era para elle uma sorte inesperada. Não possuia um real. Sua ultima esperança acabava de se dissipar e em vão tentava viver sem trabalhar. Sua velha tia Crusoe, com cuja herança contava, morrêra um mez antes, legando toda a sua fortuna a um vendedor de guarda-chuva des ilhas Tidji. A seu sobrinho só legára, como lembrança, o seu guarda-chuva dos domingos e seu louro...

Na miséria, Tom Joe resolve valorosamente trabalhar. De resto, o emprego de carteiro não era desagradavel. E elle o via com bons olhos. Percorrer ruas, embora com uma carteira pendurada ao hombro, era melhor que ficar no meio da rua.

O dia em que começou a trabalhar foi o mais terrivel de sua vida. Chovia a cantaros. Tom Joe vestia seu lindo uniforme com botões novos. Apesar do guarda-chuva de seda, chegou á repartição molhado até os ossos.

Entregaram-lhe uma carteira que elle pendurou ao hombro, e um grande pacote de cartas, que poz na carteira. Havia cartas de amor, cartas commerciaes, prospectos, cartões postaes, cartas registadas. Tom Joe collocou-as em ordem, poz o bonet e sahiu da repartição.

Fóra, o temporal continuava. Depois de ter tentado alguns passos na rua escorregadia, lutando com o aguaceiro, Tom Joe, desalentado, refugiou-se em um saguão. Dali contemplou melancolicamente a rua. Pensou que devia ainda andar durante varias horas sob a chuva para distribuir todo o conteúdo da carteira. E teve vontade de chorar. Mas conteve-se pensando que era inutil e que, alem disso, já estava bastante molhado.

Por fim, o temporal declinou um pouco. Tom Joe, empunhando o guarda-chuva, se lançou á rua para dar inicio o seu trabalho.

Atravessou três ou quatro ruas. De repente, ao chegar a uma esquina, depois de ter distribuido uma duzia de cartas, sua actividade se immobilizou, ao mesmo tempo que um raio de alegria lhe illuminava a cara barbeada. Deante delle acabava de descobrir uma caixa de lixo.

Então, o excellente Tom Joe tomou uma a uma todas as cartas que lhe haviam sido entregues — cartas de amor, cartas commerciaes, cartões postaes, cartas registadas — e, com gestos nobres, embora cautelosos, deitou pela abertura da caixa. Em seguida, com as mãos vazias, tomou tranquillamente o caminho de sua casa, com a satisfação de haver cumprido o seu dever...

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CINEMA PATHE' PALACE

ESCANDALO — Da Universal

Os scenarios d'este filme syncronisado, (em que ha dialogos em inglez, alguns tão apagados que não se percebe uma palavra) são interessantes, embora já se tenham visto por outras pelliculas. Ha canto, ha scenas de ruas, ha jogo de polo, ha farras de alta sociedade, etc. Tudo isso está mais ou menos visto. Tem, comtudo, o filme um grande valor no que toca á interpretação. E' a "guarda-velha", que sabe fazer filme, isto é, que sabe crear almas na pellicula. Henry Gordon e Laura La Plante são dois artistas de linha, com uma intensa verdade no que fazem. Laura, nos primeiros planos, perde um pouco da sua belleza feminina. Mas, em compensação, que poder formidavel para nos commover. N'esse ponto o filme é bom, como o é por egual na technica. Ha uma cousa imperdoavel na direcção: aquelle pauperrimo tribunal, que não é digno d'uma cidade de luxo.

Cotação — BOM

CINEMA PATHE' PALACE

O QUARTO PODER — D. Fox

Este quarto poder social que a Fox levantou n'este seu filme é um quarto poder que cada vez desce mais nos seus processos. Não ha bôa vontade que o levante, nem elle faz por isso. Lá pelos lados onde o filme se traçou, esse quarto poder, a imprensa, não desceu menos do que por qualquer outra parte: O quarto poder, porém, faz de quando em quando, obras bôas. Foi o que a Fox quiz demonstrar n'esta pellicula que não é um portento de idealisação. Pelo menos não sae da

Como cuidam de sua cutis as "estrellas" do cinema

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretária é uma jovem attrahente e sympathica. E, para que uma mulher resulte assim, não ha mister de outra cousa para ella que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela applicando em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, CERA MERCOLIZED, substancia que é encontrada em qualquer pharmacia e que faz com que a tez a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituida pela cutis nova e encantadora que toda mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda mulher rejuvenesce em poucos dias.

PRESENTE
ideal para homens

NÃO ha homem que deixe de agradecer com sinceridade o presente de um Jogo de mesa Parker Duofold. Á sua vista e ao seu alcance acha-se a Caneta "Parker Duofold," que escreve sem pressão e suavemente.

Os pensamentos vôam, mas com a Caneta Duofold, de peso atomico e inquebravel corpo de "Permanite," é possivel registral-os, sem se cançar o cérebro e a mão.

Bases artisticas que se casam com as variegadas côres das canetas.

Só é legitima a Caneta que tem no corpo a inscripção
"Geo. S. Parker Duofold"

Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
R. Buenos Aires, 208, loja — Rio de Janeiro

Parker
▼ Duofold

Natal!

Orthof

Dia de emoções gratas. Não esqueçaes de presentear a vosso amigo e de ter á mesa o producto que se tem imposto a milhões de consumidores, pelo seu alto poder nutritivo e especial sabor:-

MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORÉ

SECÇ. PROP.
MOINHO INGLEZ
J. P.

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

vulgaridade corrente quer no enredo, quer na ensecenação, quer na interpretação. A parte technica propriamente traz a marca Fox e isso basta. Bôa como é, no emtanto, não exerce influencia para valorisar um filme que quer ter azas, mas não vôa. Emfim, a gente não sae aborrecido, mas os amigos da Fox, entre os quaes nos contamos, não saem muito contentes.

Cotação — SOFFRIVEL

CINEMA IMPERIO

AS QUATRO PENNAS — Da Paramount

"Beau Geste" creou escola e boa escola. N'este filme, propriamente não ha artistas; ha situações, e situações que attingem, por vezes, o maximo na dôr humana. O ponto essencial do enredo é um caso de psychologia bastante conhecido. Muitas vezes, um homem que dá mostras apparentes de cobardia, aguarda apenas o momento preciso para definir o seu caracter e tornar-se um heroe. E' um facto muitas vezes observado mormente entre militares. O que n'este filme se torna digno de sinceros e calorosos aplausos é a organisação do ambinte dentro do qual esta alma de heroe se desenvolve. São trabalhos estupendos de realisação, d'uma verdade e d'um poder suggestivo incomparaveis. A interpretação é em geral boa, se bem que não haja o que propriamente se poderia chamar grandes papeis. Destaque-se comtudo, em bôa justiça o trabalho de William Power.

Ctação — BOM

Depois de examinado por illustres occulistas foi julgada incuravel a sua cegueira

ELPIDIO HYPOLITO DA SILVA (o curado)

Com o uso constante do ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira, acha-se completamente curado, tanto que hoje occupa-se em serviço de escriptorio.

O Illmo. Sr. Dr. Dionysio de Magalhães, attesta a veracidade da cura.

Rio Grande do Sul — Arroio Grande, 24 de Agosto de 1928.

O documento, narrando minuciosamente esta cura, acha-se em poder dos fabricantes — VIUVA SILVEIRA & FILHO, á Rua da Gloria, 62, Rio de Janeiro, com as firmas devidamente reconhecidas.

Grande e poderoso **ELIXIR DE NOGUEIRA**, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira. Continúa de successo em successo, devido ás suas curas maravilhosas, algumas das quaes causam verdadeiro ASSOMBRO!

AGUA DO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS — RHEUMATICOS — DIABETICOS

A's refeições

VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

O que nem todos sabem

As melhores perolas são as do golfo Persico, onde se occupam nessa pesca mais de cem mil homens, entre arabes, persas e negros.

•

A Torre Eiffel de Berlim distingue-se da de Paris, em primeiro logar, pela sua altura, que é só de 125 metros, e, em segundo logar, porque não foi construida por Eiffel. Parecendo-se com a de Paris pela sua forma, é tambem o monumento mais alto da cidade e o mais popular. Não ha visita a Berlim completa sem uma ascenção á "Funkturm", ou Torre do Radio, que assim se chama, de facto, a "Torre Eiffel" de Berlim. Inaugurada ha quatro annos, o visitante n. 900.000 entrou em um dos ascensores durante a recente exposição de radiophonia e radiotelegraphia, e antes do fim do anno espera-se que chegue a receber o primeiro milhão de visitantes.

O panorama de Berlim e arredores, que da plataforma superior da torre se observa, é verdadeiramente soberbo. Na primeira plataforma, a uns 50 metros de altura, acha-se installado um excellente restaurante.

•

Um dos principaes centros productores de limões é a ilha da Dominica, nas Antilhas Inglezas. E tão intensa a cultura dessa fructa naquella região, que na maioria dos logares se recolhem os limões só para aproveitar a casca, da qual se extráe um azeite aromatico, empregado na fabricação de perfumes e licores, botando-se fóra o resto.

•

Qual é a origem do vocabulo "bock", dado ao copo de cerveja?

A palavra "bock" appareceu em Paris em 1800, mas não exactamente no mesmo sentido que hoje tem em França e em quasi todos os paizes. Servia, naquella época, para designar uma qualidade de cerveja muito apreciada na Allemanha e fabricada em Munich por um industrial que se chamava Bock.

Essa cerveja agradou extremamente em Paris, onde era bebida em copos de forma differente dos outros, e custava dez centimos mais caro.

Os estabelecimentos de segunda ordem começaram a servir essa cerveja, só encontrada, ao começo, nos cafés mais luxuosos, e deram a denominação de "bock" a todas as bebidas congeneres, qualquer que fosse a sua procedencia.

E desse modo o termo se popularizou.

•

Mr. Anton Hanahan, em uma viagem a pé pelo mundo, percorrendo uma extensão de 55.560 kilometros, teve de gastar cem pares de calçado.

Alivia

ESTÁ RESFRIADO?
TOME
JATAHY-GRINDELIA
TOSSES
BRONCHITES
ROUQUIDÃO

ANTES
DEPOIS

TOSSE REBELDE,
BRONCHITE,
ROUQUIDÃO, GRIPPE,
ASTHMA,
MAGREZA,
LARYNGITE.
TONICO DE VALOR.
PULMOGENOL
A SAUDE DOS BRONCHIOS E DOS PULMÕES
NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO
405 - RIO

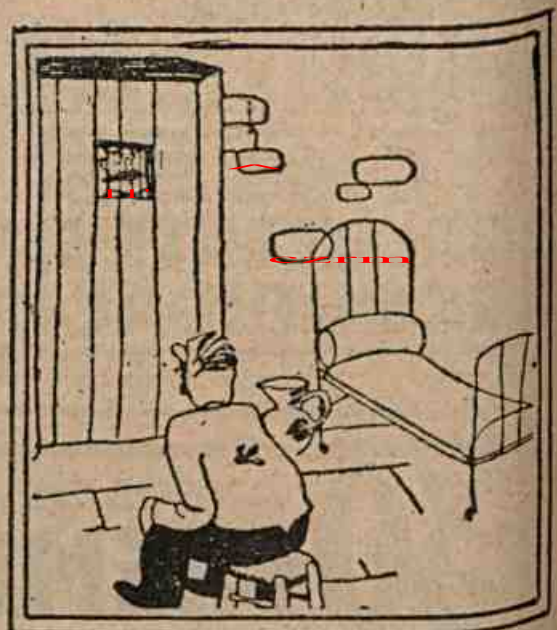
ESPIRITO ALHEIO

A gorda. — Descobrirá papae que vim ao baile.
O magro. — Si elle tem sismographo em casa, já descobriu, senhorita...

A enfermeira. — Que barbaridade! Sua temperatura chegou aos trinta e oito e meio!
O jogador da Bolsa (distrahido). — Quando chegar aos quarenta, venda!

A dona da casa (absorvida por suas obrigações sociaes). — Mas, Juanita, quem é esse senhor, que te está beijando, e que não conheço?
A filha. — Ora, mamãe! E' papae!

— Doutor, aqui me dóe toda vez que respiro.
— Assim? Mas, por que diabo respira, então?

— Escuta, papae: lembraste ainda em que occasião chegaste a conhecer mamãe?
— Sim. Em um banquete e recordo-me até que eramos treze commensaes...

O guarda. — Você esteve levantado esta noite. Que diabo fazia?
O condemnado. — Nada. O que sempre faço. Estive verificando si a porta estava fechada...

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, pregalho com fivela de metal. Luiz XV, cubano, médio.

42$ Em fina camurça prata.

Pellica envernizada preta, com cinza ou beije, salto baixo:

Os ns. 28 a 32	25$000
Os ns. 33 a 40	28$000

Todo preto, menos 2$000.
Porte, 1$500 em par.

32$ Fina pellica envernizada, todo preto, ou combinação de Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano médio.
Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com lagarto na gaspea:

Os ns. 17 a 26	8$000
Os ns. 27 a 32	10$000
Os ns. 33 a 40	12$000

Em marco beije, mais 2$000.
Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a
JULIO DE SOUZA

A ENTERITE

resultado de uma má digestão

Muito a miudo aquelles que soffrem de dôres intestinaes commettem o grave erro de descuidar o seu estomago. Se tem dôres dos intestinos, sejam ellas de que especie forem, fique certo que o seu estomago se acha em más condições. Uma das funcções mais importantes do estomago é de proteger o intestino, e se esta protecção é apenas parcial os incommodos do intestino serão o seu resultado. Comece pois a cuidar o seu estomago fazendo uso da Magnesia Bisurada, que neutralisa immediatamente todo o excesso de acidez estomacal, suavisa as paredes irritadas de este orgão e permitte aos alimentos de passarem pelo intestino nas proporções normaes e a um grau invariavel de acidez e de temperatura. Evitará assim ao intestino um trabalho supplementar que é grave para elle, assim como toda inflammação e dôr desapparecem. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se reconhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. É empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio.

Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Não mancha as unhas.

2.° Qualquer pessoa póde applical-o.

3.° Resiste á lavagem mesmo com agua quente.

4.° Secca instantaneamente.

5.° Deixa um brilho e coloridos inegualaveis que duram 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal, 1379 — São Paulo

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139
(Copacabana)
Tel. Ipanema 0315

GRATIS

PELA garantia que cobre as canetas e lapiseiras

CONKLIN ENDURA

o fabricante se obriga a concertar ou trocar toda ou qualquer parte, gratis, aconteça o que acontecer; a

CONKLIN ENDURA

é fabricada para prestar um serviço perpetuo. Feita de material inquebravel e no mais bello sortimento de côres

Representante Geral:

M. BASTOS

C. Postal 1632 Tel. Norte 6286

Rio de Janeiro

O JORNALISMO
:: DO FUTURO ::

— Muita gente?

— Pouca, muito pouca. Já não intessa a ninguem a segunda representação de um espectaculo de que se viu na estréa...

— ...?

— ... e, neste caso, a chegada dos naufragos são na um attractivo para o publico, ávido sempre de novidades. Já conheceu a novidade quando da chegada, ha apenas um anno, de um nucleo de sobreviventes de outro tragico episodio maritimo. Desta vez, não o era. Dahi, a falta de espectativa popular pela chegada do vapor que os conduzia e a ausencia de publico na esplanada do porto.

— No emtanto, a nota para o jornal...

—... será feita, embora ainda não saiba como possa dar-lhe a fórma de tal ao pouco que ali havia. Mas não se intranquillise, amigo secretario. Algo farei... E' pena que, em vista do fracasso do quadro que podia offerecer-me uma massa de povo ansioso, o animo se me tenha cahido... Mal tenho vontade para escrever a mera noticia...

— E' preciso coragem, rapaz. O jornal não póde perder a nota da chegada dos naufragos. Escreva-a o melhor que possa, tirando-lhe o maior effeito possivel, sem esquecer, embora hoje lhe haja parecido que não, que sempre ha alguem, aqui ou em qualquer parte, que espera ansioso o jornal, porque este (já o disse o celebre escriptor Max Nordau) é a opinião dos que não pensam... Animo, pois, e apresse-se. Falta pouco para fechar as ultimas paginas, e a edicção precisa sahir completa... Estamos?

— Sim, amigo secretario, sim. Você sempre tem razão. Mas, qualquer um escreve sem animo, sem ter siquer as commodidades que dão a um simples amanuense ou escrevente de repartição, porque o jornalista moderno...

— Bem, bem, bem... Vá escrever a nota, que o tempo está correndo.

— Ainda não, amigo secretario. Antes, tenho que emittir meu juizo a respeito, embora você não o queira ouvir. O jornalista moderno, uma vez conseguida a nota ou conseguida a *reportagem*, não devia esprevel-as nem a mão nem a machina, sendo preferivel este ultimo systema ao primeiro, ainda que para isso, usem a *estylographica*, que economisa o grande tempo que se perde em molhar a penna no tinteiro... Devia chegar á redacção com seu trabalho já terminado no mesmo logar do facto, tachigraphado, ou á medida, que se vae produzindo o motivo do artigo, da nota, da entrevista, da gazetilha, do suelto, etc.

POR

HENRIQUE N. ORECCHIO

etc., e entregal-o ás officinas para ser composto directamente pelos linotypos...

— ... desde que os linotypistas saibam tachigraphia.

— Não me deixou completar o pensamento, amigo secretario. Disse que o entregaria ás officinas para que o compuzessem directamente os linotypos e não os linotypistas, pois estes, como é logico suppôl-o, não vão ter duas profissões simultaneas: a actual e a de stenographo... O ideal seria que o chronista fosse tambem um veloz e consummado dactylographo, e, que uma vez em sua mesa de redacção, fizesse a traducção de sua chronica ou de seus apontamentos com uma machina especial sobre uma folha de papel que, em vez de escrever letras de typo como nas actuaes, marcasse buracos de fórma e tamanho diversos...

— Buracos, rapaz?

— Sim. Buracos de fórma e tamanho diversos para que, posta a folha de papel no linotypo, compuzesse rapidissimamente o texto. Numa palavra: fundir os lingotes em um linotypo sem linotypistas...

— Não diga disparates, rapaz, e cale-se por favor!...

— ... dirá que é uma barbaridade minha affirmação, não é assim?

— Talvez não diga tanto. Mas, algo parecido, sim.

— Pois, tanto você como elle estarão equivocados si assim pensam, amigo secretario... Esta faceta do jornalista moderno, por que são muitas as que este deve possuir, tem solidos fundamentos scientificos em que se apoiar: o rolo do autopiano, esburacado como proponho que seja o novo papel para o chronista escrever, não produz, porventura, as notas exactas da partitura original?

— Sim, é verdade.

— O systema do telegrapho Baudot, — supprimindo o telegraphista propriamente dito, porque o classico ponto e traço do alphabeto Morse quasi já não é utilizado por ninguem, não permitte que no extremo opposto do cabo submarino appareça escripto o despacho sobre o formulario que vae receber o destinatario?... Si já existem o piano sem pianista e o telegrapho sem telegraphista, como existe o phosphoro sem phosphoro, por que o linotypo sem linotypista ha de ser um absurdo?... Por que isso não ha de ser o ideal para a imprensa de um futuro nada longinquo, já que a premusa do tempo nos atormentará muito mais do que faz hoje?... E não me detenho nisto: vou mais longe, muito mais. O jornalista, não digo o do futuro, mas o de hoje mesmo, devia

O JORNALISMO DO FUTURO

(conclusão)

ser photographo tambem. Mas não com machina corrente, de placas rigidas de vidro ou rollos de celluloide: com machina cinematographica portatil para imprimir nitidamente, e no momento preciso de se produzir quatro ou cinco aspectos differentes, da pessoa que se entrevista, da rua que se percorre ou do acontecimento a que se assiste, sem ter que dar instrucções ao reporter photographico que, algumas vezes, não interpreta o pensamento do chronista, e muitas outras — a mais seria! — não acerta nem approximadamente a scena que lhe foi suggerida... A pellicula dessa machina photographica portatil, que póde ser cortada tantas vezes quantas se queira no quarto escuro, daria varios quadros de uma mesma semos essas neo-photographias com o apropriadis scena. Que lhe parece, amigo secretario, si baptisas- simo nome de *cinephotos*?... As notas jornalisticas, então, seriam mais interessantes e attrahentes, pois, em vez dos habituaes rectangulos e ovaes mais ou menos arabescados ou recortados, aquellas estariam adornadas de multiplos *cinephotos* que apresentariam um mesmo assumpto sob diversos aspectos...

— Tudo está muito bem. Mas...

— Já termino, amigo secretario. O jornalista futuro, que será tachigrapho, dactylographo e *cinematographo*, para completar seu ideal de celebridade maxima, imporá a suppressão das rotativas atcuaes...

— ... e preconizará a volta ás machinas de volante movidas a mão, não é assim?

— Não é assim, amigo, secretario... Que esperança!... Preconizará, como eu o preconizo desde já, a suppressão da actual rotativa, que requer não menos de um quarto de hora para esteriotypar cada pagina de jornal — tempo esse que se inverte em fazer a matriz no papelão, verter o metal no molde tubular ou em fôrma de meia lua para confeccionar o clichê, esfrial-o, resvalal-o e frisal-o. Eu sustento que se deve evitar essa perda de tempo, tanto maior quanto maior e de mais rendimento seja a machina impressora, pois a rotativa simples requer dois clichês para cada pagina; quatro a dupla, ou seja a *duas boccas*; isto, a quadrupla, e deseseis, a octupla. Predigo o advento de um jornalista tachicinematographico, e a dupla creação de um linotypo sem linotypista e de uma machina que possa imprimir no instante de se terminar a paginação...

— Por isso, amigo chronista, predicando com o exemplo, você perdeu quasi uma hora em uma exposição utópica sobre o jornalismo do futuro, esquecendo-se de que o de hoje tambem é premente, e não me entregou ainda a chronica da chegada dos naufragos...

— E' verdade. Mas essa mesma perda de tempo que me censura vem corroborar a verdade de minha theoria: si tudo, em um jornal moderno, fosse como eu prevejo, a noticia não já estaria redigida, mas tambem, composta, impressa e lida por milhares de leitores. Mas, como os jornaes modernos não caminham ainda de parceria com o progresso...

— ... a noticia não apparecerá, pois neste momento, como você o ouve, a rotativa começou a andar e o jornal está sahindo...

Ao Léo...

TIC-TOC, tic-toc...

Mlle. vae pela Avenida...

Tic-toc, tic-toc...

Mlle. vem do cinema. A fita foi bella e romantica. Sua cabecinha, vermelha de um gorro, phantasiava, passeiava... o principe dourado já a estreitava nos braços, já a beijava...

Tic-to-tac. Crah!...

Mlle. esbarra com um gorducho. Proposital? Da parte de Mlle., não. O estouvado não se desculpou e mesmo poderia compensar tel-a tirado daquelle sonho?

A sombrinha de Mlle. entrou na casa de chá; depois ella.

Uma unica mesa.

O sorvete de creme tinha sido levemente arranhado, quando um par de oculos sussurrou um *licença* e eil-o sentado.

Cinco horas.

A sombrinha sahe, os oculos tambem.

Um galanteio, outro, "chapeusinho vermelho não tem medo do lobo"?

Mlle. achou graça, apezar de só ter ouvido contar aquella historia. Nunca a tinha lido e para que lêr? Não lêra, mas achara graça e não tinha medo.

Animada ia a conversa, quando o omnibus deixou a Avenida. Copacabana estava linda.

Mlle. febril, nervosa, excitada.

Longe de si qualquer idéa má. Ao contrario.

Hoje essa, amanhã aquella aventura: todas innocentes.

Correm o dia, a semana, o mez, a vida e Mlle. é sempre a boneca interessante, graciosa e futil, chapeusinho vermelho num valle de lobos...

Mas Deus a proteja.

PAULO VICENTE.

AS MOLESTIAS DA PELLE VOS INFELICITAM PELA REPUGNANCIA QUE CAUSAES AOS OUTROS.

"O Hebrin"

É O VOSSO REMEDIO

MEDICAMENTO LIQUIDO, INFALLIVEL E RAPIDO NA CURA DE: ECZEMAS, EMPINGENS, DARTHROS, FRIEIRAS, TINHA, GOLPES, FERIMENTOS, MANIFESTAÇÕES DO ACIDO URICO NA PELLE E TODAS AS MOLESTIAS PARASITARIAS DO COURO CABELLUDO.

VISTA UMA *Bradley* PARA IR Á PRAIA

UM, dois e três! Um mergulho nas aguas tentadoras . . . Uma aposta em corrida a nado . . . . Depois, uma volta pela praia. E sempre olhos carinhosos admiram o bom gosto demonstrado na escolha de uma roupa de banho BRADLEY que imprime maior fidalguia ao corpo esbelto e viril de quem a usa.

Examine-os nos melhores estabelecimentos do ramo ou queira communicar-se com os Agentes:

D. G. COIMBRA

P. O. Box 2025 - 126 Quitanda - Rio de Janeiro - Brazil

BRADLEY KNITTING CO. Milwaukee, Wis. E. U. da A.

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e construirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessôa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 200 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369. Buenos-Aires — Republica Argentina — "Cite-se esta Revista".

OS AMANTES DE VENEZA

Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES CHRONICAS
CAPSULAS de
GOUTTES LIVONIENNES
de TROUETTE-PERRET
Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu
Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias
Appr. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 1-3-1927

Vestia-se sempre de preto. O terno, a camisa, a gravata, o chapéo, as meias, os sapatos, as propria cuecas, tudo, emfim, cheirava a luto recente. Os amigos que o encontravam e desconheciam o seu estado mental, faziam-lhe reiteradas perguntas, desejando saber quem havia morrido em sua familia. Zangado, retrucava:

— Pois não sabias? Não viste nos jornaes do dia 14 a minha morte? Senti muito não teres ido ao meu enterro...

E contava particularidades: as corôas enviadas os pesames recebidos, as pessoas que haviam acompanhado o coche mortuario até a necropole do Araçá, os que atiraram punhados de terra sobre o caixão...

Quando, em companhia de alguem, passava um enterro qualquer, Jayr de Toledo, respeitosamente, se descobria e, compungido, dizia:

— Pobre de mim! Já não pertenço a este mundo transitorio. Vou ser comido, aos bocados, pelos vermes. Dentro em pouco nada mais restará. Só ossos descarnados! Morrer na minha edade, sem ter gozado a vida, até chega a causar pena... Não é verdade? Ainda bem que os jornaes noticiaram o meu desapparecimento.

E de seus olhos, fixos nos carros que passavam, rolavam duas lagrimas...

O Homem que vivia morto

(conclusão)

VII

A minha missão de reporter, certa vez tive necessidade de visitar o Juquery. Os meus amigos do Rio devem saber o que aquillo é. Abstenho-me, portanto, de descrevel-o.

Quando visitava os pobres dementes, alguns doceis, outros furiosos, numa das cellas se me deparou Jayr de Toledo. Muito abatido, barba comprida, olhos quasi fóra das orbitas, causava dó e espanto. Falei-lhe. Pareceu reconhecer-me.

— O sr. trabalha na imprensa, não é exacto?

— Adivinhou.

— Pois lhe dou parabens. Gostei muito da sua noticia sobre a minha morte.

O homem, por mais forte que seja, é todo instincto. Recuei dois passos. Elle, entretanto, deu pela cousa.

— Não precisa ter medo. O sr. já não me conhece?

— Sim, é verdade... creio... parece... não sei... — foi só o que consegui balbuciar.

— O sr. então não se lembra de mim? Pois eu sou o Vanzetti...

Senti um frio percorrer a minha espinha dorsal. O outro continuou:

— Sou o Vanzetti, o pobre e infeliz companheiro do anarchista Sacco. Morri na cadeira electrica, nos Estados Unidos. Não tem importancia. Assim como o meu amigo, tive uma morte digna. Estou contente commigo mesmo. Posso me felicitar...

Isto se passou ha um anno. De então para cá não tive outras noticias do homem que vivia morto.

ARMANDO BRUSSOLO.

(Do livro "O homem que matou o demonio", em preparo.)

A Luz Eterna

O céo estava cinzento, intensamente cinzento com esse triste tom de chumbo no qual nem siquer se entrevê um só retalho de matiz azul. O ar estava carregado de humidade, e ao longe, onde o deserto arenoso se confundia com o horizonte negro e ameaçador, fulgurava, de quando em quando, como clarões de um pharol phantastico, a cadaverica luz dos relampagos.

Pelo vasto areial, mergulhando as gastas sandalias nas dunas, apoiando-se num tosco bastão de nodosa madeira, e exhausto sob o peso de um alforge que carregava em suas costas macilentas, avançava lentamente um velho peregrino, cuja calva estava coberta por um pequeno fez descolorido. Brilhavam-lhe no rosto dois olhos vivos e faiscantes, emquanto um escasso bigode cahido, juntamente com uma rala barba, lhe emmolduravam a bocca.

De momento a momento bamboleava a cabeça, como um automato, em um gesto de amargo desconsolo. Elle monologava:

— Miseria!... Vagueia por povoados e desertos. Morei entre nómades e monarchas poderosos, e em todos notei a inconstancia imbecil. Nada ha que dure toda uma vida. Só tu, Alah, és eterno! Só tu viverás pelos seculos dos seculos, contemplando tuas obras immortaes!... Ha algum homem que possa fazer vibrar um sentimento sem esquecêl-o nem na hora da morte? Ha alguma cousa, porventura, que seja commum nos homens todos, que haja brilhado desde as augustas soledades velhas e ainda continúe pelas centurias do futuro?

"Nada! As cidades orgulhosas derribaram suas tradições. As nações antigas esqueceram na morte suas glorias e riquezas e conquistas. Os grandes pensamentos se acham sob o pó, descansando com aquelles que os deram á luz. Só restam visões de chimeras, vestigios e despojos que os abutres do tempo descarnaram.

"Vaguei muitas decadas, e em minha vida só vi o esquecimento, a inconstancia e a destruição. Só vi esposos esquecendo suas esposas; filhos que mataram ou roubaram seus paes; soberanos entregues á pilhagem e saque de seus povoados: idéaes que, ao primeiro impulso da victoria, se atiraram ao abysmo insondavel do fracasso... Póde então existir só uma cousa que fulgure desde outr'ora até o futuro no espirito ambicioso dos homens?"

O bastão lhe havia cahido da ossuda mão. Elle julgava ouvir uma voz... e era verdade. Alguem lhe falava. Elle ficou com medo. Não havia ninguem alli. Um ligeiro tremor agitava-lhe a mandibula, e num supremo esforço balbuciou:

— Quem é que me fala?

— Não te importes, santo varão — respondeu-lhe a invisivel bocca. — Não te importes, mas escuta. Tu dizes que não ha nada eterno na vida da humanidade, e esqueces que a eternidade existe emquanto existe quem possa definil-a. Os pensamentos vivem emquanto vivem quem os engendra. Sinão, tudo é cousa que se foi. Cousas de um dia, das quaes ficam apenas aromas de recordações.

"Não fales de eternidade, então. Pois nem Alah, sendo Deus, póde lavral-a.

"Mas agora te advirto que ha algo, que, nascido com os primeiros homens que pisaram o planeta, só quando, entre ruinas pavorosas se agitar o mundo, e o ultimo homem esteja agonizante, morrerá com seu fatal suspiro...

"Ah, fazes uma careta de incredulo. Pois bem, olha atraz de ti; no céo, e dize-me que é que contemplam tuas pupillas".

— Voz mysteriosa: vejo flammejar uma luz esverdeada no proprio céo.

— Pois bem. Essa luz que vês arde nas almas de todos os humanos e só se apaga quando o primeiro dos hálitos mortaes invade, com sua frialdade de gelo, as almas. Todos, todos a têm, e todos a alimentam. Só desapparece com a existencia mesma. Alli tens esso algo sempiterno que procuravas. Mas sei que não crês, e, portanto, te faculto que vejas si é verdade o que te digo. E si alli ficares, morrerá tua carne, mas o espirito viverá ainda entre teus ossos, até que a fraca luzinha se consuma para sempre, e só então te direi como se chama e si eram reaes minhas palavras...

A voz extinguiu-se como um trovão que retumbasse, cada vez mais longinquo, no humido ambiente.

O peregrino suppoz ter sonhado, mas ao erguer os olhos viu no céo cinzento o brilho esverdeado de um pequeno pennacho de fogo.

Pensou um momento e depois, sentando-se no alto de uma duna, á maneira mulsumana, cruzou os braços, e, com os olhos cravados no infinito, a ansiedade reflectida no rosto, esperou...

* * *

E conta a lenda que as caravanas que atravessavam aquellas terriveis solidões contemplavam, em cima de um elevado monticulo arenoso, uma ossamenta humana que, descansando no solo, á oriental, dirigia suas fossas sombrias ao vasto azul, como si alguma cousa esperasse do alto...

E talvez algum dia, dentro de muitos seculos, ou de muito poucos annos, se parta o mundo convulsivo em mil pedaços, e pelo espaço enorme resôe novamente a voz, e então desappareça em pó o branquissimo esqueleto, e se apague a chamma de um só sôpro, emquanto que, entre os estrondos de surdos cataclysmos, se escute o éco que repita: "Aquella luz era a luz da Esperança!..."

CLAUDIO SOMBRAS

TERRA CANÇADA

Padeço ao ver o aspecto de fadiga
Destes morros despidos de floresta,
Onde, apenas, a medo, nasce a urtiga,
Que o sol, em dias de bochorno, cresta.

Que tristeza em ti vae, terra mendiga!
A mão que te despiu foi deshonesta,
Que aquella tua garridice antiga
Era prenuncio de fartura e festa.

Sangras, nas tuas erosões continuas...
O pegureiro que te vir da estrada
Ha-de compartilhar desse teu luto.

Tuas maguas — ó misera! — defino-as:
Tambem sou como tú — terra cançada,
Que nunca, nunca mais darei um fruto!

BENEDICTO CESAR.

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA

Loção Brilhante

PATENTE N. 5739

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto n. 1213 de 6 de Fevereiro de 192[illegible]

Recommendada pelos pri cipaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A Loção **Brilhante**, pela sua poderosa acção tonica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A Loção **Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A Loção **Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A Loção **Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de alopecia de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos-pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A Loção **Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir pelo meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A Loção **Brilhante**, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.° — E' absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2.° — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.° — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.° — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam a saúde do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a Loção Brilhante pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A Loção **Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte: Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de Loção **Brilhante** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **Loção Brilhante.**

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante.**

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante.** Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **Loção Brilhante** no seu fornecedor, côrte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico bacillar.

(Direitos reservados de reproducção total ou parcial)

Unicos cessionarios para a America do Sul:

ALVIM & FREITAS — Rua Wenceslau Braz nº. 22-sob.
S. PAULO. C. Postal, 1379

COUPON (F. - F.)

Srs. **ALVIM & FREITAS** — Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 8$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de **LOÇÃO BRILHANTE.**

NOME ....

RUA ....

ESTADO ....

CIDADE ....

Underwood
UNDERWOOD
Nº 5
UNDERWOOD STANDARD TYPEWRITER
Nº 5